

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – CURSO DE MESTRADO

MATHEUS DE MOURA DOS REIS

**O ENSINO REMOTO, O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM E A
INFRAESTRUTURA PARA O TRABALHO COM A TECNOLOGIA NO ENSINO DE
GEOGRAFIA DURANTE A PANDEMIA**

MARINGÁ - PR

2023

MATHEUS DE MOURA DOS REIS

**O ENSINO REMOTO, O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM E A
INFRESTRUTURA PARA O TRABALHO COM A TECNOLOGIA NO ENSINO DE
GEOGRAFIA DURANTE A PANDEMIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de mestre em
Geografia, do Programa de Pós-graduação em
Geografia, da Universidade Estadual de
Maringá

Orientadora:

Prof. Dr. Maria das Graças de Lima

MARINGÁ - PR

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

R375e

Reis, Matheus de Moura dos

O ensino remoto, o processo de ensino aprendizagem e a infraestrutura para o trabalho com a tecnologia no ensino de geografia durante a pandemia / Matheus de Moura dos Reis. -- Maringá, PR, 2023.

175 f.

Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças de Lima.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2023.

1. Geografia - Ensino e aprendizagem. 2. Ensino remoto - Paraná (Estado). 3. Ensino híbrido - Paraná (Estado). 4. Pandemia por COVID-19. 5. Tecnologia educacional. I. Lima, Maria das Graças de, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDD 23.ed. 910.7

Síntique Raquel Eleutério - CRB 9/1641

O ENSINO REMOTO, O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM E A
INFRAESTRUTURA PARA O TRABALHO COM A TECNOLOGIA NO ENSINO DE
GEOGRAFIA DURANTE A PANDEMIA

Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, área de concentração: Análise Regional e Ambiental, linha de pesquisa Produção do Espaço e Dinâmicas Territoriais.

Aprovada em **02 de junho de 2023**.

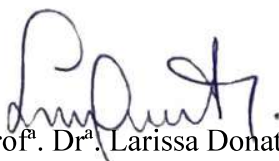
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Maria das Graças de Lima
Orientadora - UEM

Documento assinado digitalmente
gov.br NILTON MANOEL LACERDA ADAO
Data: 08/05/2023 14:23:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Nilton Manoel Lacerda Adão
Membro convidado –IFC



Prof.ª Dr.ª Larissa Donato
Membro convidado – UEM

AGRADECIMENTOS

A Todos aqueles que me apoiaram e por ventura não apareceram nesta singela lista o meu mais profundo obrigado.

Agradeço a Isabel Cristina Alves de Moura, minha genitora que me criou e me apoiou nos momentos mais difíceis, me proporcionando essa oportunidade de estar nesse momento em que estou.

À Maria das Graças de Lima, que teve o olhar atento e atencioso com minhas bobagens e desaparecimentos durante esses dois anos, mas por principalmente me incentivar a percorrer essa jornada que trilhei até então.

À Daniela Dias do Nascimento, minha companheira de todas as horas, agradeço pelas broncas, conselhos, reflexões e principalmente por me ajudar a ser melhor a cada dia todo dia.

À Gustavo Gabriel Garcia, que me auxiliou nas minhas reflexões sobre a educação, me ajudando a construir o pensamento exposto nessa dissertação

À todos meus colegas professores, sem vocês parte crucial dessa dissertação não teria sido possível.

À meus queridos alunos que me motivaram a continuar e me fizeram aprender mais do que jamais havia aprendido até então.

À Valdecyr dos Reis, que mesmo distante sempre me auxiliou

À Roldão Alves de Moura, principal figura que me deu essa oportunidade de ingressar no Mestrado

À Alcebiedes Alves de Moura, Lucimara Pontara e Sueli Alves de Moura, que na infância me incentivaram a seguir o caminho acadêmico que percorro até hoje.

À Angelo Gabriel da Silva, meu grande amigo sempre de prontidão em todas as horas.

Agradeço a CNPq pelo financiamento através de bolsa de estudos fornecida pelo programa para a concretização desse trabalho

A Todos o meu mais singelo, porém cheio de Gratidão, Obrigado.

RESUMO

A pandemia de COVID-19 trouxe mudanças significativas para o ensino em todo o mundo, forçando escolas e professores a se adaptarem rapidamente ao ensino remoto. O processo de ensino-aprendizagem foi afetado em todos os níveis de educação, incluindo o ensino de geografia. O uso da tecnologia e a infraestrutura necessária para a realização do ensino remoto se tornaram essenciais para manter os alunos envolvidos e conectados com o conteúdo. Neste contexto, o ensino de geografia tem sido desafiado a encontrar maneiras criativas de ensinar conceitos geográficos e explorar as relações entre os fenômenos sociais e ambientais, utilizando recursos digitais e plataformas de ensino online. Essas ferramentas permitem aos alunos aprender de forma interativa e colaborativa, mesmo que de maneira remota. No entanto, é importante destacar que o ensino remoto requer uma infraestrutura adequada para que professores e alunos possam se conectar e colaborar. Isso inclui acesso à internet de alta velocidade, dispositivos digitais confiáveis e software de comunicação e colaboração. Além disso, os professores precisam ser treinados e capacitados para utilizar a tecnologia de maneira eficaz, promovendo um processo de ensino-aprendizagem de qualidade. Nesta dissertação, abordaremos como o ensino remoto tem afetado o processo de ensino-aprendizagem de geografia durante a pandemia e a importância da infraestrutura tecnológica para o sucesso dessa modalidade de ensino. A pandemia evidenciou os problemas que já existiam e que o problema de aprendizagem se dá não apenas em função da pandemia, ou mesmo dos alunos, uma vez que, não importa os recursos que estejam disponíveis na escola se o professor continua utilizando uma metodologia de ensino que pode não ser mais tão eficaz, para isso foi realizado levantamento de materiais bibliográficos acerca do assunto, além de entrevistas com professores do Município de Mandaguari.

Palavra-Chave: Tecnologia, Infraestrutura, Geografia, Ensino e Pandemia.

ABSTRACTY

The COVID-19 pandemic has brought significant changes to teaching around the world, forcing schools and teachers to quickly adapt to remote learning. The teaching-learning process was affected at all levels of education, including geography teaching. The use of technology and the necessary infrastructure to carry out remote teaching have become essential to keep students engaged and connected with the content. In this context, geography teaching has been challenged to find creative ways to teach geographic concepts and explore the relationships between social and environmental phenomena, using digital resources and online teaching platforms. These tools allow students to learn interactively and collaboratively, even remotely.

However, it is important to highlight that remote teaching requires adequate infrastructure so that teachers and students can connect and collaborate. This includes high-speed internet access, reliable digital devices, and communication and collaboration software. In addition, teachers need to be trained and qualified to use technology effectively, promoting a quality teaching-learning process. In this dissertation, we will address how remote teaching has affected the geography teaching-learning process during the pandemic and the importance of technological infrastructure for the success of this teaching modality. We conclude that the pandemic highlighted the problems that already existed and that the learning problem is not only a function of the pandemic, or even of the students, since, no matter what resources are available at school, if the teacher continues to use a methodology of teaching that is no longer effective.

Keywords: Technology, Infrastructure, Geography, Teaching and Pandemic.

RESUMEN

La pandemia de COVID-19 ha provocado cambios significativos en la enseñanza en todo el mundo, lo que ha obligado a las escuelas y a los docentes a adaptarse rápidamente al aprendizaje a distancia. El proceso de enseñanza-aprendizaje se vio afectado en todos los niveles educativos, incluida la enseñanza de la geografía. El uso de la tecnología y la infraestructura necesaria para llevar a cabo la enseñanza remota se han vuelto esenciales para mantener a los estudiantes comprometidos y conectados con el contenido. En este contexto, la enseñanza de la geografía se ha visto desafiada a encontrar formas creativas de enseñar conceptos geográficos y explorar las relaciones entre los fenómenos sociales y ambientales, utilizando recursos digitales y plataformas de enseñanza en línea. Estas herramientas permiten a los estudiantes aprender de forma interactiva y colaborativa, incluso de forma remota. Sin embargo, es importante resaltar que la enseñanza a distancia requiere una infraestructura adecuada para que docentes y estudiantes puedan conectarse y colaborar. Esto incluye acceso a Internet de alta velocidad, dispositivos digitales confiables y software de comunicación y colaboración. Además, los docentes necesitan estar capacitados y calificados para utilizar la tecnología de manera efectiva, promoviendo un proceso de enseñanza-aprendizaje de calidad. En esta disertación abordaremos cómo la enseñanza a distancia ha afectado el proceso de enseñanza-aprendizaje de geografía durante la pandemia y la importancia de la infraestructura tecnológica para el éxito de esta modalidad de enseñanza. Concluimos que la pandemia resaltó los problemas que ya existían y que el problema de aprendizaje no es sólo función de la pandemia, ni siquiera de los alumnos, ya que, por más recursos que se tengan en la escuela, si el docente sigue usando una metodología de enseñanza que ya no es eficaz.

Palabras clave: Tecnología, Infraestructura, Geografía, Enseñanza y Pandemia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
CAPITULO I – TECNOLOGIA, PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM E AMBIENTE VIRTUAL - A PANDEMIA NO BRASIL E SEUS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO.	20
1. AS CONDIÇÕES DA ESCOLA E O IMPACTO DA PANDEMIA	20
1.1 A TECNOLOGIA E SEU DESENVOLVIMENTO	30
1.1.2 A era digital e suas possibilidades	32
1.1.3 A infraestrutura na escola e a utilização das tecnologias para o ensino aprendizagem.	33
2. MÉTODOS TRADICIONAIS DE ENSINO-APRENDIZAGEM E O ENSINO CONVENCIONAL DE GEOGRAFIA X METODOLOGIAS ATIVAS E O ENSINO COM TECNOLOGIAS DIGITAIS EM GEOGRAFIA	34
3. AS GERAÇÕES X, Y, Z E MILLENNIALS, SUAS CONTRADIÇÕES E OS CONFLITOS COM A TECNOLIGA.	41
4. O USO DAS TECNOLOGIAS NO ENSINO, DURANTE A PANDEMIA	44
4.1 O USO DA TECNOLOGIA NO ENSINO: UM PASSO PARA FRENTE, DOIS PASSOS PARA TRÁS.	50
CAPITULO II – ENSINO HÍBRIDO, O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E O ENSINO A DISTANCIA X PROFESSORES E ALUNOS.	51
5. O ENSINO A DISTÂNCIA (EAD)	51
6. O ENSINO HÍBRIDO	57
7. O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL	58
7.1. ENSINO REMOTO EMERGENCIAL X ENSINO A DISTÂNCIA - DIFERENÇAS E PERSPECTIVAS.	61
7.1.1 Uso da Tecnologia Educacional	61
7.1.2. Papel do Professor	61

7.1.3 Papel do Aluno	62
7.1.4 Interação	62
7.1.5 Planejamento	62
7.1.6. Perfil do Aluno	62
7. 1.7. Conteúdo Educacional.....	63
7.1.8 Avaliação	63
7.1.9. Formação Docente	63
7.1.10 Foco e Certificação	64
7.1.11 Eficácia?.....	64
8. A INFRAESTRUTURA NECESSÁRIA PARA O EAD NO PARANÁ.....	64
CAPITULO III – REALIDADE DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA E O ENSINO VIRTUAL E HÍBRIDO	66
9. A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E A DESISTÊNCIA POR PARTE DOS PROFESSORES.	66
10. O FRACASSO ESCOLAR, OS ALUNOS DURANTE E PÓS-PANDEMIA.....	74
10.1. OS ALUNOS “NASCIDOS” DA PANDEMIA.	79
11. A REALIDADE DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO VIRTUAL E HÍBRIDO.....	81
12. A REALIDADE DOS PROFESSORES DE MANDAGUARI DURANTE A PANDEMIA E AO RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS	97
ANEXOS	103
ANEXO I -ENTREVISTA, VICE-DIRETORA O., TAMBÉM TRABALHOU COMO PROFESSORA NA ESCOLA MUNICIPAL.	103
ANEXO II -PROFESSORA H., PROFESSORA DE INGLÊS E CIDADANIA E CIVISMO.	108
ANEXO III - PROFESSOR MA., PROFESSOR DE MATEMÁTICA E ROBÓTICA.	114

ANEXO IV - PROFESSORA DE MATEMATICA E FÍSICA	118
ANEXO V -PROFESSORA R. PROFESSORA DE MATEMATICA	122
ANEXO VI -PROFESSORA MAY PROFESSORA DE GEOGRAFIA.	126
ANEXO VII - PROFESSOR A., PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E PROFESSOR DE ECONOMIA EAD NA UNICESUMAR	133
ANEXO VIII - PEDAGOGA AL.....	139
ANEXO IX -PROFESSOR M. PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.	146
ANEXO X – G. PROFESSORA DE GEOGRAFIA.....	154
ANEXO XI - PROFESSOR R., PROFESSOR DE CIENCIAS	160
ANEXO XII - PROFESSORA M. PROFESSORA DE INGLÊS.....	163
ANEXO XIII - PROFESSORA V. PROFESSORA DE MATEMÁTICA E CIDADANIA E CIVISMO E ENSINO RELIGIOSO.....	169

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, de carácter investigativo nasceu com objetivos completamente diferente daqueles que agora são propostos, uma vez que, inicialmente o que realmente me gerou incômodo - isso, antes de tudo desatar e ir por água abaixo na pandemia - foi observar como alguns colegas estavam tendo dificuldades na utilização das tecnologias digitais.

Fruto da Escola pública do Estado do Paraná, isso vindo desde a Primeira Série, quando ainda existiam escolhas do fundamental I no Estado até a minha graduação na Universidade Estadual de Maringá e filho de mãe solteira que sempre me incentivou nos estudos, acabei por sempre ver a Escola como minha segunda casa, então, minha transição para a docência foi algo natural, afinal, hoje, em minha singela maturidade, consigo perceber a importância que cada professor teve na minha vida, na minha formação enquanto pessoa, portanto, nada mais justo que eu retribuísse tudo isso de volta, seguindo os passos daqueles ajudaram na minha construção.

Dessa forma, chego na educação, cheio de sonhos e esperanças, com vontade de mudar e fazer meus discentes enxergar a beleza da educação, fazendo-os voar mais alto daquilo que eles jamais sonharam, uma vez que, para mim, a educação, o conhecimento liberta. Mas, ao me deparar com a real situação da escola - coisa que eu já convivia, mas, como discente, algumas coisas nos passam despercebidos, vistos como algo natural - fiquei numa real sensação de frustração, como construir uma educação libertadora, em escolas que mais se assemelha com prisões? Com cores cinzas, cheias de muros, grades, em que os alunos saem, entram ao toque de um sinal? Um modelo de ensino trágico, defasado, antiquado e com um corpo docente adoecido, frágil, desacreditado.

Essas minhas primeira observações me causou uma incrível sensação de incômodo, principalmente quando notei que em relação a alguns colegas professores, que na época – ainda 2019, antes do início da pandemia do COVID-19 – não sabiam utilizar ferramentas simples, como Google Docs, Meet, Power Point, ferramentas básicas utilizadas no ambiente escolar. Portanto, instigado por esse sentimento, decidi que iria tentar entender e investigar por que esse fenômeno ocorria e quem sabe encontrar uma forma de ajudar esses colegas a se capacitarem. No entanto, esse objetivo mudou com a chegada do vírus que me trouxe outro olhar e dessa forma, não consegui mais seguir com meus planos originais e tentar entender como a falta desse conhecimento, impactou no processo de ensino dos adolescentes na pandemia.

Quando finalmente entrei no programa de Pós-Graduação, senti na pele as dificuldades enfrentadas pelos acadêmicos durante a pandemia, uma vez que, realizei as disciplinas e minha pesquisa e levantamento de materiais bibliográficos de forma muito precária, o que me levou cada vez mais a tentar o que estava acontecendo no país durante aquele período.

Em uma perspectiva Geografia do momento em questão Castilho (2020) faz um apontamento interessante, para ele Diferentemente das epidemias ocorridas na China e no México, o novo coronavírus apresenta uma combinação única de rápida propagação e facilidade de acesso a diferentes partes do mundo. Isso se deve à posição econômica atual da China e às extensas redes de transporte aéreo, que contribuíram para a disseminação do vírus, a realidade da globalização, como já dizia Santos (2003) trouxe para o Brasil o vírus através da elite brasileira, e se espalhou como erva daninha por toda a nação, a partir dos bairros nobres do Brasil.

A demora e a falta de responsabilidade das autoridades na implementação de medidas de contenção foram um fator crucial. Em muitos países, os alertas da Organização Mundial da Saúde (OMS) foram emitidos quando milhares de pessoas já estavam infectadas e circulavam livremente. No Brasil, mesmo com restrições e ordens de isolamento em algumas cidades, o vírus já havia chegado às áreas de influência política e aos condomínios de luxo em cidades como São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro. A situação foi ainda mais preocupante pois devido à infraestrutura de saúde insuficiente para atender às demandas habituais e à escassez de testes, o que resulta em um número subestimado de casos confirmados em relação ao número real de infecções. Castilho utilizando Milton Santos como apoio afirmou:

Por mais que alguns vociferem que o barco seja o mesmo, o que nos separa é dramático e tirânico. De um vírus da geopolítica, agora teremos uma verdadeira geografia do caos. Isso porque o vírus que deixou o patrão em berço esplêndido agora se junta a dezenas de outras doenças que já afetavam a saúde da empregada. As duas primeiras mortes registradas no Brasil, de um porteiro de condomínio de luxo e de uma empregada doméstica, demonstram que a proliferação do vírus também traduz um conflito de classe. No mercado informal ou no que Milton Santos (1979) chama de circuito inferior da economia, milhares de trabalhadores estarão impedidos, em boa medida, de exercer a quarentena. Se medidas urgentes não forem adotadas, a fome, os conflitos e a própria epidemia se intensificarão. (CASTILHO, 2020)

Num Brasil em que segundo Barros (2020) muitas casas não possuem água encanada, pia ou lavatório. Em que uma mãe, busca água em um buraco aberto, compartilha com os vizinhos para garantir que todos possam tomar banho. Não possui geladeira nem televisão. Quando questionada sobre como irão lidar com o novo coronavírus, a resposta é: "Moça, às vezes nem temos água para tomar banho todos os dias, imagina para lavar as mãos o tempo todo"

Nesse sentido ficou a pergunta: é possível pensar em medidas de contenção para uma realidade como essa? Como lavar as mãos se nem sabão existe? Como pensar em isolamento social quando cinco pessoas dormem em um único quarto com apenas três colchões? É possível imaginar o diagnóstico nesse caso? Essa imagem não apenas revela a falência de um modelo de produção, vide capitalismo, mas de uma sociedade como um todo, um fracasso na sociedade. Enquanto muitos desfrutaram de suas casas, compartilhando vídeos com sugestões para preencher o tempo livre, enquanto políticos e representantes da burguesia agrária brasileira planejam reformas danosas que foram implementadas, enquanto políticas de isenção fiscal e medidas de socorro são anunciadas para grupos corporativos, um verdadeiro caos se aproximou das periferias. (Castilho, 2020)

Essas questões ficaram ainda mais difíceis na área da educação. O fechamento das escolas, trouxe uma desigualdade educacional no país, uma vez que estas crianças não tiveram uma forma igualitária e efetiva de chegar ao professor, de modo que, adolescentes filhos da elite e classe média brasileira, tiveram acesso ao professor de maneira online, enquanto os discentes principalmente para adolescente em situação de vulnerabilidade e os mais carentes, não tiveram esse acesso, o que além de imoral, necessariamente fere a constituição

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - Pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV - Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; V - Valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas. VI - Gestão democrática do ensino público, na forma da lei; VII - Garantia de padrão de qualidade; VIII - Piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal. (BRASIL, 1988) (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

Com a chegada da pandemia muitas coisas tiveram de ser alteradas para poder comportar a nova realidade que a sociedade Brasileira iria passar. É nesse contexto em que essa dissertação é escrita e nele são realizadas todas as pesquisas e reflexões.

Inicialmente quando pensamos no assunto proposto podemos notar uma certa semelhança entre os temas, uma vez que a tecnologia digital e o ensino remoto estão intimamente ligadas. Mesmo que se passarmos que a alguns anos atrás era comum cursos serem apresentados em TVs ou mesmo o Estudo por correspondência poderia se encaixar nessas classificações, o ensino remoto de hoje não pode ser comparado com o de antes.

Novas interfaces, tecnologias de comunicação instantânea otimizaram esse ensino, de modo que se tornou necessário toda uma nova logística, infraestrutura e criação de metodologias de ensino exclusivas para essa modalidade e ainda sim, com a sua popularidade, encontramos algumas ressalvas que veem a justificar a pesquisa desse tema.

Afinal, pude observar que o ensino remoto evidenciou disparidades sociais entre os indivíduos que compõem a escola, gerando, portanto, uma realidade que necessita ser cuidadosamente pensada e criticamente analisada, visando contribuir para o combate a um possível agravamento da precarização dos processos de ensino e aprendizagem.

Ao nos deparar com essa temática, a primeira coisa que podemos observar é a contradição do ensino ativo x ensino tradicional. A época em que o Brasil atravessa se dá em uma transição, em que, ao mesmo tempo que temos professores nascidos digitais, com facilidade para aprender, pensar e aplicar aulas utilizando os recursos digitais, mas, também temos professores que permanecem no analógico e encontram dificuldades para se adaptar as novas metodologias de ensino e mesmo as novas gerações. Pescarollo (2014) já dizia que professores sempre apresentaram uma dificuldade no aperfeiçoamento digital, pois tem uma preferência em manter a tradicionalidade no ensino. No entanto, com a chegada da pandemia, muitas coisas se transformaram, muitos desses professores foram obrigados a se adaptar, alguns gastando dinheiro do próprio bolso para montar uma infraestrutura, comprando equipamentos (Notebook, celulares, ringlight, móveis adequados ou se adequando como dava) para conseguir trabalhar e ministrar suas aulas.

Foi a partir dessa realidade que essa dissertação se desenvolveu, então, tentamos de certa maneira responder às seguintes questões: Será que os processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos por meio do ensino remoto emergencial promovem uma apropriação qualificada dos conteúdos curriculares? O ensino remoto emergencial se tornou mais um elemento que precariza o trabalho docente? No caso específico do ensino de

Geografia, diante do uso de aulas remotas e de outros aplicativos tecnológicos, será possível alcançar os objetivos dos processos de ensino e aprendizagem? Será que os professores possuem a qualificação indicada para esse tipo de modalidade de ensino? As tecnologias digitais promovem um ensino inclusivo? Como ela pode fazer isso?

Dito isto, essa dissertação contou com a colaboração das entrevistas de professores da Redes Estadual de Ensino do Estado do Paraná (REDE) do município de Mandaguari que juntos demonstraram insatisfação com tudo que ocorreu e nos ajudaram a entender todo esse processo.

Desta forma, para melhor entendimento, dividimos em três Capítulos. CAPITULO I – Tecnologia, Processo de Ensino Aprendizagem e Ambiente Virtual - A Pandemia no Brasil e Seus Impactos Na Educação. buscamos explicar como a tecnologia impacta no processo de ensino aprendizagem e como o desenvolvimento tecnológico, afetou o dia-a-dia dos professores. Também tentamos salientar alguns fatos da pandemia e como isso afetou nas escolas e nas metodologias de ensino, partindo para uma explicação e sugestão de metodologias ativas, a fim de tentar exemplificar algumas formas de trabalho que se pode executar a partir desse princípio.

No “CAPITULO II – Ensino híbrido, o Ensino Remoto Emergencial e o Ensino a distancia x professores e alunos.”, buscamos demonstrar as diferenças entre o ensino EaD, Ensino Híbrido e Ensino Remoto Emergencial, para assim tentar entender e analisar como foi aplicado ensino emergencial no Estado do Paraná durante o período de 2020 a 2021 e seus principais impactos causados nos professores e alunos, no período da pandemia, além de comentar suas possibilidades e desafios.

E no “CAPITULO III – Realidade dos professores e professores de Geografia de Mandaguari durante a pandemia no ensino remoto emergencial”, demonstrando qual foi a situação dos professores e alunos após a pandemia no município de Mandaguari, buscando entender os principais desafios, sucessos e fracassos dessa modalidade, apontando os impactos gerados e suas possibilidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para esta dissertação foi utilizado como metodologia de pesquisa a revisão e estudos de materiais bibliográficos, a pesquisa de relato de experiência, uma vez que o autor, atuou como profissional docente, durante o período de estudo e desta forma, conseguiu em caráter

empírico vivenciar as dificuldades e desafios propostos pelo tema e a realização de entrevistas.

A metodologia de revisão de materiais bibliográficos é uma abordagem comum em muitas áreas de pesquisa e pode ser usada para analisar e sintetizar informações existentes sobre um tema específico.

A revisão de materiais bibliográficos, também conhecida como revisão sistemática ou revisão da literatura, é uma técnica de pesquisa que visa coletar, avaliar e sintetizar informações existentes sobre um determinado tema ou questão de pesquisa. Essa metodologia pode ser utilizada em várias áreas, como saúde, educação, psicologia e ciências sociais, e pode ajudar os pesquisadores a identificar as lacunas de conhecimento existentes em sua área de estudo.

O objetivo principal da revisão de materiais bibliográficos é obter uma compreensão abrangente e sistemática das evidências existentes sobre um tema ou questão de pesquisa, com o objetivo de informar decisões ou práticas futuras.

A metodologia de relato de experiência é uma abordagem comum em muitas áreas de pesquisa e pode ser usada para coletar e analisar informações sobre as experiências pessoais de um indivíduo ou grupo de indivíduos. No caso da Geografia, as análises consideram as informações de grupos e não individuais, porém, como o autor dessa dissertação, também atuou enquanto docente no ano de 2021 e 2022, esse estudo também contará com a experiência individual, uma vez que, nesse caso é quase impossível se manter distante do objeto de estudo, afinal, ela foi presenciada em loco.

O relato de experiência é uma técnica qualitativa de pesquisa que busca compreender as experiências e perspectivas dos participantes por meio de suas próprias narrativas. Isso pode incluir uma ampla gama de temas, nesta dissertação envolveu questões sobre a prática dos professores no ensino remoto emergencial e no retorno às aulas presenciais.

Entrevistas são uma das ferramentas mais importantes para coletar informações em muitos campos de pesquisa, incluindo ciências sociais, ciência de dados e negócios. Uma entrevista bem planejada e realizada pode fornecer insights valiosos e detalhados sobre as experiências, opiniões e comportamentos das pessoas, bem como informações sobre os processos e estratégias organizacionais. Sem uma análise bem estruturada pode virar apenas uma especulação.

Desta forma, a metodologia empregada neste estudo envolveu uma abordagem mista, utilizando tanto o levantamento de materiais bibliográficos quanto a realização de entrevistas presenciais. O objetivo foi obter uma compreensão aprofundada da experiência dos

professores de Geografia em Mandaguari em relação ao uso de tecnologia durante a pandemia e no retorno ao ensino presencial.

Na fase de levantamento bibliográfico, foram realizadas pesquisas em bases de dados acadêmicas, periódicos, livros e outros materiais relevantes relacionados ao tema do estudo. Essa etapa teve como finalidade obter embasamento teórico consistente sobre o uso de tecnologia no contexto educacional, especialmente no ensino de Geografia durante situações de crise como a pandemia.

Além disso, a pesquisa envolveu a realização de entrevistas presenciais com 13 professores sendo professores de Geografia, outros de matemática, inglês, uma vice-diretora, uma pedagoga, um professor de Educação a Distância, que também trabalhou como professor durante a pandemia, um professor de Ciências e um professor de Educação física de Mandaguari. Esses professores foram selecionados de forma intencional, com o intuito de obter uma amostra representativa que contemplasse diferentes perspectivas e experiências. A amostragem não possuiu uma grande quantidade de pessoas, no entanto, como nos fala Gil (2002) as entrevistas tiveram como objetivos um caráter qualitativo e não quantitativo.

As entrevistas foram estruturadas em torno de 6 questões principais, elaboradas para explorar diferentes aspectos da experiência dos professores com o uso de tecnologia durante a pandemia. Essas questões foram formuladas com base nas discussões teóricas levantadas na revisão bibliográfica e nos objetivos da pesquisa. As perguntas foram abertas e permitiram que os professores expressassem suas opiniões, reflexões e experiências de maneira detalhada.

As entrevistas foram realizadas de maneira presencial, na escola em que cada professor exerce sua função como docente, no mês de dezembro de 2022 no período do dia 16 ao dia 19. Esses dias em questão foram selecionados, pois era época de encerramento do ano letivo, portanto os professores teriam mais tempo para ceder a entrevista. Foi selecionada uma sala de aula (vazia em decorrência do período do ano) e ali a entrevista foi realizada. As entrevistas duraram em média 10 minutos, sendo mais curta uma duração de quatro minutos e a mais longa 30 minutos. Essas entrevistas estarão na íntegra em apêndice.

Para essa pesquisa, as transcrições foram feitas utilizando o software online Reshape v2.02. O Reshape é um software de transcrição especializado na língua portuguesa. Ele utiliza Inteligência Artificial de auto-aprendizagem que tem como objetivo captar sons e transcrever em forma de texto. Hoje, ele possui 30 minutos de áudio para teste e minutos adicionais pagos. O tempo de duração para a transcrição de um tempo aproximado de 130 minutos de áudio, o que em média levaria de 4 a 5 vezes mais para transcrever de forma manual, durou

menos de 20 minutos, com uma precisão de quase 95%. O 5% de erro foram corrigidos, conforme necessário direto da plataforma na sua ferramenta de edição.

A análise dos dados obtidos por meio das entrevistas foi realizada utilizando técnicas de análise de conteúdo. As respostas dos professores foram transcritas e categorizadas. A partir dessa análise, foram identificados padrões, tendências e perspectivas comuns entre os participantes, a fim de responder às questões de pesquisa e fornecer *insights* significativos para o estudo.

As questões elaboradas são:

Você trabalhou como professor nos anos de 2020 e 2021?

Como foi sua experiência atuando nesse período?

O estado ofereceu algum tipo de curso ou tutorial para te auxiliar?

O estado te forneceu algum equipamento para atuar?

Quando houve o retorno para a escola, para o presencial, você sentiu uma diferença dos alunos?

Você sentiu diferença com a nova infraestrutura fornecida pelo estado com o retorno às aulas presenciais? ou foi a mesma coisa?

Algumas outras questões foram adicionadas durante as entrevistas conforme as respostas dos professores. Uma pergunta frequente visto que a resposta para a quarta pergunta era sempre “não” era perguntado se o professor ainda utilizava esses equipamentos. Também perguntei se as tecnologias que foram adicionadas na escola no período de retorno da pandemia foram benéficas ou não.

O método de encaminhamento da entrevista foi tentando deixar os professores o mais à vontade possível no intuito de conseguir uma confiança necessária para que pudessem falar de maneira mais adequada, além desse ser um recurso recomendado por Gil (2002) e assim falarem realmente das experiências vividas durante o período da Pandemia do COVID-19, desta forma, não foi utilizado nenhum questionário físico, as perguntas foram formuladas e guardadas “de cabeça” tentando lembrar uma conversa, dessa forma, elas não foram feitas na mesma ordem e quando o professor dizia algo que parecia ser mais interessante para esse estudo, essa parte era mais explorada. Por exemplo, alguns professores atuaram tanto na rede pública, como na rede privada e portanto essas diferenças foram ressaltadas, ainda que o objeto da pesquisa não fosse esse, sempre vale ressaltar essas diferenças, pois elas ajudam a entender de certa forma o contexto atravessado pelo país e como isso aumentou a desigualdade educacional.

O perfil dos professores entrevistados também foi dos mais variados. Todos eram pelo menos especialistas em alguma área, 4 mestres, sendo um deles doutorando, a maioria concursado e três professores era de Processo Seletivo Simplificado - PSS professores contratados da Rede estadual de Educação (REDE) do estado do Paraná.

CAPITULO I – TECNOLOGIA, PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM E AMBIENTE VIRTUAL - A PANDEMIA NO BRASIL E SEUS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO.

1. AS CONDIÇÕES DA ESCOLA E O IMPACTO DA PANDEMIA

A pandemia do COVID-19, que se espalhou pelo mundo a partir do final de 2019, tem sido uma das crises de saúde pública mais graves e desafiadoras da história recente. A partir de março de 2020, quando a doença foi oficialmente declarada uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o mundo inteiro se viu enfrentando um inimigo invisível, com um alto potencial de contágio e letalidade.

A Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus, que foi identificado pela primeira vez em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China. Desde então, a doença se espalhou rapidamente pelo mundo, tornando-se uma pandemia em questão de meses. Nos primeiros dias da Covid-19, muitos dos sintomas eram semelhantes aos de uma gripe comum, incluindo febre, tosse e fadiga. No entanto, à medida que a doença se espalhava, os médicos começaram a notar que muitas pessoas apresentavam sintomas mais graves, incluindo dificuldade para respirar e pneumonia.

No Brasil, o primeiro caso do novo coronavírus foi confirmado no final de fevereiro de 2020. O primeiro caso de Covid-19 no Brasil foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo. Durante os primeiros meses da pandemia no país, houve um aumento significativo no número de casos e mortes relacionados à doença. Em março de 2020, o governo brasileiro declarou estado de emergência de saúde pública de importância nacional, e foram implementadas medidas de contenção, como o fechamento de escolas, comércios e serviços não essenciais em todo o país.

Houve críticas quanto à falta de uma coordenação nacional na resposta à pandemia, e muitos estados e municípios tomaram medidas próprias para combater a disseminação do vírus. Entre os meses de março e maio, o Brasil experimentou um rápido aumento no número de casos e mortes, especialmente nas regiões metropolitanas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Em junho, o país ultrapassou a marca de 1 milhão de casos confirmados e mais de 50 mil mortes relacionadas à Covid-19. Durante esse período, houve também uma série de polêmicas em relação às respostas do governo federal à pandemia, incluindo a demissão de dois ministros da saúde em menos de um mês, bem como a controvérsia em torno do uso da hidroxicloroquina como tratamento para a doença.

Na época autores como Machado e Cavalcanti (2020), mencionaram a discussão em torno da cloroquina e da hidroxicloroquina como possíveis tratamentos para a Covid-19. Os autores destacaram que, apesar de alguns estudos iniciais terem sugerido que esses medicamentos poderiam ser eficazes no tratamento da doença, a evidência científica disponível na época ainda era limitada e inconclusiva. Os autores também mencionaram que a cloroquina e a hidroxicloroquina foram incluídas em protocolos de tratamento em alguns países, incluindo o Brasil, mas que a eficácia desses medicamentos no contexto da Covid-19 ainda não havia sido comprovada por estudos clínicos robustos e randomizados.

Esse processo mais tarde iria se tornar parte do programa do governo, ainda que os estudos futuros comprovassem a ineficácia desses remédios. Mas na época, esse debate inicial se deu de forma voraz.

Em março de 2020, o número de casos de Covid-19 no Brasil começou a aumentar rapidamente. No início do mês, o país tinha pouco mais de 20 casos confirmados da doença, mas até o final do mês esse número havia chegado a mais de 5.700 casos confirmados e 201 mortes relacionadas à Covid-19.

Em 11 de março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a Covid-19 como uma pandemia global. No Brasil, o governo federal declarou estado de emergência de saúde pública de importância nacional em 20 de março, e foram implementadas medidas de contenção, como o fechamento de escolas, comércios e serviços não essenciais em todo o país. No entanto, muitos estados e municípios tomaram medidas próprias para combater a disseminação do vírus, incluindo o fechamento de fronteiras e o isolamento social obrigatório em algumas áreas. No segundo mês da Covid-19 no Brasil, houve um aumento significativo no número de casos e mortes relacionados à doença, especialmente nas regiões metropolitanas de São Paulo e do Rio de Janeiro. O sistema de saúde do país começou a ficar sobrecarregado, com relatos de escassez de leitos de UTI e equipamentos de proteção individual para os profissionais de saúde.

Bozzetti (2020) analisou a evolução da Covid-19 no Brasil durante a primeira onda da pandemia e a capacidade de resposta do sistema de saúde do país. Os autores destacaram que, nos primeiros meses da pandemia, houve um rápido aumento no número de casos e mortes

relacionados à doença no Brasil, com uma distribuição heterogênea em diferentes regiões do país. O autor identificou que a resposta do sistema de saúde brasileiro à pandemia foi desafiada pela falta de recursos e infraestrutura, especialmente em regiões mais vulneráveis e carentes de assistência médica. Houve uma escassez crítica de leitos de UTI e equipamentos de proteção individual para os profissionais de saúde, o que levou a um aumento na taxa de mortalidade entre os trabalhadores da saúde.

Bozzetti (2020) destacou que a falta de uma estratégia nacional coordenada para lidar com a pandemia e a falta de comunicação clara e consistente dos líderes políticos sobre a gravidade da situação, as medidas preventivas e a importância do distanciamento social contribuíram para a propagação do vírus. Apesar desses desafios e limitações, houve esforços significativos de profissionais de saúde e autoridades locais para mitigar os efeitos da pandemia. Esses esforços incluíram a ampliação da capacidade de testagem, o fortalecimento dos sistemas de vigilância epidemiológica, a implementação de medidas de distanciamento social e a mobilização de recursos adicionais para o sistema de saúde

Em abril de 2020, o Brasil continuou a lidar com o aumento de casos e mortes relacionados à Covid-19. No início do mês, o país já contabilizava mais de 10 mil casos confirmados e mais de 400 mortes relacionadas à doença. Muitos estados e municípios adotaram medidas mais rigorosas de isolamento social para conter a disseminação do vírus, incluindo a imposição de lockdowns em algumas áreas. No entanto, essas medidas foram alvo de críticas e controvérsias, com alguns setores da sociedade pressionando pela reabertura do comércio e de outras atividades.

O sistema de saúde do país continuou sob pressão, com muitos hospitais e unidades de saúde enfrentando escassez de leitos de UTI e equipamentos de proteção individual para os profissionais de saúde. Durante esse período, também houve uma crescente preocupação em relação à subnotificação de casos e mortes devido à falta de testes disponíveis para detectar a doença.

E em 16 de abril, o então ministro da saúde, Nelson Teich, pediu demissão do cargo, após menos de um mês no posto. Sua saída foi motivada por divergências com o presidente Jair Bolsonaro em relação à gestão da pandemia, incluindo a defesa do uso da cloroquina e da hidroxicloroquina no tratamento da Covid-19, apesar da falta de evidências científicas sobre a eficácia desses medicamentos. No terceiro mês da pandemia, o país enfrentou uma crise política e institucional, com o presidente Jair Bolsonaro em conflito com outros poderes do Estado, como o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal.

Nesse período, houve controvérsias em relação às respostas do governo federal à pandemia, incluindo a demissão do então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, em meio a divergências com o presidente Jair Bolsonaro em relação às medidas de isolamento social. A pandemia agravou as desigualdades sociais e econômicas do país, com impactos mais severos sobre as comunidades mais pobres e vulneráveis.

Os próximos três meses seriam uma repetição desses fatos, contando apenas com uma crescente no caso de mortes no Brasil e uma preocupação com a questão econômica

Machado e Cavalcanti (2020) realizaram um estudo exploratório sobre o impacto da pandemia de Covid-19 na economia brasileira durante os primeiros meses da crise. Segundo os autores, a pandemia afetou significativamente a economia brasileira, com efeitos adversos em diferentes setores e regiões do país. Os autores destacaram que a pandemia afetou principalmente o setor de serviços, que representa uma parcela significativa do PIB brasileiro. A interrupção das atividades econômicas e a redução da demanda afetaram negativamente o desempenho do setor, com destaque para o setor de turismo, hospedagem e alimentação, que sofreu fortes quedas na atividade. A pandemia afetou também o mercado de trabalho brasileiro, com um aumento significativo na taxa de desemprego e redução da renda dos trabalhadores, especialmente aqueles em trabalhos informais. Segundo os autores, esses efeitos negativos foram ainda mais intensos em regiões com maior dependência do setor de serviços, como o Nordeste e o Sudeste. Machado e Cavalcanti (2020) destacaram que a pandemia também teve alguns efeitos positivos em determinados setores da economia, como o comércio eletrônico e a indústria farmacêutica. O comércio eletrônico registrou um aumento significativo na demanda durante o período de quarentena, enquanto a indústria farmacêutica foi impulsionada pela busca por medicamentos e suprimentos médicos relacionados à Covid-19.

Os primeiros dias da pandemia foram marcados por uma série de medidas de contenção, incluindo lockdowns, distanciamento social e uso de máscaras. Essas medidas foram implementadas para retardar a propagação do vírus e garantir que o sistema de saúde não ficasse sobrecarregado. No entanto, essas medidas no Brasil não foram aplicadas efetivamente e a doença se espalhou rapidamente pelo país, levando as autoridades de saúde a implementarem medidas rigorosas de distanciamento social e restrições de circulação para tentar conter a propagação do vírus. No entanto, mesmo com essas medidas, o país enfrentou uma das piores crises sanitárias de sua história, em razão da política administrativa federal. O Brasil tinha um presidente que era contra a vacinação da população brasileira. Dessa forma o

que já era grave por si só ficou muito mais grave, tendo no Brasil morrido quase 700 mil pessoas.

Durante o primeiro semestre de 2020, o Brasil se tornou o epicentro da pandemia na América Latina, com milhares de novos casos e mortes sendo registrados diariamente. A falta de equipamentos de proteção individual, como máscaras e luvas, e a falta de leitos de UTI e ventiladores pulmonares foram algumas das principais dificuldades enfrentadas pelo sistema de saúde brasileiro.

O aumento do número de casos e mortes em um curto período de tempo sobre carregou o sistema de saúde, levando à escassez de equipamentos de proteção, insumos e medicamentos para os pacientes. Os profissionais da saúde tiveram que enfrentar a exaustão física e emocional devido à falta de recursos e ao grande número de casos.

A partir do segundo semestre de 2020, o número de casos e mortes começou a diminuir gradualmente no Brasil, graças a uma série de medidas implementadas por prefeitos e governos de estado, com inexpressiva participação do governo federal, além do aumento da conscientização da população sobre as medidas de prevenção. No entanto, a chegada de novas variantes do vírus e a flexibilização das medidas de distanciamento social levaram a um novo aumento nos casos de COVID-19 no início de 2021.

Os impactos da pandemia na economia brasileira foram significativos. Empresas fecharam e milhares de pessoas perderam seus empregos. O governo federal implementou algumas medidas de apoio à população e às empresas afetadas pela crise, como o auxílio emergencial e o Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe), mas que foram muito menores do que o necessário.

A pandemia de COVID-19 teve um grande impacto na educação em todo o mundo. Com escolas e universidades fechando as portas para minimizar a propagação do vírus, as instituições educacionais foram obrigadas a se adaptar rapidamente a novas formas de ensino e aprendizagem.

O ensino durante a pandemia foi um desafio para alunos, professores e pais, com uma série de questões relacionadas à qualidade do ensino, acesso à tecnologia, desigualdade e saúde mental. O maior problema foi o acesso aos meios tecnológicos para assistir as aulas, uma vez que passaram a ser transmitidas pelo ensino remoto, que desvelou uma grave desigualdade social.

O parecer CNE/CP N° 5/2020, emitido pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), juntamente com a Medida Provisória n° 934/2020 aprovada pelo Congresso Nacional, estabeleceu medidas para a reorganização do calendário escolar durante a pandemia de

COVID-19. Essas medidas visavam permitir atividades não presenciais para cumprir a carga horária mínima anual de 800 horas exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

O parecer determinou que a responsabilidade pela mudança do calendário seria dos sistemas, redes e instituições de ensino, levando em consideração as legislações locais. As escolas teriam autonomia para definir as medidas adequadas, como reposição da carga horária presencial após o período de isolamento social, realização de atividades não presenciais com o uso de tecnologias da informação e comunicação, ampliação da carga horária diária durante o retorno presencial, entre outras. (Brasil, 2020c)

O parecer também mencionou a modalidade de Educação a Distância (EaD) como uma possibilidade, desde que houvesse uma estrutura educacional adequada. Nesse sentido, foi adotada a denominação de "Ensino Remoto" para essa nova dinâmica, enfatizando que não se trata apenas da transferência dos conteúdos e métodos didático-pedagógicos do ensino presencial para o ambiente virtual. O documento ressaltou a importância de alinhar as atividades remotas com as finalidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os currículos oficiais.

Para escolas com dificuldades de oferecer atividades mediadas por tecnologias, sugeriu-se o uso de material didático impresso, acompanhado de orientações para os familiares, com o objetivo de auxiliar no planejamento dos estudos. Também foi recomendada a criação de canais de comunicação entre escola e família, por meio de mídias sociais, para manter a proximidade e o acompanhamento dos alunos. (Brasil, 2020c)

No caso do Ensino Fundamental I e II, as determinações eram semelhantes, com a consideração de que os alunos dos Anos Finais teriam maior autonomia para dar continuidade aos estudos em comparação aos alunos dos Anos Iniciais, que poderiam enfrentar dificuldades na alfabetização.

O parecer abordou ainda aspectos relacionados a avaliações e exames nacionais e estaduais, orientando que fossem adaptados de acordo com as reformulações do calendário. As avaliações deveriam considerar os conhecimentos que foram possíveis oferecer aos alunos durante o período de ensino remoto, buscando evitar reprovações e abandono escolar. Diversas formas de avaliação foram sugeridas, como questionários, avaliações orais em salas virtuais, participação dos alunos, roteiros didáticos, pesquisas, lista de exercícios e atividades pedagógicas.

O parecer também ressaltou a importância de atividades de acolhimento e reintegração social, formação docente, segurança sanitária e tempo destinado à recuperação física e mental dos envolvidos, por meio de recessos escolares e férias. Também foram abordadas orientações

específicas para contextos como Educação Especial, Educação Indígena, Educação Quilombola, Educação do Campo, entre outros níveis de ensino. (Brasil, 2020c)

Além do Parecer CNE/CP N° 5/2020, foram emitidos outros cinco pareceres (CNE/CP N° 9/2020, 11/2020, 16/2020, 19/2020 e CNE/CP N° 6/2021) que trataram de atualizações e reformulações de acordo com as demandas surgidas ao longo do tempo durante a pandemia. Esses pareceres abordaram temas como a aplicação do ENEM em 2020, aspectos da Educação Especial, orientações sobre aulas presenciais e não presenciais, e diretrizes para o retorno gradual das atividades presenciais. O Parecer CNE/CP N° 11/2020 trata das orientações educacionais em relação à realização de aulas presenciais e não presenciais durante a pandemia. Esse parecer indica um caminho para o retorno presencial gradual, mesmo sem a disponibilidade da vacina na época. O Ministério da Educação apoiava as decisões das escolas que optavam por retornar presencialmente e fornecia diretrizes para a (re)organização do calendário escolar.

Esse parecer enfatiza a necessidade de uma "coordenação territorial" entre a federação, estados e municípios, visando a reabertura das escolas em três etapas. A primeira etapa é o acolhimento social, seguido por avaliações diagnósticas da aprendizagem e, posteriormente, a realização de intervenções pedagógicas.

Além disso, o parecer estabelece que cada nível de ensino retorne às atividades presenciais em momentos distintos, dando prioridade ao Ensino Infantil e aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I. O documento sugere que essas etapas sejam seguidas de acordo com as condições de cada região:

“[...] com prioridade de retorno às crianças de educação infantil e dos anos iniciais, que representam 24 (vinte e quatro) milhões de alunos, 1,5 milhão de professores e envolvem milhões de famílias com rendimento domiciliar per capita de até meio salário mínimo. O retorno dos estudantes mais novos, além de liberar maior número de mão de obra para vários setores da economia formal e informal [...] Em suma, o estudo destaca um conjunto de fatores que contribui para a reativação da economia e garantia da educação das crianças menores que têm mais dificuldade para desenvolver atividades não presenciais de modo autônomo.” (BRASIL, 2020, p. 6).

Neste trecho, fica evidente que o poder público demonstra uma preocupação prioritária com o crescimento econômico em detrimento da saúde dos estudantes. Embora em alguns momentos seja abordada a preocupação com as dimensões socioemocional e socioeconômica

da comunidade escolar, o parecer utiliza argumentos superficiais para justificar a retomada das aulas regulares. Por exemplo, menciona que estudos indicam que estudantes socialmente vulneráveis sofrem retrocesso nas aprendizagens e têm maior probabilidade de abandonar a escola quando estão afastados (BRASIL, 2020e, p. 13).

Também é feita uma comparação entre a situação brasileira e as experiências internacionais em relação ao ensino remoto e ao retorno presencial. É importante destacar que os outros países mencionados pertencem a regiões mais desenvolvidas, o que lhes permite retornar às atividades escolares mais cedo. Isso difere da realidade brasileira. Dentre as experiências internacionais, surgem propostas como o modelo intermitente, alternando entre aulas presenciais e remotas, o modelo excepcional, com ensino integral ou virtual, e o modelo híbrido.

Ao longo do parecer, são apresentados dados atualizados para contextualizar o período vivido. Por exemplo, a pesquisa da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) revela que quase 4 mil redes municipais de ensino participaram, representando 70% das matrículas da rede municipal. Essa pesquisa constatou que 83% dos alunos da rede pública pertenciam a famílias vulneráveis, com renda de até um salário mínimo. Embora 79% dos alunos tivessem acesso à internet, 46% acessavam apenas pelo celular, e dois terços dos alunos não possuíam computador. Durante o período de isolamento social, 43% das escolas municipais utilizaram atividades impressas, e 57% utilizaram conteúdos/vídeoaulas gravadas. O Instituto Península verificou que 83% dos professores participantes se declararam despreparados para o ensino remoto. A pesquisa do Datafolha, realizada em 2020 com 1.208 pais/responsáveis, revelou que 58% dos alunos enfrentaram dificuldades com a nova rotina escolar, 31% dos pais temiam que seus filhos desistissem da escola, 47% dos alunos do Ensino Fundamental não receberam orientações das escolas e apenas 65% dos alunos dos Anos Finais tiveram acesso a atividades remotas pela internet. Os principais obstáculos relatados pelos pais/responsáveis foram a alta desigualdade no acesso à internet, a falta de formação docente para o momento e a desigualdade educacional (BRASIL, 2020c).

Devido a essas questões, o Conselho Nacional de Educação (CNE), em conjunto com os protocolos do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e da Undime, recomenda a criação de protocolos de segurança sanitária para o retorno, formação de comitês estaduais para avaliar a situação da pandemia em cada região, criação de comissões municipais de gerenciamento da pandemia e comissões escolares, e um calendário de retorno de acordo com as autoridades políticas da região, sugerindo que elas definam medidas de relaxamento da quarentena (BRASIL, 2020c, p. 19). O parecer também menciona a ideia da

realização de um quarto ano do Ensino Médio para oferecer novas oportunidades de aprendizagem.

O texto também destaca a preocupação com a recuperação da aprendizagem e o abandono escolar. Sugere-se que as escolas utilizem formatos não presenciais para realizar essa recuperação, complementando o ensino presencial. Segundo o CNE, a aprendizagem não ocorre apenas na escola, portanto, atividades estruturadas nesse formato estariam integrando a carga horária. Quanto ao calendário de retorno, menciona-se a possibilidade de antecipar o ano letivo de 2021 para atingir a carga horária e recuperar as aprendizagens de 2020, ampliando o ano letivo de 2021. No entanto, nota-se que essas medidas são incoerentes, pois desconsideram o contexto real de perigo sanitário e também ignoram princípios citados no primeiro parecer, como a sobrecarga de trabalho (BRASIL, 2020e).

O Parecer CNE/CP N° 19/2020 (BRASILg, 2020) redefine o Parecer CNE/CP N° 15/2020, que trata da aplicação dos instrumentos da Lei n° 14.040. Essa lei definiu normas educacionais exclusivas para o estado de calamidade pública e atribuiu ao CNE a responsabilidade de definir diretrizes para o enfrentamento da pandemia pelas instituições de ensino, apoiada pelo Decreto Legislativo n° 6. O parecer reforça a retomada gradual das aulas presenciais, por meio de um escalonamento dos estudantes acompanhado do planejamento educacional e sanitário. No entanto, ressalta a autonomia das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e das próprias instituições de ensino para verificar as possibilidades de retomada e continuar o ensino híbrido.

O último parecer publicado, o Parecer CNE/CP N° 6/2021, aprovado em 6 de julho de 2021, trata especificamente do retorno presencial e da regularização do calendário escolar, com base nos pareceres anteriores. Reforça a urgência da reabertura das escolas em consonância com a vacinação, a adoção do ensino híbrido no segundo semestre de 2021, programas de recuperação e flexibilização dos currículos, com o objetivo de diminuir a evasão escolar. Também sugere novamente o complemento de atividades mediadas por tecnologia para recuperar as defasagens (BRASIL, 2021).

O ensino remoto tornou-se a norma para muitos alunos em todo o mundo, com aulas on-line, videoconferências e conteúdo virtual. Embora a tecnologia tenha sido um recurso valioso para manter a educação em andamento, ela não está disponível para todos. Muitos alunos, especialmente os de áreas rurais ou de baixa renda, não tiveram acesso a computadores, internet ou dispositivos móveis para participar das aulas on-line.

Isso levou a um aumento na desigualdade educacional, com alunos de áreas mais privilegiadas tendo acesso a melhores recursos e, portanto, a melhores oportunidades educacionais.

A qualidade do ensino também foi afetada pela pandemia. A mudança repentina para o ensino on-line sem uma preparação adequada, apesar de nos últimos quarenta anos as secretarias de educação indicarem o uso de tecnologias em sala de aula, impactou negativamente na qualidade do ensino e na capacidade dos alunos de aprender.

Os professores também precisaram se adaptar rapidamente às novas tecnologias e mudanças no currículo, o que foi um desafio para alguns.

Além dos desafios educacionais, a pandemia também teve um impacto na saúde mental dos alunos. O isolamento social, a ansiedade e o estresse afetam negativamente a capacidade dos alunos de aprender e seu bem-estar geral.

Para enfrentar esses desafios, as instituições educacionais precisavam ser flexíveis e inovadoras. Os professores precisavam receber treinamento adequado para ensinar on-line e usar tecnologia de maneira eficaz.

A maioria das escolas não tinham equipamentos para ceder aos alunos, os sistemas educacionais, embora apregoavam a utilização das tecnologias nas atividades de sala de aula, também não tinham, também tiveram que se adaptar para ajudar a combater a desigualdade e garantir que todos os alunos tivessem acesso a uma educação de qualidade.

A pandemia de COVID-19 afetou profundamente a educação em todo o mundo, e o estado do Paraná, no Brasil, não foi exceção. As escolas em todo o estado tiveram que se adaptar rapidamente a um novo cenário de aprendizado, implementando novas tecnologias e métodos para garantir que os alunos pudessem continuar a aprender em segurança.

Uma das principais mudanças na educação do Paraná durante a pandemia foi a transição para o ensino remoto. Com o fechamento de escolas e a necessidade de manter o distanciamento social, os educadores tiveram que encontrar maneiras de continuar ensinando sem a interação presencial com os alunos. Isso incluiu a implementação de plataformas online de aprendizado e a produção de conteúdo digital para os alunos.

No entanto, a transição para o ensino remoto não foi sem desafios. A falta de acesso à internet e a equipamentos adequados foi um obstáculo significativo para muitos estudantes e suas famílias. Para abordar essas questões, o governo do Paraná trabalhou para fornecer acesso gratuito à internet e distribuir equipamentos para os alunos que precisavam deles.

A pandemia também afetou o cronograma acadêmico do estado. As escolas tiveram que adotar um novo calendário escolar, a fim de acomodar as mudanças na aprendizagem

presencial e remota. Isso incluiu atrasos na retomada das aulas presenciais e a implementação de um cronograma híbrido, em que os alunos frequentavam a escola em dias alternados.

Outro desafio significativo foi a questão da avaliação. Como avaliar o desempenho dos alunos em um cenário tão incomum? Muitas escolas tiveram que encontrar novas maneiras de avaliar o desempenho dos alunos, incluindo testes online, trabalhos e projetos.

No ambiente escolar, pudemos observar que pela dificuldade na avaliação e do sucateamento do ensino muitos alunos foram aprovados, mesmo sem ter atingido as habilidades necessárias para o seu ano de ensino, o que intensificou problemas tradicionais na escola de ensino fundamental, como o analfabetismo, funcional ou não é também o letramento.

No entanto, a pandemia também teve alguns impactos positivos na educação do Paraná. A necessidade de se adaptar a um novo ambiente de aprendizagem levou a uma maior criatividade e inovação na maneira como os educadores ensinavam.

1.1 A TECNOLOGIA E SEU DESENVOLVIMENTO

A tecnologia é um conceito amplo que inclui vários campos, como tecnologias de engenharia, eletrônica ou mecânica. Nesse sentido, a tecnologia é um conceito complexo que tem uma definição ampla.

A humanidade se construiu com base na criação de técnicas, desde ferramentas básicas para caçar e coletar alimentos, como o desenvolvimento de colheitadeiras e químicos para produção. Com o tempo, os humanos usaram seu conhecimento da natureza e dos recursos para criar ferramentas eficazes e conseqüentemente modificar a paisagem a sua volta.

À medida que essas ferramentas se tornaram mais sofisticadas, as pessoas foram capazes de criar tecnologias mais complexas. Com o tempo, isso levou à criação de dispositivos digitais.

A tecnologia melhorou significativamente a qualidade da vida humana. Isso levou a novas descobertas e invenções nos campos da medicina, comunicação e transporte. Por exemplo, a invenção da internet teve um efeito profundamente positivo na sociedade, mas reconhecemos que é um campo que deve ser regulado.

A invenção do rádio e da televisão também teve um impacto significativo na sociedade ao trazer notícias e entretenimento para nossas vidas diárias, e reconhecidamente problemas como alienação e controle midiático, além da intensificação da Hegemonia cultural, advinda de países imperialistas..

Dito isto, existem muitos avanços tecnológicos que ainda estão sendo desenvolvidos e implementados em nossas vidas diárias. Um desses campos é a tecnologia da informação (TI). Este campo envolve o desenvolvimento de software de computador, hardware ou produtos eletrônicos para melhorar as operações comerciais; também melhora a qualidade de vida ao fornecer facilidades de comunicação, como telefone e internet. TI é um dos campos de crescimento mais rápido hoje devido à sua utilidade na maioria das indústrias, na verdade, hoje esse é o maior campo de disputa da Geopolítica Global o investimento e competição da China para o domínio de microchips e o fomento a indústria tecnológica assim como a inovação, é pauta dos jornais e mesmo um indício de uma Guerra Fria 2.0. (Cassiolato e Podcameni 2022)

No entanto, existem alguns aspectos negativos da tecnologia que afetam as sociedades humanas hoje em dia. Um desses efeitos negativos é o vício causado por smartphones e outros dispositivos eletrônicos; o outro são as fakenews.

A tecnologia está mudando rapidamente no mundo de hoje à medida que se torna mais acessível para o público. No entanto, existem preocupações éticas em relação à tecnologia à medida que ela se torna mais poderosa e acessível.

Historicamente, o avanço na computação foi feito pelo americano Herman Hollerith (1860-1929), que inventou uma máquina capaz de processar dados separando cartões perfurados. As máquinas de Hollerith foram usadas para auxiliar no censo de 1890, reduzindo o tempo de processamento de dados de sete anos no censo anterior para apenas dois anos e meio. Foi também pioneira no uso da eletricidade para separar, contar e tabular cartões. Ele também desenvolveu uma máquina de tiques capaz de contar e classificar dados rapidamente. Esta inovação permitiu que os dados processassem e armazenassem informações mais rapidamente. Esta máquina seria a precursora da computação moderna.

A partir deste avanço, outros inventores seguiram o exemplo de Hollerith e lideraram o uso da eletricidade para criar computadores mais avançados, passando a ter melhores recursos de processamento e armazenamento, bem como novos recursos, como telas coloridas e a capacidade de executar programas de computador. Essa Nova Era Digital trouxe vários benefícios para a sociedade, pois permitiu que as pessoas realizassem diversas tarefas com maior agilidade, eficiência e segurança.

Apesar de nos referirmos à Tecnologia Digital que é o uso de computadores, redes, internet, lembramos que o termo Tecnologia, no sentido mais amplo, não é uma novidade. A história da tecnologia é rica e diversa, remontando à pré-história.

1.1.2 A era digital e suas possibilidades

A Era Digital trouxe consigo a capacidade de processar e armazenar grandes recipientes de dados, permitindo que esses dados sejam usados para criar novas soluções e aproximar pessoas em todos os lugares. Isso também permitiu que as pessoas compartilhassem informações com rapidez e facilidade, abrindo novas portas para a comunicação global.

Além disso, a tecnologia da Era Digital tornou possível o acesso a serviços bancários e outros serviços financeiros on-line, aumentando a acessibilidade desses serviços para as pessoas em todos os lugares; trouxe consigo a capacidade de fornecer informações em tempo real, permitindo que as pessoas tomem decisões com base em informações atualizadas.

No século XX, a tecnologia alcançou novas alturas, com a invenção do computador em 1945 e o desenvolvimento da Internet em 1969. As pessoas entraram em um novo mundo de informações que não eram limitadas ao seu entorno imediato.

Os computadores de primeira geração também incluíram invenções como o Harvard Mark I, que foi usado pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial em 1944. Além do SSEC, introduzido pela International Business Machines Corporation (IBM) em 1948 capaz de calcular a posição da lua

Em 24 de janeiro de 1984, surgiu o Macintosh, o primeiro computador de sucesso com uma interface gráfica amigável, usando ícones, janelas e um mouse. Sua resposta foi impressionante, em grande parte graças à massiva campanha publicitária da Apple. Seu principal anúncio ocorreu durante o intervalo do Super Bowl XVIII, evento comparável em importância à Copa do Mundo no Brasil. Apelidado de "1984" porque foi baseado no livro de George Orwell *Nineteen Eighty-Four*, o anúncio retrata um mundo onde todos estão sujeitos ao domínio totalitário do mundo "Big Brother." (Irmão mais velho, ou Grande Irmão). A protagonista de Anya Major destrói as telas do Big Brother falando ao público. O objetivo do comercial era associar a IBM ao Big Brother e a heroína à Apple.

Ao contrário do que muitos pensam, o famoso IBM PC lançado em 1981 não foi o primeiro computador pessoal do mundo. Antes dele, aparelhos como o Kenbak-1 - inventado antes do microprocessador, portanto não havia CPU em um único chip - o Altair 8800 usado pelo jovem universitário Bill Gates na época; o Apple II era Steve Wozniak (Steve Wozniak) criou o sucessor do Apple I, que revolucionou a indústria ao montar totalmente o teclado e o gabinete.

Da mesma forma, os computadores Lisa (1983) e Macintosh (1984) foram os pioneiros do mouse e tinham a interface gráfica que conhecemos hoje, incluindo pastas, menus e a área de trabalho.

A história do telefone celular, também conhecido como telefone móvel, começou em 1973 com as primeiras ligações de um telefone celular para um telefone fixo. A partir de abril de 1973 e a rede de telefonia celular proposta em 1947 foi devidamente projetada. Foi um momento pouco conhecido, mas sem dúvida foi um fato para sempre lembrado que mudou a história do mundo para sempre.

Até hoje, os telefones celulares evoluíram exponencialmente e estão sempre se atualizando. Desde ligações telefônicas até acesso à Internet, os usuários podem fazer quase tudo com seus telefones celulares. Além disso, as câmeras de telefone são extremamente populares nos dias de hoje, com a maioria dos telefones celulares agora com câmeras de alta qualidade. Existem até mesmo lentes e aplicativos que permitem aos usuários criar fotos e vídeos de qualidade profissional.

1.1.3 A infraestrutura na escola e a utilização das tecnologias para o ensino aprendizagem.

Quando consideramos a integração das tecnologias nas práticas educacionais, nos deparamos com diversos desafios que começam pela infraestrutura nas escolas e afetam a formação e capacitação dos profissionais. Nesse sentido, Perrenoud (1999) observa que os professores tendem a ser mais resistente às mudanças e preferem abordagens tradicionais, o que dificulta a incorporação das tecnologias digitais no contexto de aprendizagem. No entanto, é necessário encontrar novas abordagens para a aprendizagem, que atendam às diretrizes estabelecidas anteriormente. Somente durante a pandemia é que as tecnologias digitais e suas diferentes formas de comunicação se tornaram presentes por meio do ensino remoto.

Embora as tecnologias já estivessem sendo utilizadas no ensino, a pandemia de COVID-19 revelou a necessidade de aprimoramento e desenvolvimento de habilidades dos professores, especialmente para aqueles que enfrentam dificuldades em incorporar as tecnologias em suas práticas educativas.

É evidente que as escolas precisam acompanhar o desenvolvimento social para suprir essa lacuna no processo de ensino-aprendizagem, pois a sociedade está presente tanto dentro quanto fora da escola (MOLLO, 1970). No entanto, as escolas costumam ser as últimas

instituições a se adaptarem às mudanças, como pode ser observado, por exemplo, pela falta de recursos tecnológicos na maioria delas. Muitas escolas não possuem sequer acesso à internet, talvez devido ao alto custo envolvido em infraestrutura e capacitação profissional.

No entanto, o desenvolvimento profissional dos professores é fundamental para atender às necessidades dos alunos na atualidade. É importante ressaltar que essas necessidades abrangem aspectos emocionais, cognitivos e sociais, especialmente no contexto de pandemia. Um professor que não se atualiza não consegue abrir portas para um trabalho eficaz, e o diálogo com os alunos fica comprometido, assim como o desenvolvimento de práticas educativas com o uso das ferramentas digitais.

2. MÉTODOS TRADICIONAIS DE ENSINO-APRENDIZAGEM E O ENSINO CONVENCIONAL DE GEOGRAFIA X METODOLOGIAS ATIVAS E O ENSINO COM TECNOLOGIAS DIGITAIS EM GEOGRAFIA

Os métodos tradicionais de ensino são baseados na padronização dos alunos e da aprendizagem. O professor é peça central no processo de aprendizagem, as aulas são expositivas. Essa dinâmica se repete todos os dias do ano letivo.

O princípio do ensino tradicional é o domínio da palavra do professor na transmissão oral do conhecimento e nos conteúdos difundidos pelos livros. O conhecimento resume-se ao cumprimento estrito das tarefas de instruir, punir, treinar, supervisionar, organizar o conteúdo, avaliar e julgar para garantir a aprendizagem.

No entanto, o método tradicional de ensino-aprendizagem tem suas limitações, pois se baseia em uma abordagem unilateral, em que o professor ensina e o aluno absorva o conteúdo. Atualmente, essa abordagem não é suficiente para fornecer aos alunos conhecimento que seja significativo. Por isso, muitos educadores passaram a adotar métodos de ensino que priorizam a construção conjunta do conhecimento.

Uma das principais vantagens desses novos métodos é que os alunos não são mais meros receptores de conteúdo, mas participantes ativos na construção do conhecimento. Nessa abordagem, os alunos fazem parte do processo de aprendizagem e se tornam protagonistas de sua própria educação.

No entanto, o método tradicional de ensino-aprendizagem ainda é muito utilizado em muitas escolas. Ele se baseia principalmente na memorização de conceitos e no ensino linear de conteúdos.

Embora seja habitual conectar o “ensino convencional” à exposição dos conteúdos, registro e avaliação, ele também pode usar as metodologias modernas disponíveis. Por isso não é raro encontrar uma temática sendo reproduzida da mesma forma, mas com a utilização da tecnologia.

No ensino de Geografia atual, há diversas metodologias sendo utilizadas, mas o ensino convencional ainda é muito presente. Diversas abordagens teóricas permeiam essas práticas. Os conteúdos são da Geografia Regional, da Geografia Crítica, da Geografia da Percepção, mas as temáticas são apresentadas por meio de aulas expositivas.

Segundo Carvalho (2004), o ensino “tradicional” da Geografia se resume em trabalhar com um espaço não contraditório, sem crises, uma análise superficial, apresentando os mais diversos aspectos da natureza, sem fazer ou fazendo pouca referência ao homem, fazendo uma fala na atualidade sem colocar dados políticos (CARVALHO, 2004). Carvalho representa o ensino de Geografia referenciado pela Geografia Crítica, tendência teórica que também adotou a metodologia da aula expositiva, registro e avaliação para transmitir seus conteúdos politizados.

As práticas que se denominam “convencionais” no ensino de Geografia diz respeito à “decoreba”, pintura de mapas e bandeiras, utilização do quadro de giz para anotações já presentes nos livros didáticos, e aulas expositivas (ALMEIDA, 2014).

Há outras possibilidades de ensino da Geografia no Brasil desde a década de 1930, mas as produções bibliográficas registram as “convencionais” apenas.

Atualmente, principalmente no contexto da pandemia, a Metodologia Ativa de ensino foi sugerida para a superação dos problemas encontrados em sala de aula, principalmente no processo de ensino aprendizagem e que se agravaram no contexto da pandemia.

A primeira observação que deve ser feita é que é uma metodologia para o aluno; é uma técnica de ensino baseada em atividades que permite aos alunos participar e, de fato, tornar-se protagonistas no processo de construção de seu próprio conhecimento. São enfoques que acompanham a implementação das reformas educacionais; neste caso, a BNCC. São abordagens baseadas menos na transferência de informações e mais no desenvolvimento de habilidades.

No texto das reformas educacionais que estão em vigência, nas metodologias ativas, o aluno está no centro do processo de ensino. Os professores atuam como mentores em sala de aula, oferecendo sugestões de atividades e orientando os alunos sobre como realizá-las. Ou seja, os alunos participam de cada etapa da produção do conhecimento, e seu desempenho

pode ser avaliado passo a passo, alterando significativamente o resultado final. Métodos ativos são criados para que os alunos possam participar e assim se interessar mais pela aula.

A criação de ambientes que favoreçam essas interações diferenciadas resultou nos makerspaces, ambiente que desenvolve a criatividade, autonomia e disposição para buscar soluções.

Uma sala de aula invertida é uma variação de aprendizagem combinada que mistura atividades presenciais e online. Na prática, as escolas podem facilitar o uso dessa abordagem desenvolvendo plataformas instrucionais com conteúdos digitais em diferentes formatos para ampliar as possibilidades de entendimento dos conteúdos sugeridos para o ensino. Alguns exemplos incluem: cursos em vídeo, textos, podcasts, eBooks, documentários e infográficos.

Embora tenha sido uma experiência que exigiu o enfrentamento de diversos desafios, a continuidade das experiências digitais experimentadas no período da pandemia deveriam continuar.

A aplicação de métodos ativos favorece experiências imersivas, permitindo que os alunos se envolvam diretamente com o conteúdo por meio de problemas, projetos ou estudos de caso. Dessa forma, pode-se dizer que a utilização de atividades lúdicas e interativas funcionaram significativamente para promover uma compreensão mais profunda dos conteúdos. Por exemplo, a realização de jogos, problemas matemáticos, desafios e simulações permitem que os alunos vivam a teoria de uma forma mais prática.

Um exemplo da Geografia pode ser visto no artigo "A utilização de jogos e simulações como recursos didáticos para o ensino de geografia" de Bruna Lopes dos Santos e Rodrigo Cardoso de Oliveira (2019) eles apresentam uma revisão bibliográfica sobre o uso de jogos e simulações como estratégias pedagógicas para o ensino de Geografia. O estudo é aprofundado e abrange desde a definição desses recursos didáticos até as suas potencialidades e desafios em sala de aula. Eles definem jogos e simulações como ferramentas que possibilitam a criação de um ambiente de aprendizagem lúdico, em que o aluno é capaz de interagir com o objeto de estudo e compreender de forma mais efetiva os conceitos e conteúdos de Geografia.

Como exemplos de jogos e simulações que podem ser utilizados no ensino de Geografia, tais como jogos de tabuleiro, jogos eletrônicos, softwares educativos e outras aplicações digitais.

O jogo "Banco Imobiliário" pode ser adaptado para o ensino de Geografia, de forma a trabalhar conceitos relacionados à ocupação do espaço urbano. Outro exemplo é o "Jogo da Geografia", que utiliza um tabuleiro com mapas e perguntas sobre temas como clima, relevo e vegetação. o "Google Earth", que permite a visualização de imagens de satélite de todo o

planeta, e o "Geoguessr", em que o jogador é desafiado a adivinhar a localização de uma foto aleatória o "Atlas Interativo do Brasil", que apresenta informações sobre as características geográficas de cada região do país, e o "Geoplaneta", que permite a criação de mapas temáticos e a análise de dados geográficos.

Os autores também enfatizam que a utilização de jogos e simulações no ensino de Geografia não deve ser vista como um fim em si mesmo, mas como uma estratégia pedagógica que deve ser utilizada de forma planejada e criteriosa. Nesse sentido, os autores discutem a importância de se considerar as características e necessidades dos alunos ao escolher os jogos e simulações a serem utilizados em sala de aula.

Para essa dissertação, decidimos deixar uma proposta de metodologia ativa, ainda que não seja esse o objetivo, acreditamos que além de apenas mostrar que existem possibilidades diversas, também devemos deixar algo que possa ser utilizado e testado pelo autor, no caso é o uso do RPG como metodologia de ensino, nesse caso o RPG pode ser utilizado como uma proposta para a metodologia ativa no ensino de Geografia, uma vez que pode ser considerado como uma simulação.

Antes de tratarmos sobre a contribuição desse gênero de jogo para o ensino aprendizagem em Geografia, primeiro devemos entender do que ele se trata. O RPG, sigla para Role Playing Game, que pode ser traduzido como "Jogo de Interpretação de Papéis", é uma ferramenta lúdica de construção coletiva, durante a qual o jogador deve interpretar um personagem fictício – em uma situação ou mundo fictício – devendo resolver situações problema, colocadas por um jogador diferenciado – chamado de narrador ou mestre – que cuidará para o desenrolar de uma história criada por este. As situações problema devem ser resolvidas com uma ação ou escolha tomadas pelos participantes, sendo estas passíveis de falhas e, resolvidas através de um lançar de dados, em uma variação que geralmente se dá de 4 até 20 faces.

Estas escolhas, e devido a variações dos dados, bem como a personalidade de cada jogador, permitem que uma história nunca seja igual a outra, mesmo que a temática seja idêntica, permitindo um caráter divertido e com infinitas possibilidades em sua aplicação. Para interagir com os jogadores o mestre utilizará um recurso o qual permitirá interpretar vários personagens tal quais podem ser tanto aliados quanto antagonistas durante as histórias, chamados de NPC's – Non Playable Characters, "Personagens não Jogáveis".

Dito isto, segundo Marcus Vinicius de Andrade Gomes, Pedro Celestino Morais Neto e Samuel Sampaio Fialho (2017):

O Role Playing Game nasceu em 1974 nos Estados Unidos, criado por Gary Gigax e Dave Anerson, Gigax e Anerson eram jogadores de wargames que são jogos de guerra muito populares nos EUA que simulam batalhas utilizando exércitos e veículos[...] O jogo criado por Gigax e Anerson, chamava-se Dungeons & Dragons era um jogo de fantasia medieval de exploração de cavernas e masmorras onde o jogador poderia passar-se por: orcs, elfos, magos, anões utilizando espadas e magias para combater monstros e dragões. Esta temática de fantasia medieval é a mais jogada até os dias de hoje no mundo todo (GOMES, NETO, FIALHO, 2017, s/p).

Contudo, foi apenas na década de 90 que seu de a percepção deste jogo como recurso didático: Durante os anos 90 um grupo de professores, como Luis Ricón, Carlos Klimick, Flavio de Andrade, dentre alguns outros, ao buscar novas ferramentas pedagógicas encontraram no RPG um meio de despertar maior interesse de seus alunos. Através deste, o aluno poderia aplicar o conteúdo apresentado em sala de aula de maneira lúdica.

Em 2002 aconteceu em Curitiba o primeiro Simpósio de RPG & Educação o qual foi organizado pela ONG Ludus Culturalis, e pela editora DEVIR, o que possibilitou uma maior visibilidade das praticas de uso do RPG enquanto ferramenta de auxílio pedagógico (GOMES, NETO, FIALHO, 2017, s/p).

A vantagem da utilização deste jogo como ferramenta pedagógica se dá de diversas maneiras, devido a sua estrutura, em que o jogador deve se tornar agente protagonista, ou seja, participar das ações, opinar, discutir qual seria a melhor opção para o grupo, assim como trabalhar para os estímulos nas áreas do desenvolvimento da criatividade, raciocínio lógico, cooperação, diminuição na timidez, interdisciplinaridade.

Afinal, com este jogo pode-se utilizar de fatos históricos, geográficos, matemáticos etc., e é claro, na abstração. Sendo que muitos pesquisadores na área da educação acreditam em seu potencial como recurso didático para o ensino-aprendizagem, este pode ser motivador devido ao seu caráter lúdico (MARCATTO, 1996; RIYIS, 2004, PAVÃO 2000).

Partindo de que a temática de aplicação de jogos é muito bem vista por diversos pesquisadores e trabalhada fundamentalmente nos anos iniciais, não se pode afirmar uma razão justificável a recusa da aplicação deste recurso com o avançar das séries. Porém, percebe-se uma valorização do cérebro, o qual será trabalhado de maneira fundamental, de forma que será excluído o trabalho com o corpo, deixando os discentes atados atrás de uma mesa (FERREIRA-COSTA, LIMA, RODRIGUES, GALHARDO, 2006 p. 110).

Este ensino não se preocupa com a prática social final do aluno, bem como com a catarse, impedindo que o discente entenda o conteúdo no seu dia a dia (FERNANDEZ, 1991; MACEDO, 1993). Vale a ressalva que o uso de RPG em sala de aula, não substitui o método tradicional de ensino, mas serve como uma ferramenta, a fim de potencializá-lo e estimular o processo de ensino-aprendizagem, visando uma ampla e efetiva estimulação nos processos cognitivos dos alunos (MARCATTO, 1996; RIYIS, 2004).

Assim segundo Gomes, Neto e Fialho:

[...] para que o aluno possa aprender conceitos dentro de um jogo de RPG não basta jogá-lo, é necessária a aplicação de alguns elementos que aproximem o jogo do modo como o historiador escreve a história, dentre estes temos: a interpretação de fontes históricas diversificadas, (escrita, cartográfica, material, iconográfica, artística, arquitetônica, dentre outras), compreensão contextualizada dos acontecimentos (não basta apenas entender como o fato aconteceu, mas sim o contexto histórico que levou aquele fato a acontecer), comunicação (ser capaz de compreender e criar sua própria percepção da histórica) (GOMES, NETO, FIALHO, 2017.).

Essa ferramenta é muito trabalhada na História, na abordagem de conteúdos relacionados ao passado, uma vez que há grande dificuldade de motivar os alunos a compreenderem como as pessoas de determinada época trabalhada se comportavam, pensavam, ou o que os levou àquela situação. O RPG entra como uma forma de atingir os alunos a se interessarem e entender esses aspectos. Segundo Gomes, Neto e Fialho:

O RPG enquanto ferramenta de ensino da história demonstra-se uma excelente proposta pedagógica de maneira que exercita: Resoluções de situações problemas, Aplicação de conceitos em situações práticas do dia a dia, interdisciplinaridade, expressão oral, leitura, interpretação e produção de texto, preocupação e respeito ao outro, cooperação, desenvolvimento de conteúdo através do lúdico (GOMES, NETO, FIALHO, 2017.).

Sendo assim, quando trabalhado em uma prática de aplicação desse recurso didático, Ferreira-Costa, Lima, Rodrigues e Galhardo (2006), utilizando os conteúdos de Descobrimento do Brasil e As Cruzadas, aplicando-os em uma turma de oitava série, na qual os alunos puderam interagir com personagens históricos, tais como Pedro Álvares Cabral e Pero Vaz de Caminha, chegaram ao seguinte resultado: A partir deste material foi possível

trabalhar conteúdos históricos, geográficos, mitológicos, culturais, sociais e políticos, sendo possível estabelecer paralelos e influências entre passado e presente. Abordou-se, de acordo com cada cenário, os hábitos alimentares e de higiene, crenças, doenças comuns e suas futuras curas, economia, política, comportamento, descobertas tecnológicas, entre outros aspectos.

A partir disso, os alunos eram levados a resgatar essas informações tanto por memória quanto por pesquisa espontânea de Atlas, enciclopédias ou Internet, pois o desenrolar das aventuras dependia do conhecimento dessas informações (FERREIRA-COSTA, LIMA, RODRIGUES, GALHARDO, 2006 p. 113).

No caso da Geografia Crítica, cujos conteúdos referenciam-se por questões sociais e econômicas, dando a sociedade o maior peso na modificação do espaço, e que se constituiu da necessidade de maior engajamento dos geógrafos nos movimentos sociais, a utilização de equipamentos tecnológicos impôs um desafio da prática no ensino de Geografia. No Brasil, inicialmente, a Geografia Crítica se opôs à Geografia Quantitativa. A necessidade em juntar uma abordagem qualitativa com uma abordagem quantitativa pode ter sido o objetivo da Geografia Crítica nos Estados Unidos.

No entanto, a chegada dos maquinários, das redes, da internet, dos programas, deixa as tecnologias mais próximas do ensino da geografia, não podiam mais ser ignoradas pela escola, afinal, os educadores podem despertar o senso crítico e atuante dos alunos, fazendo uso desta ferramenta como um mecanismo de conscientização, no ensino aprendizagem de geografia. Agora, embora com muitas dificuldades, as tecnologias não podem estar separadas da realidade (GOMES; ARCHELA, 2010.).

Na geografia, podemos utilizar as mais diversas ferramentas, as mais comuns se dão na forma do Google Earth, Google Maps. Segundo Perrenoud (2000), os recursos tecnológicos podem ser associados aos métodos ativos, uma vez que eles facilitam a exploração, simulação, pesquisa, debate e construção de estratégias e micromundos.

No contexto atual, as metodologias ativas buscam responder à diversidade de fatores que influenciam o processo de aprendizagem e à necessidade dos alunos desenvolverem habilidades diversas. Além disso, abrem espaço para a convergência das linguagens presentes nas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), defendendo uma maior apropriação e compartilhamento de responsabilidades no processo de ensino-aprendizagem, nas relações interpessoais e no desenvolvimento da capacidade de autoaprendizagem. Nesse sentido, nota-se que o professor desempenha o papel de mediador da aprendizagem, em contraste com as práticas tradicionais em que ele era o detentor do conhecimento (MOTA; WERNER, 2018).

Considerando que o desenvolvimento do conhecimento ocorre tanto dentro quanto fora do ambiente escolar, é necessário aproveitar de forma mais efetiva a incorporação das tecnologias digitais no contexto educacional. Apesar de muitos professores ainda não dominarem essa linguagem, acredita-se que a oferta de cursos que abordem essa temática seja de extrema importância. Em uma entrevista, Gómez enfatiza que a escola deveria recuperar seu papel de protagonista como instituição educacional diante das demais instituições culturais (PAULINO, 1998).

Nesse cenário, é evidente que ainda há um longo caminho a percorrer para que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) sejam utilizadas com sucesso em prol de um ensino de qualidade. Isso permitiria que as escolas se aproximem mais da sociedade, não apenas como uma instituição certificadora (MORAN, 2013), mas também pelo interesse em engajar os alunos, promovendo a colaboração, participação e compartilhamento do conhecimento durante as aulas.

3. AS GERAÇÕES X, Y, Z E MILLENNIALS, SUAS CONTRADIÇÕES E OS CONFLITOS COM A TECNOLIGIA.

Ana Prado(2015) Traz a ideia das gerações como um dos possíveis conflitos e dificuldades para os professores de se adequarem às tecnologias digitais, desta forma, se faz necessário falarmos brevemente sobre elas

Quem nasceu a partir dos anos 1960 até 1980 é chamado de Geração X e tem entre 40 e 60 anos. Essas pessoas ainda guardam muitas das características dos *Baby Boomers*, como a busca pela estabilidade na carreira, a disciplina e o respeito pela hierarquia. Mas eles também reforçam a ideia de liberdade de serem e curtirem o que quiserem, ideologia capitalista difundida pelos Estados Unidos.

Quem nasceu entre os anos de 1980 e 2000 faz parte da Geração Y, também conhecidos como Millennials. Essas pessoas possuem características com foco na tecnologia.

A divergência entre o nome da geração dos nascidos entre 1981 e 1996 é causada pelo fato desses indivíduos terem crescido na "virada do milênio" (por isso, Millennials), sendo percebida como a chegada do futuro e do domínio da tecnologia.

A Geração Y tem sido a que recebe mais destaque entre as 4 gerações mais recentes, por representar o período em que as divisões geracionais se popularizaram. Ainda assim, o

principal motivo de se ouvir tanto falar nos Millennials é o fato de eles serem tão diferentes das últimas gerações.

A Geração Z, composta por aqueles nascidos a partir do final dos anos 1990 até o início dos anos 2010, também merece destaque. Essa geração cresceu em um mundo altamente conectado e digitalizado desde o início. São nativos digitais e têm uma relação muito próxima com a tecnologia, utilizando-a de maneira intuitiva e integrada em suas vidas cotidianas.

Enquanto a Geração X foi marcada por um crescimento tecnológico menor, os Millennials foram criados em um ambiente de transformação tecnológica acelerada, o que os torna muito mais conectados, engajados e versáteis do que seus antecessores. No entanto, a Geração Z vai além. Eles são verdadeiros especialistas em tecnologia e mídias sociais. Cresceram em um mundo de smartphones, redes sociais e acesso instantâneo à informação. Essa geração está constantemente conectada e é extremamente hábil no uso de dispositivos móveis e nas diversas plataformas digitais disponíveis. (CALSON, 2007)

Os membros da Geração Z têm uma mentalidade empreendedora e são conhecidos por sua criatividade e capacidade de inovação. São multitarefas e adaptáveis às mudanças rápidas do ambiente tecnológico. Além disso, valorizam a diversidade, a inclusão e a autenticidade.

Atualmente, o perfil do professor da rede pública de ensino no Brasil, segundo uma pesquisa do INEP realizada por Carvalho (2017), aponta o docente como um sujeito em sua maioria com idade acima de 41 anos, com sua demografia principal sendo mulheres - cerca de 81% - que atuam principalmente nos anos iniciais. Já os homens se encontram nos anos finais do ensino fundamental II e também no ensino médio.

Estes dados podem evidenciar que tanto professores quanto alunos fazem parte de gerações que nasceram em contato com as tecnologias. No entanto, a desigualdade social evidenciou-se na pandemia não só porque os alunos não conseguiam ter acesso à internet, a equipamentos mais atualizados, mas também nos professores, em que muitos não tiveram acesso às tecnologias, não desenvolvendo uma relação de conectividade.

Os atuais alunos, das gerações Y e Z, foram expostos a uma grande quantidade de informação que circula pelas redes sociais, principalmente, algumas verdadeiras, outras não. Eles foram criados pelos smartphones e computadores, possuindo uma forma única de se relacionar com o mundo. Para eles, a diversidade é mais interessante do que o tradicional; misturam o lazer com o trabalho profissional e frequentemente rejeitam e se veem desinteressados por modelos e rotinas engessados (CALSON, 2007).

A dificuldade dos professores em usar a tecnologia deriva de várias razões: equipamentos caros, dificultando o acesso; conhecimento tecnológico de uso da tecnologia da informática ausente na formação inicial (graduação).

Quando o computador chegou, assim como a internet, no Paraná os professores de escola pública sequer receberam a formação adequada para utilizar esses materiais; muitos demoraram inclusive para ter contato. É bem verdade, que essa profissão exige que professores, por autonomia, busque novos conhecimentos, o que não exime a Secretaria de Educação da responsabilidade pela formação dos professores, e pela criação da infraestrutura que vai favorecer esse trabalho dos professores com a tecnologia.

Os professores do Estado do Paraná, da rede estadual, utilizam tecnologias em sala de aula há quase 20 anos. Demonstramos isso com as atividades impressas ou com a já famosa "TV Laranja", muito comum no estado do Paraná. A TV Laranja, é uma televisão de tubo, implementada nas escolas do Paraná, em 2006, durante o governo Roberto Requião. Na época, fora uma grande revolução no ensino; ela tinha a capacidade de ler pendrives, e os professores gravavam nesses dispositivos slides, filmes, músicas, vídeos e o que fosse produzido pela TV; não tinha boa resolução.

Um aparelho semelhante, porém mais eficiente, foi disponibilizado para uso nas escolas - Datashow ou projetor. Alguns professores não utilizam esta nova tecnologia, pelo fato deste projetor estar conectado a um notebook ou computador. Alguns professores inclusive, durante a volta às aulas presenciais, optaram por comprar um adaptador analógico de notebooks para utilizar nas TVs.

Porém, nos últimos tempos, com a pandemia, a tecnologia passou a ser um recurso utilizado por professores e alunos; intensificando a diversidade de aplicativos, disponibilizando variações metodológicas, e aprimorando não só a qualidade do ensino como o comportamento ético na utilização desta ferramenta.

Nesta perspectiva, vários protocolos foram criados para tornar a educação virtual mais eficaz e acessível.

Foram integradas em redes ferramentas que permitem que os professores monitorem e avaliem o desempenho dos alunos a distância. Isso inclui conferências de vídeo, plataformas de aprendizagem virtual, bem como, recursos para a criação de conteúdos de qualidade. A nova realidade da pandemia trouxe a necessidade de adaptar os métodos de ensino a esta nova situação.

A tecnologia moderna desempenhou um papel fundamental neste processo, permitindo aos professores adaptar seus métodos de ensino de forma rápida e eficiente. Plataformas

online como o Google Classroom, Zoom e Skype foram utilizadas para que os professores pudessem lecionar às suas turmas.

Estas plataformas possibilitaram que os professores desenvolvessem aulas à distância, tanto com conteúdo pré-gravados quanto com aulas em tempo real. Além disso, os professores também passaram a utilizar outras formas de comunicação, como o WhatsApp, para manter contato com seus alunos. O uso desse aplicativo significou uma sobrecarga no trabalho desempenhado pelo professor.

Apesar das vantagens da tecnologia para a educação, tanto durante a pandemia, quanto em tempos normais traz alguns desafios. A desigualdade social constatada na escola: muitos alunos não possuíam acesso à internet ou equipamentos adequados para assistirem as aulas de forma remota; muitas vezes optaram pela forma impressa das atividades, mas foram privados do contato e da aprendizagem da tecnologia.

Segundo Prado (2015), a razão pela qual o professor precisa ir além do *DataShow* está a diferença de gerações e as atenções, ambições e prioridades de cada uma delas. Diferenças de gerações presentes no mesmo processo de ensino aprendizagem, no mesmo espaço da sala de aula.

Este “choque” exporia a questão, que todos os professores deveriam pensar sobre, mas não é uma reflexão realizada pela expressiva maioria: poderia se pensar que algumas metodologias de ensino, poderiam funcionar em determinada época, mas não em outra, conflitando com as gerações atuais. Desta forma, não podemos pensar em uma educação estática, ou em metodologias de ensino definitivas.

4. O USO DAS TECNOLOGIAS NO ENSINO, DURANTE A PANDEMIA

Com as entrevistas realizadas pudemos notar que muitos professores não tinham contato ou mesmo não buscavam se integrar com as novas tecnologias digitais, porém durante a pandemia, com a tecnologia sendo obrigatória pois as aulas passaram a ser ministradas remotamente, os professores tiveram que usar as ferramentas digitais. A fala da Vice-Diretora O. e da Pedagoga evidenciam isso.

Assim, não foi fácil, foi complicado, porque usam muito esse chavão aí, o professor precisou se reinventar, né?

A gente ouviu isso por todos os lados. E realmente precisou, porque o professor, só que por outro lado foi um avanço tecnológico muito grande, porque o professor, ele precisou

aprender. Então ele aprendeu coisas em um ano, no caso, o primeiro ano da pandemia, ele aprendeu coisas que ele, acho que levaria aí uma década, se não tivesse sido forçado a aprender. (informação verbal)

A gente não dava conta do tempo pandêmico, com toda novidade que ele trouxe, né? A gente tendo que adaptar o nosso fisiológico, nosso corpo, nosso psicológico, né? E aí lidar com as tecnologias... Posso ir falando? Lidar com as tecnologias eu acho que foi o mais dificultoso, né? Primeiro a gente teve, assim, muita resistência de alguns professores em abrir meet, em atender o aluno.(informação verbal)

Parte dos professores perceberam que a tecnologia tem um papel importante no processo de aprendizagem, permitindo a conexão de alunos de todas as partes do mundo. As ferramentas digitais favoreceram aos professores compartilhar conteúdos nas salas de aula virtuais. E se superado os problemas da desigualdade social, a tecnologia tem potencial para reduzir as desigualdades educacionais, permitindo que os alunos, se orientados, se conectem às melhores fontes de conhecimento.

No geral, os professores, mesmo aqueles que disseram ter dificuldades em utilizar as tecnologias digitais, acabaram dizendo que as tecnologias que vieram com o retorno as aulas, foram positivas, como é o caso da professora V. e do Professor M. respectivamente.

Não, eu acho assim que a pandemia trouxe, o que ela trouxe de positivo? Não vou dizer de bom, porque a pandemia não foi boa, né? O que trouxe de positivo nessa questão?

Eu acho que investiu -se mais em tecnologia na escola. Eu acho que assim, ficou, a mantenedora, ela ficou mais atenta à questão de fazer reparos, de fazer reformas da infraestrutura da escola, e o professor e a equipe também já ficaram mais atentas a todas essas questões, porque assim, nós vivenciamos tudo isso e necessitamos muito de todo esse processo, então agora quer dizer, no retorno, a gente já sabe que a gente precisa disso, só que nós continuamos com todo esse controle, né? Porque se a gente tem hoje dentro da sala de aula um educatron, é para controlar -se o número de alunos que a gente tem em sala, o que é que você está trabalhando com esse estudante, com esse adolescente, com essa criança, se está tendo avanço, se não está, então assim, é uma rede, hoje está tudo interligado, então não tem como você falar assim, esse aluno veio para a escola, porque ele vai estar registrado ali, no momento que você faz chamada já é imediato, então tem -se um controle, nós temos

*controle de tudo que está na rede, que está interligado e o Estado, a mantenedora também.
(informação verbal)*

[...]Mas pra mim, nossa, com essa tecnologia aí, pra mim tá maravilhoso, maravilhoso. Bom dia, é tudo bolinha?

É só eu deixar aqui assim nessa página? O certo é colocar no YouTube, por algum videozinho tocando baixinho, fazer enquanto você tá usando ele.(informação verbal)

Ao usar ferramentas digitais, muitas concentradas em plataformas digitais, seja para ensinar conteúdo ou aplicar testes, os professores também podem criar ambientes de aprendizado mais envolventes e colaborativos; têm a oportunidade de criar e compartilhar não só conteúdos, mas realizar estimativas, receber trabalhos dos alunos, promover a interação em sala de aula virtual e garantir o acompanhamento do que os alunos estão fazendo.

Apesar dos benefícios que a tecnologia trouxe, existem desafios relacionados ao uso das ferramentas digitais, especialmente para aqueles que não possuem domínio sobre o assunto. Por isso, é necessário que as escolas busquem formas de capacitar os professores para o uso adequado das ferramentas e aplicativos educacionais.

A tecnologia é uma aliada no processo de ensino aprendizagem, pois favorece a geração de conhecimento e o faz em uma linguagem de compreensão acessível aos alunos. Não só na era digital, mas principalmente nela, um dos papéis desempenhado pelos professores deve ser o de orientar os alunos na seleção das informações que procuram e/ou recebem e saber como utilizá-las. Essa orientação não é importante só para identificar “*fakenews*”, mas diante de tantas informações, saber qual escolher.

Segundo José Araujo (2010): “Através de mundos virtuais, podemos não apenas trocar informações, mas realmente pensar juntos, juntar nossas memórias e projetos para produzir um cérebro cooperativo”. Para Voges (2009) o software educacional é todo e qualquer programa de computador utilizado para fins educacionais.

A tecnologia educacional pode contar com o uso de ferramentas como lousas digitais, computadores, tablets e notebooks, adequados às metodologias de ensino, porque eles mesmos são ferramentas, utilizadas no processo de ensino e aprendizagem. Há disponíveis inúmeros aplicativos que podem ser usados para as mais diversas atividades, desde a produção de textos, à avaliação, organização de apresentação de variadas temáticas. O

Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), ambiente de interação entre professores e alunos formando um fórum ou uma sala de aula, mediada por debates e atividades de interação.

Algumas ferramentas foram recomendadas para suprir essa necessidade, com destaque para aplicativos e plataformas que permitem a realização de vídeo chamadas. Essas videochamadas, onde cada um deveria aparecer em sua tela, foi a maior polêmica do ensino remoto. Contrário da interação que poderia ocorrer que seria um ambiente virtual de interação, ocorreu que os alunos desligaram suas Câmeras de vídeo e o professor falava para fotos de alunos, da família de alunos, de paisagens diversas.

Pelas mais diversas razões, desde equipamentos obsoletos, internet instável, interferência do ambiente da casa, os alunos não ligavam suas câmeras de vídeo e a aula seguia sem diálogo ou interação. Reconhecidamente os professores começaram o período da pandemia aprendendo a mexer em equipamentos, ferramentas, programas e aplicativos disponíveis; aprendendo a operar os aplicativos e plataformas digitais; aprendendo a criar aulas usando recursos tecnológicos.

O principal objetivo das aulas serem interativas era manter o aluno no processo de ensino aprendizagem, motivados com as aulas virtuais, o que significava uma aula com atrações visuais, atividades interativas; a utilização de jogos de raciocínio, vídeos, entre outros. Os jogos deram espaço para uma reação que não é muito interessante no processo educativo quando se trata ainda da formação: a competitividade. Uma das formas que os professores encontraram para envolver os alunos nas atividades foi a utilização de jogos e o estímulo à competição entre os grupos formados pelos alunos.

Para que os recursos tecnológicos façam parte da vida escolar, deve-se compor o currículo da formação de alunos e professores. Deve ser integrada ao currículo escolar, e não apenas vista como um acessório ou um dispositivo marginal. É preciso pensar como integrar isso ao cotidiano da educação; pensar na produção de conteúdos inovadores que aproveitem ao máximo o potencial dessas tecnologias.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos professores na atual pandemia é o treinamento para uso adequado desses recursos tecnológicos. É necessário aumentar os investimentos em programas de formação dirigidos aos professores, desde a graduação até a capacitação em serviço, para que eles possam desenvolver a capacidade de utilizar ferramentas digitais, melhorando a aprendizagem e a comunicação com os alunos. Além disso, é importante que os professores tenham acesso a materiais e recursos de educação a distância de qualidade, e isso muitas vezes passa pelo pagamento das informações, devendo ficar sob responsabilidade do Estado.

Quando consideramos a integração das tecnologias nas práticas educacionais, nos deparamos com diversos desafios que começam pela infraestrutura nas escolas e afetam a formação e capacitação dos profissionais. Nesse sentido, Perrenoud (1999) observa que os professores tendem a ser mais resistentes às mudanças e preferem abordagens tradicionais, o que dificulta a incorporação das tecnologias digitais no contexto de aprendizagem. No entanto, é necessário encontrar novas abordagens para a aprendizagem, que atendam às diretrizes estabelecidas anteriormente. Somente durante a pandemia é que as tecnologias digitais e suas diferentes formas de comunicação se tornaram presentes por meio do ensino remoto.

Embora as tecnologias já estivessem sendo utilizadas no ensino, a pandemia de COVID-19 revelou a necessidade de aprimoramento e desenvolvimento de habilidades dos professores, especialmente para aqueles que enfrentam dificuldades em incorporar as tecnologias em suas práticas educativas.

É evidente que as escolas precisam acompanhar o desenvolvimento social para suprir essa lacuna no processo de ensino-aprendizagem, pois a sociedade está presente tanto dentro quanto fora da escola (PERRENOUD, 1999, p. 22). No entanto, as escolas costumam ser as últimas instituições a se adaptarem às mudanças, como pode ser observado, por exemplo, pela falta de recursos tecnológicos na maioria delas. Muitas escolas não possuem sequer acesso à internet, e outras possuem internet, mas, não possuem infraestrutura básica, como banheiros com manutenção em dia, telhado que não dê goteiras, carteiras antigas, quadro de giz, talvez devido a forma como a escola é observada. Em uma sociedade Neoliberal, a educação é vista como um produto, portanto o investimento envolvido em infraestrutura e capacitação profissional, passa a ser vista como um custo e passa a ser sucateada.

No entanto, o desenvolvimento profissional dos professores é fundamental para atender às necessidades dos alunos na atualidade. É importante ressaltar que essas necessidades abrangem aspectos emocionais, cognitivos e sociais, especialmente no contexto de pandemia. Um professor que não se atualiza não consegue abrir portas para um trabalho eficaz, e o diálogo com os alunos fica comprometido, assim como o desenvolvimento de práticas educativas com o uso das ferramentas digitais.

Tendo domínio desses recursos, os professores podem criar ambientes de aprendizagem, como ambientes virtuais em 3D, jogos educativos, projetos de codificação e até mesmo simuladores de realidade aumentada para que os alunos possam aprender por meio da simulação de realidades. No caso da Geografia que utiliza metodologias de ensino baseadas no debate, o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), foi um avanço; favoreceu o

levantamento de informações extracurriculares, de diversas temáticas, auxiliados pela internet.

Aos professores que preferem sugerir recursos didáticos em suas aulas podem sugerir programas, tutoriais, software multimídia, simulações, modelagem e jogos. Alguns softwares permitem o desenvolvimento do raciocínio lógico e o desenvolvimento de determinadas habilidades (Borges e Borges, 2004), e esse processo ocorre por meio de programas.

A cartografia é acompanhada por avanços em tecnologia e TI. Muitos mapas são visualizados gratuitamente ou mesmo adquiridos na Internet, disponíveis em proporções enormes. Hoje, com softwares como Google Earth e Google Maps, é possível fazer um tour virtual pelo mundo e descobrir áreas com diferentes visualizações por escala, data, perspectiva, dentre outros. Só que este é um conhecimento que precisa ser difundido na formação dos professores, na graduação dos cursos de Geografia.

Muitos profissionais da educação, ao contrário dos alunos, são 'imigrantes digitais', aqueles que não nasceram nesta "era virtual". Diante disso, como estratégia de ensino, não podemos deixar de considerar suas ferramentas mais utilizadas: As redes sociais. Os professores devem considerar uma Mediação pedagógica, que permita aos alunos construir situações-problema que incorporem suposições e inferências. A utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na educação constitui um novo paradigma.

Um das possibilidades de utilização da tecnologia, principalmente o uso da Internet, no ensino de Geografia, são os softwares como Google Earth e Google. Neles exploramos os elementos constituintes de um mapa, como títulos, barras de escala, legendas, localidades, características físicas. Os jogos computacionais são outras possibilidades; pode auxiliar a percepção espacial dos alunos. Jogos como *Minecraft*, *MMOs*, *Free Fire*, são jogos que possuem coordenadas, influência da paisagem, relevo, entre outros.

No entanto, não podemos esquecer que a maior vulnerabilidade é o acesso, devido aos enormes avanços da transformação tecnológica e ao atual sistema econômico.

As mudanças tecnológicas estão intimamente relacionadas ao atendimento das necessidades econômicas do sistema econômico atual, o que contribui para uma forte desigualdade social e, portanto, a dificuldade em acessar esses equipamentos.

4.1 O USO DA TECNOLOGIA NO ENSINO: UM PASSO PARA FRENTE, DOIS PASSOS PARA TRÁS.

O que podemos observar durante esses anos de pandemia, foi um avanço significativo do Estado do Paraná nos investimentos do uso de tecnologias, a troca das TVs Laranjas pela Educatron - uma televisão tipo Slim, smart mas não configurada, com um computador acoplado na parte de trás, instalado com sistema operacional Linux. Embora tenha sido uma exigência da pandemia essa atualização de equipamentos, ainda assim foi uma mudança na infraestrutura das escolas.

Porém, de nada adianta essa infraestrutura se o problema das escolas continua sendo o mesmo, ou seja, a forma de ensinar. Os professores continuam utilizando o mesmo método tradicional de ensino, porém, agora, adaptados minimamente às tecnologias digitais.

Durante a pandemia, os professores tiveram que se adaptar muito rapidamente às suas salas de aula virtuais. O uso de tecnologias digitais cresceu significativamente para garantir que os alunos continuassem a aprender, e os professores foram desafiados a usar tecnologias que nunca tinham usado antes: aulas online, videoconferências, ferramentas de colaboração e outros programas.

Essas tecnologias favoreceram, da interação entre alunos e professores, o desenvolvimento de novas habilidades de aprendizagem. Professores também desenvolveram habilidades de ensino online, personalizando o conteúdo de acordo com o nível de aprendizado dos alunos. Tiveram que se apropriar das ferramentas tecnológicas e tomar conhecimento de algumas noções de comunicação para interagir com seus alunos. Isso significou o aumento do trabalho do professor, além de gastos, pois teve que dar aulas, comprar equipamentos e se capacitar para conseguir fazer o que as secretarias de educação orientavam.

Ferramentas de ensino e aprendizado on-line, como aulas virtuais, videoaulas, jogos educativos, módulos de autoaprendizagem, dentre outros, foram muito úteis para ajudar os alunos a interagir com as mudanças no ensino e aprendizagem impostos pela pandemia.

Os professores também tiveram um papel vital na utilização dessas tecnologias educacionais para manter os alunos motivados e proporcionar melhores oportunidades de aprendizagem, embora tenha sido um processo desafiador.

No entanto, o emprego de tecnologias educacionais para fins de ensino e aprendizagem também vem acompanhado de desafios. Como os professores são obrigados a trabalhar com novas tecnologias educacionais, eles precisam gerenciar os problemas técnicos

que surgem durante o processo de ensino e aprendizagem. Durante as entrevistas os professores relataram queda de internet, queda de energia elétrica, falta de equipamentos; tendo alguns usado seus próprios equipamentos, como o celular suprir essa necessidade.

Diversos programas e ferramentas educacionais foram criados para apoiar o ensino à distância. Essas ferramentas permitem que os professores criem conteúdos interativos para as aulas e consigam gerenciar a sala de aula em tempo real. O problema, é que o professor em sua grande maioria, continua sem a formação necessária para aplicar essas ferramentas e muitos se sentem abandonados nesse processo; enquanto isso Secretarias de Educação, Direções e Coordenações Pedagógicas cobram a utilização dessas ferramentas.

Dessa forma, nos cabe pensar se agora, não seria necessário um retorno ao pensamento de resolver os problemas anteriores a pandemia, uma vez que, eles continuam ali e só depois pensar na questão da aplicação da tecnologia digital, afinal, um bom professor, um docente motivado, conseguiria por conta se adaptar, no entanto, não é isso que podemos observar.

CAPITULO II – ENSINO HÍBRIDO, O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E O ENSINO A DISTANCIA X PROFESSORES E ALUNOS.

Para continuarmos, se faz necessário entender as diferenças entre essas modalidades de ensino, uma vez que, em decorrência da pandemia, principalmente fora do meio acadêmico, eles acabaram se tornando sinônimos, quando na realidade, no Brasil foi adotado o Ensino Emergencial, o que acabou se popularizando como Ensino Remoto.

Essa confusão acaba impactando em metodologias que são de fato eficazes e que se constrói - para bem ou para mal - o futuro da educação do Brasil. Desta forma, para a realização de um debate acerca deste tema, precisamos entender o que é cada um deles e como eles devem ser aplicadas, mas, mais do que isso, qual é o tipo de professor que deve ser utilizado nesses modelos e se esse é o perfil do Professor brasileiro.

5. O ENSINO A DISTÂNCIA (EAD)

A história do EAD (Ensino a Distância) remonta a mais de um século atrás. O uso de correspondência para o ensino remoto é uma das formas mais antigas de EAD, que permitia que as pessoas pudessem aprender de forma autônoma em suas casas. Essa modalidade de

ensino se popularizou no século XIX, com o aumento da demanda por educação em massa. Na década de 1920, o rádio foi incorporado como uma ferramenta de ensino a distância, possibilitando a transmissão de aulas e palestras ao vivo para um grande número de pessoas. Esse foi um grande avanço para a época, permitindo que pessoas em diferentes partes do país ou do mundo pudessem ter acesso a um mesmo conteúdo educacional.

Com o advento da televisão, na década de 1950, o EAD começou a ser utilizado de forma mais ampla e difundida. Através de programas educacionais transmitidos pela televisão, como teleaulas e telecursos, o ensino a distância ganhou um novo impulso, tornando-se mais acessível para um público maior.

Na década de 1990, com a popularização da internet, o EAD ganhou uma nova dimensão, tornando-se ainda mais acessível e flexível. As plataformas digitais permitiram o desenvolvimento de novas formas de aprendizagem, como o ensino online, que possibilita a interação entre alunos e professores em tempo real através de ferramentas como videoconferências e fóruns de discussão.

No Brasil, a história do EAD remonta ao início do século XX, com o uso de correspondência para o ensino remoto. A primeira instituição brasileira a utilizar essa modalidade de ensino foi o Instituto Rádio Monitor, fundado em 1939, que oferecia cursos por correspondência em diversas áreas do conhecimento. Na década de 1960, o governo federal criou o Sistema Nacional de Televisão Educativa (SNTV), que transmitia programas educacionais pela televisão para diversas regiões do país. Em 1972, foi criado o Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB), que oferecia cursos a distância através de aulas gravadas em fitas cassete e enviadas pelos correios para os alunos. (PAIVA, 2020)

Com a popularização da internet, o EAD no Brasil ganhou um novo impulso. Em 1996, foi criado o Programa de Educação a Distância da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que oferecia cursos de graduação e pós-graduação pela internet. Pouco depois, em 1997, foi criada a Universidade Virtual Pública Brasileira (UVB), uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) que reunia diversas universidades públicas do país com o objetivo de oferecer cursos a distância para um público amplo e diversificado.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, o EAD passou a ser reconhecido oficialmente no Brasil como uma modalidade de ensino equivalente ao presencial. Desde então, o número de instituições que oferecem cursos a distância no país tem crescido significativamente, com a utilização de diversas plataformas e tecnologias para o ensino remoto.

Hoje, o EAD no Brasil é regulamentado pelo Ministério da Educação e conta com diversos modelos de negócios, como as universidades abertas, as instituições privadas e as iniciativas governamentais. O EAD tem se mostrado uma opção viável e cada vez mais popular para aqueles que desejam obter uma formação acadêmica ou aprimorar seus conhecimentos, especialmente em regiões afastadas dos grandes centros urbanos ou para pessoas com dificuldades de mobilidade. (PAIVA, 2020)

Atualmente, o EAD é uma modalidade de ensino amplamente utilizada em todo o mundo, com diversas plataformas e metodologias disponíveis para atender às necessidades de estudantes de diferentes perfis e áreas de conhecimento. A evolução tecnológica tem permitido o desenvolvimento de novas ferramentas e recursos para o ensino a distância, tornando-o cada vez mais efetivo e acessível.

O livro "Educação a Distância no Brasil: uma análise histórica e conceitual", de Adolfo Tanzi Neto, é uma obra que apresenta uma análise crítica e detalhada sobre a história e evolução do Ensino a Distância (EaD) no Brasil.

O autor mostra que a EaD surge como uma resposta à necessidade de ampliação do acesso à educação, democratizando o ensino e tornando-o mais inclusivo. Ele destaca que essa modalidade de ensino permite ao estudante determinar onde, quando e como estudar, o que amplia as possibilidades de aprendizagem

"A Educação a Distância surge como uma resposta à necessidade de ampliação do acesso à educação, de forma a democratizá-la e a torná-la mais inclusiva" (NETO, 2016, p. 22).

No entanto, o autor também destaca os desafios enfrentados pela EaD, como a necessidade de políticas públicas adequadas para garantir a qualidade do ensino oferecido e a importância da mediação pedagógica e interação social na aprendizagem. O livro aborda ainda a legislação brasileira relacionada à EaD, destacando avanços significativos, mas também apontando a necessidade de aprimoramento.

O autor destaca a importância de se pensar na EaD como um meio de ampliar o acesso à educação, mas não como uma solução mágica para os problemas educacionais do país. Ele ressalta a importância da tecnologia como meio para a educação, mas destaca que ela não pode substituir a mediação pedagógica e o diálogo entre alunos e professores.

A educação online, especialmente a realizada no ambiente virtual de ensino e aprendizagem, permite o uso de diversos tipos de ferramentas, como chat, fórum, atividades

dissertativas e objetivas, portfólio, blogs, mapas conceituais, hipertextos, atividades de múltipla escolha, falso ou verdadeiro, preenchimento de lacunas, objetos de aprendizagem (simuladores, vídeos), entre outros, disponíveis em aplicativos. Para a LDB

[...] Considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2017).

Por meio de uma vasta gama de recursos, como biblioteca virtual, fórum de conversa entre colegas e professores, avaliações, assistência virtual, entre outros, a plataforma de ensino online facilita e favorece a capacitação do aluno de forma personalizada e flexível.

Ambientes digitais de aprendizagem são sistemas computacionais disponíveis na internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Permitem integrar múltiplas mídias, linguagens e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções tendo em vista atingir determinados objetivos.

As atividades se desenvolvem no tempo, ritmo de trabalho e espaço em que cada participante se localiza, de acordo com uma intencionalidade explícita e um planejamento prévio denominado design educacional.

Outros autores utilizam a denominação design instrucional, o qual traz subjacente a concepção de treinamento. Constitui a espinha dorsal das atividades a realizar, sendo revisto e reelaborado continuamente no andamento da atividade (Campos; Rocha, 1998; Paas, 2002).

O Ensino a Distância (EaD), tem se popularizado a cada dia no Brasil, principalmente depois da pandemia do COVID19, é uma modalidade de ensino que consiste em lecionar a distância utilizando recursos tecnológicos como computadores e internet. O design educacional, em sua essência, busca definir a melhor forma de aplicar os recursos disponíveis para que o aluno consiga aprender.

A partir desta perspectiva, o Ensino a Distância oferece muitas vantagens para os alunos. Uma delas é a possibilidade de acessar conteúdos e materiais didáticos de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora do dia. Isso permite que eles possam estudar no seu próprio ritmo; se forma em etapas de capacitação, pode se dedicar aos assuntos que realmente lhes interessam. Por seu uma rede, favorece o contato com outros alunos, de outros lugares.

O ensino a distância, desde que orientado por professores e materiais didáticos e significativos pode contribuir para favorecer o acesso a conteúdos atualizados; o grande desafio é entender que a construção social do saber é coletivo.

Deve-se entender que o Ensino a Distância para o aluno que está em formação, entenda-se aqui, alunos do ensino fundamental I e II e ensino médio, precisam de uma formação mais ajustada pela escola, com orientação e avaliação dos professores. Se o Ensino a Distância for dirigido para a capacitação de profissionais formados ele se organiza de outra forma. Os alunos podem adaptar seus horários ao ritmo exigido para seus estudos.

Contrário do que se prega, o ensino a distância não é uma modalidade “solta”, do contrário, exige do aluno uma responsabilidade maior sobre seu processo de aprendizagem. Ele auxilia o aluno porque evita o deslocamento para algum local, escola ou universidade, dentre outras possibilidades, mas exige que acompanhe o desdobramento das aulas, das atividades e das avaliações. Alunos e professores obedecem o ritmo da tecnologia informática on line.

Podemos categorizar nove temas que requer atenção no Ensino a Distância, e que até se diferencia, evidentemente, do ensino presencial, com destaque para a: complexidade do design e do processo de tomada de decisão, velocidade, proporção professor-aluno, pedagogia, papéis do professor on-line, funções do aluno online, tempo de comunicação online, funções para avaliação online e fontes de feedback.

No entanto, o ensino a distância não se limita a esses nove elementos. Destacamos que a abordagem teórica do ensino a distância deve ser holística. Ao usar uma abordagem holística do ensino a distância, os educadores podem implementar uma variedade de táticas para melhorar o desempenho do aluno. Outros fatores também devem ser considerados ao criar uma experiência de aprendizagem a distância, como a tecnologia, a estrutura da plataforma, a confiabilidade e a segurança da plataforma, as habilidades técnicas e de aprendizagem do aluno.

O Ensino a Distância oferece aos alunos a flexibilidade de aprender em um ambiente virtual, o que exige um trabalho de acompanhamento por parte do professor no sentido de oferecer orientação constante aos alunos.

A experiência do ensino online oportuniza, desde que devidamente resarcido, a criação de materiais didáticos personalizados com base em dados de alunos; adaptar a aprendizagem para se adequar a diferentes níveis de compreensão e habilidades dos alunos; além disso, os professores podem monitorar o desempenho dos alunos ao longo do curso,

fornecendo feedback personalizado, mas normalmente oferecido por outro profissional da instituição e não o próprio professor que ministra a disciplina.

Durante a pandemia pudemos observar as diferenças entre esses modelos de ensino diretamente, tendo isso em vista achamos necessário entrevistar um professor que atuou tanto no ramo do EaD, quanto no Ensino Remoto Emergencial. O entrevistado, Professor André que trabalha no EaD da Unicesumar - uma universidade privada do estado do Paraná - fica muito difícil comparar e mesmo aplicar o ensino a distância para o ensino fundamental, isso ocorre devido ao público alvo desse modelo:

Olha, é um pouco difícil nós tratarmos sobre esse assunto, por quê? Primeiro que a gente está falando de uma instituição de ensino superior. Então, os alunos que estão ali, eles vieram antes da pandemia. A maior parte deles. Alguns entraram durante a pandemia. Mas o momento que eles viviam, eles já estavam mais familiarizados, principalmente, com os próprios trabalhos. Acho que pela intenção deles de estar trabalhando com o EaD, não teve nenhuma mudança. Então, para dizer, por exemplo, que todo o suporte que a Unicesumar oferece para os alunos hoje, tanto é que eles já voltaram para o presencial.

Então, acho que seriam públicos diferentes. Por exemplo, os alunos que estudam no colégio público, eles têm toda uma questão social, econômica, bem diferente, bem distinta dos alunos que são na Unicesumar. No ensino superior. Então, quando a gente fala em ensino médio, ensino fundamental, em colégios públicos, o risco social das pessoas que estão aqui hoje é bem maior. (informação verbal)

Em relação à infraestrutura o professor comenta:

Eles oferecem a opção. Ou você trabalha com o seu próprio material, ou você utiliza o material deles. Eu trabalho com o meu que eu acho muito mais prático. Como eu estou utilizando ali, às vezes, muitas planilhas, muitas outras coisas, eu acho muito mais prático.

Estou utilizando o meu próprio material, tanto é que como eu disse que eu tive que fazer um financiamento, tive que comprar um notebook novo, então já como ele é bem moderno, muito mais prático, muito mais rápido, então eu já utilizo ele. No caso, o material que eles oferecem seria um desktop normal. Então o notebook, como ele é muito mais prático, você pode estar escolhendo o lugar onde você pode estar trabalhando, então eu optei por utilizar o meu próprio material.

Mas eles oferecem a opção de você estar utilizando o próprio material da IES. Só que qualquer estrago que ocorra, você é obrigado a estar servindo eles. Eu entrei no momento que eles não estavam oferecendo ajuda de curso para a internet, mas os novos funcionários hoje que estão entrando na IES, no setor de avaliação e professor mediador, que estão trabalhando no home office ainda, eles estão dando ajuda de curso para a internet. Então foi no momento que eu entrei ali que talvez eu fiquei um pouco azarado. (informação verbal)

O suporte também foi diferente na pandemia:

Olha, analisando a Unicesumar do setor privado para o setor público, a Unicesumar, ela tem uma maior preocupação com o profissional em questão à saúde, não só de rendimento do trabalho, mas principalmente do aspecto de saúde do profissional. Então sempre o professor ou qualquer outro funcionário que trabalha home office e tem que ir lá regularmente na IES para poder fazer uns exames, ver se está tudo bem, exame psicológico, exame de saúde mesmo.

Para o treinamento, para o home office, eles oferecem um bom suporte. Então se qualquer dúvida, sempre vai ter o suporte te auxiliando, falando, olha, você tem que fazer isso, está acontecendo isso. Quando acontece algum tipo de problema... Então quando acontece algum tipo de problema, como a internet caiu ou algo do tipo, então eles são muito compreensivos e faz parte da jornada de trabalho. Então você não tem que repor isso depois. (informação verbal)

A questão da saúde mental, e desse investimento com o professor, foi uma falha que muitos dos entrevistados reclamaram,

6. O ENSINO HÍBRIDO

As mudanças e restrições trazidas pela pandemia do novo coronavírus forçaram uma transformação digital em todos os setores econômicos e no cotidiano das pessoas. No campo da educação, essa realidade não foi exceção.

Com a impossibilidade de aulas presenciais, escolas de todo o mundo tiveram que buscar soluções tecnológicas para garantir a continuidade do processo de aprendizagem. Uma das discussões que se formou nessa época foi sobre o que é o ensino híbrido e como as escolas podem aplicá-lo.

O ensino híbrido é uma abordagem que deve ser acompanhada de formação de professores, apoio administrativo e acesso a recursos tecnológicos.

Além da formação dos professores, o apoio administrativo também é necessário para que haja suporte para lidar com problemas tecnológicos, o que foi bastante falho no período da pandemia, pois a infraestrutura para atender um ensino virtual era inexistente, sendo organizada de último momento.

Segundo Martins et. al. (2021): “O Ensino Híbrido, também chamado de Blended-Learning, é uma metodologia de ensino formal, que visa unir as estratégias do ensino tradicional com as novas estratégias de ensino, tendo como suporte as tecnologias digitais”. Vale lembrar que, esta modalidade não pode ser considerada Ensino a Distância, pois sua interação não ocorre num ambiente totalmente virtual. Neste modelo de aprendizagem o aluno divide o seu tempo em parte presencial na escola e parte em casa.

O ensino híbrido permite que os alunos utilizem os recursos de educação à distância, tais como materiais de aprendizagem online, enquanto ainda recebem orientação de seus professores de forma presencial. Isso torna a experiência de aprendizado mais interativa e interessante para os alunos, pois lhes dá a oportunidade de trabalhar em suas habilidades e conhecimentos em sala de aula enquanto também exploram os recursos da internet. O ensino híbrido oferece um equilíbrio na interação entre professor e aluno, bem como com os recursos de aprendizagem online.

Assim como qualquer modalidade de ensino, o ensino híbrido também requer muito planejamento e coordenação. Professores e alunos precisam estabelecer metas e responsabilidades. Evidencia de que um ensino virtual não é um “processo solto, de liberdade, a cargo de alunos e professores”, para ajudar a estabelecer esses objetivos, alguns modelos adotam sistemas de acompanhamento, como o ensino híbrido baseado em horários, garantindo que os alunos estejam cumprindo seus objetivos.

Os professores monitoram o desempenho dos alunos, certificam-se de que estão aprendendo, e verificam se estão recebendo suporte e assistência para realizar as atividades de ensino aprendizagem (, MARTINS, et. al. 2021).

7. O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

O ensino a distância de emergência é uma transição temporária de aprendizagem instrucional para um modo de ensino alternativo devido a uma situação de crise, e essa é a principal diferença entre ele e uma experiência que foi planejada e projetada para ser online

desde o início. Envolve ensino ou educação usando soluções de ensino totalmente à distância que, de outra forma, seriam ministradas em formatos de cursos presenciais.

Nesses casos, o objetivo principal é fornecer ensino temporário e suporte instrucional durante emergências ou crises de maneira rápida, disponível e confiável. Há outra experiência acontecendo em muitos países respondendo ao fechamento de escolas e universidades em tempos de crise, incluindo o Brasil, implementando modelos como ensino a distância, ensino híbrido ou outras soluções mais viáveis que desoneram a infraestrutura necessária para o ensino presencial.

A Equipe de apoio ao Professor desempenha um papel fundamental na experiência de aprendizagem do aluno, ajudando os professores a desenvolver a experiência de aprendizagem presencial ou online. Os modelos de suporte atuais podem incluir suporte completo ao design do curso, oportunidades de desenvolvimento profissional, desenvolvimento de conteúdo, suporte ao sistema de gerenciamento de treinamento e aprendizado e colaborações de autoria de multimídia com especialistas do corpo docente.

Dito isto, a equipe de suporte ao ensino emergencial da secretaria de educação não conseguia responder a todas as solicitações de resolução de problemas que aconteciam com a estrutura organizada de última hora para responder ao período da pandemia, de modo que as equipes administrativas das escolas da rede pública (direção, coordenação pedagógica), tiveram que auxiliar nesse apoio, em muitos casos tendo que aprender de última hora também.

Os professores que buscam suporte geralmente têm níveis variados de competência digital e geralmente recebem suporte individual à medida que experimentam ferramentas online. Com a rápida expansão das atividades de ensino on-line e o grande número de professores que precisaram de apoio, o estado deveria ter encontrado maneiras de atender às necessidades institucionais para fornecer continuidade de ensino, ajudando os professores a desenvolver habilidades para trabalhar e ensinar em um ambiente on-line, porém, isso não foi feito de maneira eficaz no Paraná.

A aceleração exigida pelo Ensino Remoto Emergencial reduz a qualidade dos cursos oferecidos. A necessidade de "acesso online" está em contradição direta com o tempo e esforço normalmente dedicados ao desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem. Cursos online criados dessa forma não devem ser confundidos com soluções de longo prazo, mas com soluções temporárias para problemas imediatos; e que ao seu término deve ser retomado para verificação de aprendizagem.

Uma preocupação particular é que a acessibilidade dos materiais de aprendizagem pode não ser abordada durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE) (Hodges, Moore, Lockee, Trust and Bond, 2020).

No Brasil, a implementação do ensino remoto surgiu como uma resposta urgente e temporária diante das circunstâncias, sendo adaptado com rapidez para lidar com os desafios enfrentados. De acordo com Hodges et al. (2020), esse modelo de ensino (ERE), caracterizando-se como uma solução imediata que priorizou a transmissão de conteúdo de forma instrucionista e unilateral, em contraste com a Educação a Distância (EaD), que já possui uma estrutura e proposta pedagógica específicas para esse formato.

O ERE adotou abordagens síncronas e assíncronas, utilizando formulários e atividades impressas para avaliar a aprendizagem. Além disso, foram empregadas plataformas digitais, redes sociais, portais eletrônicos das secretarias de educação e até mesmo a televisão.

Contudo, para a maioria dos estudantes da rede pública, o ensino remoto resultou em uma falta de interação efetiva entre alunos e professores. Houve uma maior carga de tarefas e uma diminuição na orientação e mediação. Portanto, os recursos mencionados anteriormente revelaram-se insuficientes, agravando a exclusão social e prejudicando o processo de ensino-aprendizagem. Muitos alunos não possuíam acesso adequado à internet nem a espaços propícios para o estudo, e também enfrentaram dificuldades em lidar com as ferramentas tecnológicas (TDICs). Essa realidade também se estendeu aos professores da rede. (CUNHA, SILVA e SILVA, 2020).

“Dados do IBGE mostram que a evasão e o atraso escolar têm relação direta com a condição socioeconômica, atingindo a população mais pobre em até oito vezes mais que o estrato mais rico. Essas interrupções na trajetória escolar ocorrem mais frequentemente entre jovens de 15 a 17 anos e que estão, sobretudo, no Ensino Médio (IBGE, 2019)” (CUNHA, SILVA e SILVA, 2020, p. 32).

No contexto do "ensino híbrido", que envolvia uma alternância entre ensino remoto e presencial e era considerado um modelo de transição, observa-se que as dificuldades mencionadas anteriormente se agravaram. A carga de trabalho aumentou tanto para os profissionais da educação quanto para os alunos, que tiveram que se adaptar rapidamente a essa nova modalidade, transformando-a em mais um modelo emergencial.

De acordo com Dotta, Pimentel e Silveira (2021), no ensino híbrido, os alunos têm mais controle sobre o tempo, o lugar, o modo e o ritmo dos estudos. Durante a etapa remota, espera-se que o aluno busque sua própria autonomia no aprendizado. No entanto, percebe-se

que essa rotina exige um longo período de concentração e adaptação. Dessa forma, o modelo híbrido acabou sendo mais uma medida emergencial do que um percurso planejado e estruturado, principalmente devido à instabilidade causada pela possibilidade de interrupção das aulas presenciais devido à contaminação viral.

No final de 2021, a Secretaria de Educação do Estado do Paraná emitiu uma nota informativa ordenando o retorno presencial às escolas estaduais sem distanciamento social e sem rodízio de turmas a partir de novembro. Isso permitiu a participação de 100% dos alunos, exceto aqueles pertencentes ao grupo de risco. Apesar da vacinação abranger grande parte da população do estado, as crianças menores de 12 anos ainda não foram vacinadas, o que aumentou os riscos de contágio e morte. É importante ressaltar que algumas instituições de ensino do estado do Paraná já haviam retomado as atividades presenciais, mas a abertura em larga escala ocorreu nos últimos meses de 2021.

7.1. ENSINO REMOTO EMERGENCIAL X ENSINO A DISTÂNCIA - DIFERENÇAS E PERSPECTIVAS.

Devido à pandemia da COVID-19 e a situações emergenciais previstas por lei, a Educação Emergencial a Distância se tornou cada vez mais relevante durante o período, desta forma vale salientar as diferenças de modalidades do ensino remoto emergencial o que chamarei aqui de ensino a distância emergencial, para o ensino a distância planejada, cuja origem da modalidade do ensino a distância - ainda que de maneira não consensual na literatura, os primeiros cursos no Brasil datam da década de 1930. Portanto, cabe salientar as diferenças entre esses dois ensinamentos, que muito acabou se confundindo no Brasil.

7.1.1 Uso da Tecnologia Educacional

A tecnologia educacional desempenha um papel efetivo na Educação Emergencial a Distância, sendo adaptada à realidade domiciliar. Investimentos significativos são feitos na estrutura física, como polos equipados com computadores e acesso à internet, atendendo assim às necessidades dos alunos.

7.1.2. Papel do Professor

No modelo tradicional, o professor é principalmente um transmissor de conteúdo, disponível para tirar dúvidas dos alunos. No entanto, na Educação Emergencial a Distância, a docência é compartilhada com outros especialistas, como professores tutores a distância e

formadores, dependendo do modelo pedagógico adotado. Em alguns casos, há também a presença do tutor presencial como parceiro.

7.1.3 Papel do Aluno

Enquanto no ensino presencial o aluno muitas vezes reproduz o conteúdo e trabalha de maneira colaborativa, na Educação Emergencial a Distância não há ênfase na aprendizagem colaborativa, com alta interação entre os alunos e professores. Os alunos não têm a oportunidade de interagir com seus pares e participar ativamente do processo educacional.

7.1.4 Interação

No modelo síncrono, as interações ocorrem por meio de videoconferências, geralmente de forma unilateral entre professor e aluno. No modelo assíncrono, as interações ocorrem por meio do envio de tarefas, seja em formato impresso ou virtual. A Educação Emergencial a Distância também pode adotar um formato híbrido, combinando momentos presenciais e não presenciais, com o uso de ferramentas síncronas, como bate-papos, e assíncronas, como fóruns e tarefas. Além disso, pode-se explorar o modelo interativo de ecossistema de aprendizagem, que integra ambientes virtuais de aprendizagem e redes sociais.

7.1.5 Planejamento

No contexto da Educação Emergencial a Distância, muitas vezes falta um planejamento coletivo. Quando ocorre, o planejamento geralmente é realizado individualmente pelos professores, com pouca orientação. No entanto, é importante destacar a importância da curadoria na seleção de conteúdo educacional produzido por outras pessoas. Além disso, há uma preocupação elevada com a carga horária virtual, buscando equipará-la ao ensino presencial. Em contraste, na Educação a Distância planejada, é adotado um modelo macro de planejamento pedagógico, incluindo a capacitação prévia dos docentes e o planejamento antecipado das atividades com prazos. O design educacional desempenha um papel relevante nesse processo. A carga horária é adaptada ao modelo a distância, de acordo com o projeto pedagógico da instituição.

7.1.6. Perfil do Aluno

A Educação Emergencial a Distância é indicada para todos os alunos em situações emergenciais, como conflitos bélicos, calamidades e pessoas com necessidades educativas

especiais que não podem frequentar o ensino presencial. Por outro lado, a Educação a Distância planejada é direcionada principalmente a adultos, com um viés andragógico. No Brasil, é adotada principalmente no ensino superior e técnico, mas pode ser aplicada no ensino fundamental e médio em casos específicos previstos por lei.

7.1.7. Conteúdo Educacional

No contexto da Educação Emergencial a Distância, ocorre a transposição do ensino presencial para o ambiente virtual. As aulas expositivas podem ser apresentadas em formato de videoaulas ou transmitidas ao vivo (lives), com base nas horas-aula. Além disso, podem ser utilizados recursos como televisão educativa, material impresso e rádio. Em alguns casos, são adotados sites ou ambientes virtuais de aprendizagem, como o Google Sala de Aula e o Moodle, para armazenar conteúdos e atividades. Já no ensino a distância planejado, não há um modelo fixo de produção de conteúdo, permitindo que cada instituição crie seu próprio modelo pedagógico e estratégias educacionais. No Brasil, os cursos nessa modalidade devem ter pelo menos 20% de atividades presenciais, como estágios e avaliações. Na produção de conteúdo, profissionais especializados, como designers educacionais, ilustradores e revisores, podem ser envolvidos. Além disso, há profissionais responsáveis pela gestão da aprendizagem, como tutores presenciais e a distância, que podem contribuir com sugestões de atividades. Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) são amplamente utilizados como forma de controle acadêmico.

7.1.8 Avaliação

A avaliação na Educação Emergencial a Distância pode ser semelhante ao modelo presencial, incluindo provas e atividades. No entanto, também é possível utilizar estratégias alternativas, como a apresentação das atividades propostas durante o período pós-pandemia. As estratégias de avaliação variam de acordo com o modelo pedagógico adotado pelos cursos, podendo incluir abordagens mais tradicionais ou metodologias mais ativas, como o ensino híbrido e a aprendizagem baseada em problemas, entre outras.

7.1.9. Formação Docente

Embora a formação docente não seja obrigatória na Educação Emergencial a Distância, ela é altamente recomendada. No entanto, muitas vezes ocorre de forma acelerada. Na EaD, a formação docente é obrigatória e também altamente recomendada.

7.1.10 Foco e Certificação

A Educação Emergencial a Distância tem como foco principal a educação básica e o ensino superior, em situações de complementação de aprendizagem ou, em alguns casos, substituição ou reposição de aulas presenciais. No entanto, seu caráter é temporário, não sendo considerada uma modalidade educativa em si e não emitindo certificação ao final do processo. Por outro lado, a Educação a Distância planejada abrange o ensino superior, a pós-graduação, cursos livres, extensão, ensino técnico e profissional, bem como a educação continuada. Essa modalidade possui caráter permanente e está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), emitindo certificação ao final do processo.

7.1.11 Eficácia?

Embora ainda não existam estudos suficientes sobre a eficácia da Educação Emergencial a Distância no contexto brasileiro, essa modalidade de ensino tem sido implementada com algum sucesso em países afetados por conflitos, como o Afeganistão e a Bósnia. No Brasil, no entanto, conseguimos notar as dificuldades que esse processo de ensino apresentou e as consequências geradas por ele. É claro, na situação de calamidade em que nos encontrávamos, esse ensino se tornou a conhecida frase “melhor do que nada”, e de fato, ele serviu como uma maneira de alguns alunos, manterem o mínimo de vínculo com a instituição de ensino mitigando os estragos maiores caso ele não existisse.

8. A INFRAESTRUTURA NECESSÁRIA PARA O EAD NO PARANÁ

A infraestrutura das escolas do Paraná nos anos de 2020 a 2022 tem sido um tema de grande preocupação para educadores, pais e alunos. A pandemia de COVID-19 acentuou as dificuldades que já existiam antes da crise sanitária, levando a questionamentos sobre as condições de ensino oferecidas pelo sistema de ensino paranaense.

Entre os principais problemas enfrentados pelas escolas, destaca-se a falta de recursos financeiros para manter a infraestrutura adequada (PRADO, 2021)

A falta de equipamentos tecnológicos foi um grande desafio. Durante a pandemia, a necessidade de aulas remotas evidenciou a desigualdade digital presente nas escolas do Paraná. Muitos alunos não possuíam acesso a computadores ou internet de qualidade, o que comprometeu o processo de aprendizagem; e as escolas não tinham equipamentos para dar suporte aos alunos que não tinham essas ferramentas.

Para solucionar esses problemas, é necessário que o governo do Paraná invista em infraestrutura escolar de qualidade, com recursos destinados à manutenção de prédios, à aquisição de equipamentos tecnológicos (PRADO, 2021).

Depois de passado o período da pandemia a secretaria de educação deveria planejar a criação de uma infraestrutura de tecnologias que possa ser utilizada em atividades no ensino presencial, ou virtual. É possível superar esses desafios com investimentos em infraestrutura de qualidade e diálogo constante com a comunidade escolar (PRADO, 2021)

Em primeiro lugar, é preciso ter uma plataforma de ensino que possibilite a interação entre alunos e professores. Essa plataforma deve ser intuitiva, de fácil acesso e permitir a realização de aulas ao vivo, disponibilização de conteúdo, exercícios, correção de atividades, fóruns de discussão, chats, entre outras funcionalidades que possibilitem a participação ativa dos alunos nas atividades propostas.

É preciso que os alunos tenham acesso a equipamentos e se possível de qualidade, como computadores, tablets ou smartphones, que permitam a conexão com a internet e o acesso à plataforma de ensino. É importante ressaltar que a qualidade desses equipamentos interfere diretamente na qualidade da experiência de ensino virtual. Equipamentos com baixa qualidade podem prejudicar a qualidade do vídeo, do som e a estabilidade da conexão, causando interrupções e falhas nas aulas, o que compromete o aprendizado.

A conexão deve ser rápida e estável para garantir que os alunos possam acompanhar as aulas, realizar atividades e participar de fóruns e chats sem interrupções ou lentidão. A qualidade da conexão pode ser afetada por diversos fatores, como o número de usuários conectados ao mesmo tempo, a qualidade do sinal da operadora, a infraestrutura da rede, entre outros, mas no caso da pandemia, os problemas eram básicos: qualidade dos equipamentos e infraestrutura da rede.

Também é necessário que haja um espaço físico adequado para que os professores possam ministrar as aulas, com boa iluminação, acústica e internet de qualidade.

A plataforma de ensino e os materiais disponibilizados estejam acessíveis a todos os alunos, independentemente de suas condições físicas ou de saúde. Isso significa que os materiais devem estar em formatos que possam ser lidos por softwares de leitura de tela, por exemplo, e que haja recursos de legendagem em vídeos para pessoas com deficiência auditiva. Ademais, a infraestrutura de EaD deve ser capaz de oferecer suporte a alunos com necessidades especiais, como alunos com deficiência visual ou auditiva. Para isso, é necessário disponibilizar tecnologias assistivas, como legendas e recursos de áudio, além de recursos de acessibilidade e ferramentas de tradução.

Em escolas que desenvolvam práticas laboratoriais ou atividades de campo, por exemplo, a instituição precisa garantir que os alunos tenham acesso aos equipamentos e materiais necessários.

A infraestrutura necessária para o ensino a distância deve ser vista como uma ferramenta a mais para garantir a qualidade do ensino, mas não como uma solução definitiva. A infraestrutura necessária para o ensino a distância inclui tecnologia e internet de qualidade, plataformas de ensino eficientes e intuitivas, recursos humanos e técnicos dedicados ao suporte técnico e pedagógico.

Um sistema de EaD deve ser capaz de fornecer recursos e serviços para estudantes e professores que permitam a realização de aulas virtuais em tempo real, fóruns de discussão, tutoriais online, sessões de chat, atividades em grupo, entre outras formas de interação. Acesso a uma ampla variedade de materiais didáticos, incluindo textos, áudios, vídeos e gráficos, bem como a sistemas de suporte à aprendizagem, como ferramentas de avaliação, orientação e apoio tutorial.

É essencial que os professores e alunos tenham acesso a computadores, software de videoconferência, câmeras, microfones e outros equipamentos necessários para a comunicação online.

A infraestrutura do EaD também precisa ser projetada para oferecer segurança e privacidade aos usuários. Isso inclui medidas de segurança cibernética para proteger informações pessoais e dados do sistema de hackers e outras ameaças online. Também é importante oferecer suporte técnico para ajudar os usuários em caso de problemas ou falhas no sistema. Deve ser escalável e modular para permitir a adição de novos recursos e funcionalidades, além de ser capaz de atender às necessidades de diferentes tipos de dispositivos e plataformas.

CAPITULO III – REALIDADE DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA E O ENSINO VIRTUAL E HÍBRIDO

9. A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E A DESISTÊNCIA POR PARTE DOS PROFESSORES.

Partindo do princípio que a definição do termo precarização do trabalho se torna algo difícil de definir., é importante dizer que, lembrar, de modo geral, uma precarização do

mundo do trabalho, apontada por autores como Sennett (2010), Antunes (2000) e Bourdieu (1998 e 2012), a educação tem sido atacada e desmontada nas últimas décadas e portanto o trabalho mais se precarizou nesta área nas últimas décadas isso ocorre em função da democratização do acesso e das escolhas políticas que acompanharam essa democratização. Tais políticas são geradas no interior de um Estado que muitas vezes se desonera de suas responsabilidades frente à Educação, além de adotar um modelo econômico Neoliberal, com uma política de austeridade muito pujante em relação ao público e ao sistema de bem-estar social..

Neste sentido, para essa dissertação irei adotar a precarização do trabalho segundo Sá (2012) que segue quatro características: salários baixos e descontinuidade nos tempos de trabalho. De acordo com a autora:

“Associamos, assim, o trabalho precário à instabilidade (impossibilidade de programar o futuro – situação dos jovens que ficam até mais tarde em casa dos pais); à incapacidade econômica (impossibilidade de fazer face aos “riscos sociais” e de assegurar as despesas econômicas do cotidiano – o surgimento dos “novos pobres”); e à alteração dos ritmos de vida (alteração nos horários de trabalho e da relação entre trabalho/desemprego) (Sá, 2012)”

Podemos descrever a precarização da educação como sendo principalmente resultado da formação insuficiente oferecida pelos cursos de licenciatura, das condições de trabalho desfavoráveis dos professores (tais como alta carga horária, tempo excessivo em sala de aula e pouco tempo para preparação de atividades), das escolas com estrutura física inadequada para o ensino e aprendizagem, entre outros fatores. Além disso, as condições humanas e materiais que sustentam o funcionamento das escolas também contribuem para a precarização, incluindo a falta de profissionais e o insuficiente espaço para atender a quantidade de alunos. Essas questões foram abordadas por Sampaio e Marin ainda em 2004 e podemos observar essas características mesmo agora.

Existe também a questão salarial, que não oferece grandes recompensas pelo desgastante trabalho diário dos educadores. A título de exemplo, na década de 60, havia 248 mil professores no Brasil. No entanto, em 1994, esse número já havia aumentado para 1.377.665 (Sampaio e Marin, 2004). Em 2010, o Brasil contava com dois milhões de professores apenas na educação básica, conforme dados do site "Todos pela Educação". E esse número, se mantém até os dias de hoje.

Esse crescimento significativo e constante só foi possível devido a vários fatores, sendo um deles a desvalorização salarial. Para que os professores consigam ter uma vida razoável, a grande maioria deles precisa trabalhar pelo menos 40 horas semanais, e muitos chegam a trabalhar até 60 horas semanais.

Claro, ainda que argumentamos, que se pode observar que na maioria da classe trabalhadora já possui uma carga horária de 40 horas ao pensar na profissão docente, a situação piora. É uma prática muito comum na profissão, o levar do trabalho para casa. Uma vez que, nas poucas horas de atividades dadas ao professor se torna insuficiente para que este, consiga, coisas como correção de atividades, avaliações, preparação de aulas etc. O que é apenas uma evidencia dessa precarização a qual irá resultar no afastamento dos professores durante esse período.

Conforme destacado por Sampaio e Marin (2004), os problemas relacionados à precarização do trabalho escolar não são recentes no Brasil, mas sim persistentes e em constante crescimento. Segundo os autores, foi a partir dos anos 70 do século XX que se intensificaram as condições econômicas desfavoráveis no país, juntamente com a deterioração do sistema público de ensino, ao mesmo tempo em que ocorria uma expansão expressiva do sistema, resultando em efeitos desastrosos para o funcionamento das escolas, especialmente nas grandes áreas urbanas. Essa visão também é compartilhada por Zaragoza (1999)

Além disso, há um grande número de professores que são contratados de forma temporária e que, ao final de cada ano letivo, ficam na expectativa de serem recontratados para o próximo período. Essas questões também foram identificadas por Sallas et al. (1999) em sua pesquisa sobre jovens em Curitiba. Os autores destacaram que professores mais experientes lamentavam a redução salarial e o considerável desprestígio da profissão.

Independentemente das tensões geradas no contexto social na qual se exerce a docência, encontramos outra série de limitações que atuam diretamente sobre a prática cotidiana, limitando a efetividade da ação do professor e constituindo-se em elementos que acabam contribuindo para o mal-estar docente a médio e longo prazo. Em geral, o sistema educativo em seu conjunto sofreu as consequências da crise econômica de 1973 que se traduziu em cortes orçamentários de diversos tipos sobre as quantias destinadas à melhoria qualitativa do sistema de ensino. (...) deveria ser considerada também a perda de poder aquisitivo do dinheiro e o aumento quantitativo de vagas escolares, mantido em nosso país e no qual foi parar boa parte do aumento de recursos. (ZARAGOZA, 1999).

A superlotação das escolas, também sempre fora um fator de reclamação para a categoria. De fato, podemos observar um aumento no número de vagas mas não o aumento no número de escolas. Para contextualizar a comparação em um período um pouco mais extenso, em 1998 o Brasil possuía 196.479 escolas de ensino fundamental, abrangendo os oito anos de escolaridade obrigatória naquela época (Parente e Lück, 1999). Essas escolas estavam distribuídas entre as quatro redes de ensino existentes: federal, estadual, municipal e particular.

Em 2011, o número total de escolas era de 197.500, englobando tanto as escolas públicas quanto as privadas. Enquanto em 2022 temos um valor aproximado de 196.400.

No entanto, é importante observar que esse número abrangia não apenas a educação infantil (para crianças de quatro meses a cinco anos), mas também o ensino fundamental (para crianças e adolescentes de seis a 14 anos) e o ensino médio (a partir dos 15 anos) (dados do caderno "Por Dentro do Brasil - Educação", 2011 e gov.br 2022.). Sendo aproximadamente 74.400 creches e 122.500 de escolas do fundamental I e II, estatais e privadas.

Ao considerarmos que em 1998 havia esse número de escolas e, em 2011, houve um acréscimo de apenas 1.000 escolas e uma redução novamente de 1000 em 2022, englobando todas as etapas da educação básica, podemos concluir que em 22 anos houve uma criação nula de novas escolas no país, levando em conta suas dimensões continentais.

Dessa forma é economizado dinheiro na infraestrutura e essa falta de investimento, resulta na saúde mental do professor.

A escola e a qualidade da educação não podem ser alcançadas sem um compromisso significativo por parte daqueles que embarcam nessa jornada. Não importa quão boas sejam as condições de trabalho de uma instituição, ela não será efetivamente boa se seus profissionais não estiverem engajados na causa educacional. Por outro lado, mesmo em meio a condições precárias, escolas podem obter resultados positivos se os profissionais que ali atuam abraçarem a missão de serem educadores exemplares.

Nesse contexto, surgem desafios e dilemas difíceis de administrar. Um ambiente de trabalho precário, juntamente com a falta de comprometimento do Estado em suas responsabilidades, tende a gerar professores cada vez menos engajados e desmotivados, sem um compromisso real com as mudanças sociais e alheios à sua própria situação. Por outro lado, professores desinteressados e sem engajamento não possuem a capacidade de mobilização e transformação social, vemos isso no apelo cada vez menor vindo do sindicato dos professores do Paraná a APP - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública no Paraná - em que, mesmo mantendo uma taxa de adesão em suas fileiras, consegue cada vez

menos mobilizar a categoria para a realização de uma greve ou mesmo uma paralisação, esse fato, falo por experiência, no ano de 2022 foi realizada uma paralisação convocada pelo sindicato, além da baixa adesão nas escolas, sendo que muitos professores, fizeram o papel de “cumprir horário”, ou seja, ir a escola mesmo que ela esteja sem alunos, os professores que aderiram a paralisação levaram falta e o sindicato não conseguiu reverter a decisão. Essa situação acaba criando um ciclo vicioso que compromete todo o sistema educacional.

Indiscutivelmente, existem experiências educacionais excelentes em escolas públicas, mas essas experiências dependem exclusivamente do comprometimento individual dos professores. A boa vontade e a resiliência infinita desses profissionais ancoram, de forma pessoal, todos os processos e resultados admiráveis alcançados pelas escolas públicas. No entanto, nesses casos, os méritos são pessoais e não resultam de um sistema educacional capaz de fornecer um suporte efetivo para um bom trabalho docente. Infelizmente, diante de um Estado que parece se esquivar de suas obrigações, temos como consequência professores que abandonam seus papéis e suas funções.

Essa desfunção causa nos professores uma sensação de prisão, como se a comunidade escolar fosse seus inimigos e a escola um local de tortura. Para Pescarolo (2016) isso acaba impactando até mesmo na forma em que o professor enxerga o patrimônio público, valorizando até mesmo o serviço privado em detrimento ao público, ainda que este, seja o seu trabalho e mesmo acaba se gabando ou se sentindo superior por exercer a função de educador em um estabelecimento particular.

Há claramente uma distinção entre a implicação que os profissionais fazem entre a escola pública e a privada. Primeiramente, boa parte dos filhos dos professores das escolas públicas estuda em escolas particulares. Os próprios professores alegam que o ensino é mais forte e que os professores são mais comprometidos nas escolas particulares. Recentemente, em um grupo de alunos de uma escola estadual, localizada na região noroeste da cidade, atendidos pelo INV, realizávamos uma atividade inicial de apresentação. A professora que acompanhava a turma, ao se apresentar, falou que se considerava uma ótima professora. Os alunos, brincando, riram. Ela então diz: “Antes que vocês tirem sarro, quero me explicar. Eu sei que sou uma ótima professora porque além daqui, também dou aula na escola x (uma escola bem conhecida da rede privada de Curitiba), e lá meus alunos vão super bem, tiram ótimas notas”. Diante dessa fala, é possível perceber que o parâmetro por ela utilizado para se autoavaliar não se encontra na escola pública, essa não diz de seu valor. (PESCAROLO, 2016)

A lógica por vezes parece ser: “se eu estou infeliz e não consigo ter estratégias positivas, então, todos também precisam estar, assim não me dou conta dos meus próprios problemas e continuo culpando os alunos, as famílias, o sistema. Quero que tudo mude para eu não precisar mudar.” (PESCAROLO, 2016). Essa projeção acaba por se tornar cada vez mais forte e intuitivo, tornando a escola um espaço de adoecimento mental, um ciclo, da mesma maneira que um indivíduo com tendências suicidas, em um grupo suicida tende a concretização do fato, professores novos, ao entrar em um ambiente na sala dos professores, acaba por se frustrar, escutando seus veteranos e quando esses mudam seu status reproduzem essa mesma atitude. Desta forma, tomo a liberdade de sair dessa figura impessoal relato uma experiência que presenciei mais de uma vez, e mais de uma vez com professores da faixa etária que estou enquanto escrevo essa dissertação (24 - 28 anos). Não raro, escutei de meus colegas, dirigidas a mim ou não, coisas como “Nossa, como você é novo, ainda tem tempo de mudar de profissão.”, “Ainda dá tempo de você mudar de profissão hein!.”, “Fulano, o que você ta fazendo aqui? Vai fazer um mestrado e ir para a universidade.” “Termina esse mestrado e vai para dar aula para a Universidade.” “Nossa, você fica inovando desse jeito, mas eles (os alunos) não dão valor.”

Pescarolo, diz que a sala dos professores é um ambiente formidável e lhe traz uma verdadeira experiência antropológica e isso é a mais pura verdade, no entanto, eu também a vejo como um ambiente tóxico, um local de retroalimentação de mágoas, medos e frustrações, o qual contribui para todo o tipo de adoecimento, em decorrência dessas lamentações, competitividade, questões as quais apenas se intensificaram durante a pandemia.

Como já dissertado, professores com mais experiência de trabalho e não nascidos digitais, possuem uma certa resistência inicial à utilização de novas tecnologias. Em decorrência disso, alguns professores se aposentaram com a explosão da pandemia. Esse fato está atrelado aos problemas já apresentados, mas, o principal motivo foi a falta de capacitação dada aos professores, a pressão sofrida diante deste desafio, forçou muitos professores que numa situação diferente teriam se aposentado apenas compulsoriamente, acabaram por impulso resignando seus cargos. Em Mandaguari conheci uma professora que fez justamente isso e agora volta a trabalhar como professora PSS. Infelizmente, em decorrência do tempo desta dissertação, não consegui realizar uma entrevista oficial com ela, apenas uma conversa a qual ela me confirmou essa hipótese que relatei.

No entanto, uma das professora entrevistadas que era professora de Física e Matemática, se aposentou de um de seus padrões, para tentar diminuir a pressão que era

oferecida pelo estado, assim como, muitos dos entrevistados relataram a cobrança que recebiam, muitas vezes, até mesmo fora do horário de trabalho. Observe o relato do professor Renan.

Sim, teve esse problema, porque o celular não parava, né? WhatsApp, principalmente. Pais, alunos, equipe pedagógica, toda hora. Então, o celular era praticamente 24 horas tocando. Como se diz, né? Eu ouvia aquele barulhinho e a gente nem queria olhar. (informação verbal)

Esse relato, pode ser observado na maioria dos professores, quando questionados se foram importunados por alunos fora de aula, as respostas foram bastante parecidas. Segundo a Professora H., Professora Mi. e Professora R., relatando sobre suas experiências, os alunos frequentemente perguntavam coisas fora de hora de trabalho.

O tempo todo. À noite, de madrugada, no domingo, no sábado. E aí muitas vezes eu demorava para responder, porque você não fica com o celular o tempo todo em mãos. Então você talvez estava lá, lendo alguma coisa que um aluno mandou, ou em algum webinar, e os alunos mandando mensagens. E se você demorava para responder, ficavam muito irritados. Ah, vai responder professora?

Pais nos grupos também, a gente teve uma situação de um pai que foi muito grosseiro das minhas turmas. Eu sei que houve outras situações. E o pai exigindo que os professores dessem mais atenção. E a gente, assim, sobrecarregado de coisas. As atividades impressas para serem elaboradas, impressas, entregues, recolhidas, corrigidas. A aprendizagem do uso da plataforma. O atendimento individualizado dos alunos, porque eles não encostavam no grupo, falavam com a gente. Muitas vezes você tinha que ficar perguntando, quem é você? De que turma você é? E aí o aluno demorava para responder. (informação verbal)

Bastante, bastante. Não tinha hora pra mandar. A gente ficava quase doida, né? Eu falo assim, de um modo geral. Mas eu, particularmente, às vezes eu tinha que desligar o celular, porque eu recebia mensagem 3 horas da manhã, 5 horas da manhã, aluno, às vezes pai de aluno, mãe de aluno. E a gente, na verdade, foi meio que obrigada, né? Eu fui meio que obrigada a participar dos grupos de WhatsApp, porque o WhatsApp era considerado como uma ferramenta escolar, vamos dizer, né? Então, ele foi colocado como uma ferramenta de estudo, de ensino -aprendizagem. Então, eu tinha que participar dos grupos dos alunos. Na

época da pandemia, eu tinha, acho que, 14 turmas, se não me engano. Não lembro se eram 16 ou 14 turmas. Então, eram 14 grupos de WhatsApp. Fora os grupos das escolas que eu tinha, eu estava em três escolas diferentes. Estava aqui no SEVEC, no Gori. E turmas, assim, variadas. Tinha ensino médio, ensino fundamental, tinha a educação profissional. Então, eu tinha tudo misturado. Ah, tinha EJA também. E era uma coisa diferente da outra. Os alunos tinham dúvida e a gente ficava recebendo mensagem. Era sábado, domingo, qualquer hora do dia, qualquer hora da noite. Então, era uma loucura. Às vezes, eu deixava o celular um pouco quieto, descansando ali a fazer alguma coisa. Quando voltava, já tinha lá 100 mensagens. Então, às vezes, eu passava a noite inteira só lendo mensagem e respondendo. Aí, atividade. Ah, você pode receber atividade do aluno pelo WhatsApp. Para mim, foi uma das piores coisas. Porque daí eu recebia mensagem pelo WhatsApp, eu tinha que corrigir pelo WhatsApp, dar o feedback lá para ele e mandar de volta. E não era um aluno ou outro, eram vários. Então, passava o número do celular para o aluno, o aluno mandava mensagem toda hora, ele tinha que explicar o conteúdo pelo celular. Então, às vezes, eu até pegava. Era a mesma turma, o mesmo conteúdo, eu dava CTRL -C e CTRL -V e colava, porque era muito aluno. Mas, fiquei quase doida. (informação verbal)

Nossa! Foi um pesadelo. Um pesadelo. Muito, muito, muito fora de hora. Em final de semana. Não tinha horário, na verdade. Minha família achava um absurdo. Ter que estar à disposição o tempo todo, né? Mas a gente acabava ficando, porque era uma coisa tão difícil de atingir esses alunos que qualquer sinalização deles, a gente queria ter contato. Mas foi bem, foi até abusivo, acho. (informação verbal)

Para Nascimento (2021) Esse trabalho em excesso acaba afetando diretamente a saúde mental do professor, uma vez que, ele precisa usar a sua “mascara” profissional 24 horas por dia. Antes, o simbólico do encerrar do trabalho do professor, se dava através do bater do sinal e do fechar dos portões da instituição, agora, com o avanço da comunicação digital e principalmente durante o ensino remoto emergencial, esse simbólico foi destruído e portanto isso afeta o estado biopsicossocial do professor, precarizando ainda mais o trabalho. Um exemplo disso, foi a própria professora Mi., relatando o uso de remédios.

Sim, com certeza, com certeza. Tanto é que agora eu uso Remédio para ansiedade, que eu nunca imaginava que eu ia passar por isso. Mas, não sei o que aconteceu.(informação verbal)

No entanto, vários problemas poderiam ter sido evitados se as escolas já tivessem uma infraestrutura tecnológica na escola que favorece as atividades no ambiente virtual: treinamento para ensinar online, fornecimento de recursos digitais e suporte financeiro para ajudar os professores durante a crise.

10. O FRACASSO ESCOLAR, OS ALUNOS DURANTE E PÓS-PANDEMIA.

Um dos principais problemas que emergiram durante a pandemia foi a falta de acesso adequado à educação remota. Muitos estudantes não possuíam dispositivos eletrônicos ou conexão à internet estável, o que dificultou sua participação nas aulas online e o acesso aos materiais de estudo. Essa disparidade de acesso agravou as desigualdades educacionais pré-existent e resultou em um maior índice de evasão escolar.

Há uma pressão urgente originada de movimentos educacionais que afirmam que o ensino remoto tende a agravar as disparidades sociais. Os pesquisadores do Insper conduziram um estudo e apresentaram seus resultados ao Conselho Nacional de Educação em 26 de janeiro de 2020. A pesquisa contém dados comprovativos de que o ensino remoto e as circunstâncias da pandemia ampliaram ainda mais as desigualdades entre estudantes ricos e pobres. Intitulada "Disparidade educacional durante a pandemia", a pesquisa foi divulgada em dezembro de 2020 e fornece dados investigativos sobre o fechamento das escolas e sua relação com os diversos impactos educacionais entre os alunos brasileiros.

O estudo constatou que os alunos de instituições privadas estão mais bem preparados para acessar materiais educativos durante o período de distanciamento social. Isso se deve ao fato de que as escolas particulares se adaptaram de maneira mais eficiente ao ensino à distância em comparação com as instituições públicas. Como resultado, conseguiram oferecer atividades escolares para a maioria dos alunos dessas instituições. Além disso, o acesso à internet por parte desses estudantes é significativamente maior do que o dos alunos mais pobres. De acordo com os pesquisadores, a desigualdade educacional entre os alunos irá aumentar em todos os níveis de ensino (fundamental, médio e superior) devido à crise de saúde (INSPEER, 2020).

A pesquisa chegou à conclusão de que o fechamento das escolas pode dificultar a mobilidade social intergeracional, ou seja, a melhoria das condições socioeconômicas entre uma geração e outra. Além disso, é esperado um aumento da desigualdade na educação entre as diferentes regiões do país devido às disparidades no ensino remoto. Por fim, as próprias deficiências dos sistemas de ensino público podem impulsionar a evasão escolar por parte dos estudantes, agravando ainda mais a situação.

Esse problema fica evidenciado com as entrevistas realizadas nessa pesquisa, de um modo geral, todos os professores mencionaram esse fato, porém, observe a fala do professor Marcos no assunto e também da Pedagoga Al.

E aí, alguns alunos nós tínhamos que ficava chamando aqui na escola, que era um local que era, assim, de maior acesso, né? Até o distanciamento, né? E você fazer com que o aluno viesse até a sua sala online, né?

Também no começo foi muito dificultoso, porque a gente não tinha muito acesso com eles, né? E o aluno também, ele não tinha um celular adequado, não tinha um computador em casa, né? A família também não tinha conhecimento da tecnologia, então até a gente colocar isso aí tudo em ordem, fazer essa logística funcionar, foi trabalhoso, foi muito trabalhoso. E, assim, quando houve esse afastamento, né? O estado, que você teve que trabalhar em casa, né? (informação verbal)

Nós tínhamos muitas dificuldades com os alunos, que também não acessavam as aulas, né, online. Aí isso tudo, assim, até o final do ano de 2020, a gente conseguiu ir colocando nos eixos isso. Aí eu acho assim, que trabalhar com a tecnologia, acessar esses alunos, ir na casa dos alunos, eu mesma fiz isso, né? (informação verbal)

Porque eu me dava um incômodo muito grande, aqueles alunos que não conseguia baixar aquele aplicativo, que não conseguia acessar as aulas nem pela televisão de jeito nenhum.

Então essa... Como que eu posso falar? Essa cisão, né, que aconteceu, é que os que ficavam lá e os que ficavam cá, que acompanhavam as aulas, então isso me incomodou.

Então eu fui em muitas casas, meu Deus do céu, fui em algumas casas baixar o aplicativo, tem até uma história que eu já contei, né, que é interessante, que o aplicativo não baixava no celular da avó da menina, não baixava no celular do avô, aí vai a menininha na casa da vizinha pegar o celular, você vai vendo isso, pra baixar aquele aplicativo, pra ela conseguir entrar no Class e tudo, né? Então, assim, foi uma experiência... Foi triste, mas foi uma

experiência assim... Onde teve muita aprendizagem, até eu sempre me benefico com essas questões porque eu sempre aprimoro o meu lado humano, né, então acho assim... Tive contato com muitos alunos de ir na casa e tudo... E ver, né, porque a gente está aqui e não tem noção como que é em casa, como que é lá onde eles moram, então, assim, isso estreitou muitos laços.(informação verbal)

O ambiente escolar desempenha um papel crucial no desenvolvimento acadêmico e socioemocional dos estudantes. Com o fechamento das escolas, os alunos perderam não apenas o acesso ao conteúdo educacional, mas também o convívio com colegas e o suporte social oferecido pelos professores. Essa falta de interação social impactou negativamente o engajamento dos alunos e seu bem-estar emocional, contribuindo para o fracasso escolar.

Um relato muito grande dos professores, foi em relação a essa perda no emocional, observe a fala da professora H., do Professor Re. e da Professora Mi., respectivamente, sobre o assunto.

Muita ansiedade. Os alunos voltaram muito ansiosos. Muitos alunos depressivos. Com problemas de comportamento muito atípicos. Coisas que a gente não estava acostumada a lidar. Então, a questão emocional deles, na minha opinião, foi o que mais pesou nesse retorno.

Claro que houve, sim, problemas de ajuste ao retorno presencial, porque o aluno precisou entrar no ritmo novamente. O uso de máscaras também dificultava bastante, porque o professor falava e o aluno, às vezes, não entendia. Porque ele vê você falando, ele olha para você, e a leitura labial é uma coisa natural no ser humano. Então, a gente não tinha isso. Ou o aluno falava muito baixinho e a gente conseguia ouvir e entender o que ele estava dizendo. Isso também foi um empecilho. A questão deles não poderem se aproximar e eles terem essa vontade de ficar perto, e a gente ficar falando, não pode, não pode ficar perto, senta longe, não pode emprestar material. Então, eram muitas coisas que a gente tinha que administrar ao mesmo tempo. Então, para mim, foi muito complicado, eu confesso. (informação verbal)

Eles pareciam mais sensíveis, né? Eles estavam muito carentes. Carentes, né? Então, volta e meia, tinha aluno se cortando, aluno cortando o braço, cortando o calcanhar, né? Então, teve casos frequentes disso na escola.(informação verbal)

Do ano da pandemia para depois da pandemia? Eu percebi bastante situação de aluno com problema psicológico. Aluno com ansiedade. Crise de ansiedade. Os alunos mais depressivos, mais nervosos também. Tanto é que algumas brigas aconteceram com poucos alunos quando a gente retornou, que a gente estava fazendo aquele rodízio de aluno. Então poucos alunos dentro da sala de aula, mesmo assim, de vez em quando saiam algumas brigas. Mesmo sem poder ter o contato, eles acabavam brigando. Sem paciência. Muito assim, imediatista. Quer tudo na hora. Então parece que eles desaprenderam a ter o convívio com a gente. Com o professor. Então não aceitavam ordens. Até hoje, né? Até hoje está assim.(informação verbal)

A pedagoga Al. também trouxe uma informação interessante, sobre os alunos que vieram a escola, mas, não conseguiram frequentar até o final do ano letivo.

[...]tem uma outra coisa que eu acho que o tempo pandêmico foi a questão das questões emocionais. A questão das questões emocionais. Foi, né, essa situação. Teve um boom, sim. E isso eu tava esquecendo. Na escola, de gente com depressão, transtorno de ansiedade, pânico, tudo isso aí ficou muito maior, ficou muito mais acentuado. Nós temos alunos que parou de vir pra escola. Veio no primeiro e no segundo trimestre com muita dificuldade. No terceiro não aguentou mais vir por conta e com laudo, né, todos esses alunos laudados. Crise de pânico, ansiedade, depressão. Então, acho assim, pras questões emocionais, houve sim, houve um aumento, né, dessas situações na escola.(informação verbal)

No âmbito dos professores de Geografia, o mesmo pode ser observado pelos professores entrevistados e mesmo pelo autor durante suas aulas. Muitas atividades em grupo foram realizadas, no entanto esse trabalho parece ser um pequeno grão de areia, em um mar de defasagem. Note, para a professora G.

Senti a dificuldade, porque muitos não participavam das aulas online, ficou muito tempo, até hoje a gente percebe a dificuldade de leitura, interpretação, escrita, é muito difícil para eles. Eu vejo, assim, que todo o conteúdo que a gente tem que passar durante o ano letivo, eu estou atrasada, eu não consigo avançar muita coisa com eles, devido a essa dificuldade que eles têm, né? Inclusive até da interação, da sociabilização deles. Eles ficaram mais intoleráveis entre eles, né? Muita briga, confusão, o aluno... Tive que trabalhar bastante atividade em grupo, eu percebi que eles não conseguiam nem mais se sociabilizar ali dentro da sala, um

com um colega, né? E muitos alunos irritados, eu percebi, assim, por pouca coisa, já vinha de casa, parece. Acho que o fato de ter ficado preso muito tempo, apesar que a gente também ficou, mas eles como crianças parece que foram mais atingidos desse fato de ter ficado em casa todo esse período. E aquele que não tinha a online, que ficava com as atividades imprestas que a gente elaborava e o trabalho da gente triplicava, né? Muitos, mesmo eu deixando o número de telefone pra tirar a dificuldade, se não conseguia fazer as questões, os exercícios, poucos retornaram, né? Acho que devido a falta de dinheiro de ligar.

Então, muitas atividades eles deixavam em branco ou assinalavam qualquer coisa pra dizer o que fez. E quando eles retornaram em sala, eu conversei bastante sobre isso e a maioria falava assim, professora, eu não conseguia fazer, por mais que eu tenha o texto ali, eu não conseguia entender. Então, mesmo as atividades impressas, que eram do Estado, que a gente tinha que enviar, eles haviam uma dificuldade, havia uma dificuldade muito grande pra eles realizarem as atividades.(informação verbal)

Para muitos estudantes e professores, a transição repentina para o ensino remoto foi um grande desafio. A falta de familiaridade com as ferramentas digitais, a dificuldade de concentração em um ambiente doméstico e a sobrecarga de tarefas foram alguns dos obstáculos enfrentados. Além disso, a ausência de uma supervisão presencial dificultou o acompanhamento individualizado dos alunos, tornando mais difícil identificar e resolver suas dificuldades de aprendizagem.

A pandemia trouxe consigo uma série de desafios emocionais e estresse para os estudantes. A incerteza em relação à saúde, às consequências econômicas e às mudanças na rotina familiar afetaram o bem-estar emocional dos alunos, afetando sua capacidade de concentração e motivação. Essa carga emocional adicional tornou-se um fator que contribuiu para o fracasso escolar, já que os estudantes enfrentavam dificuldades em lidar com suas emoções e se manterem engajados nos estudos.

Além disso, o acesso igualitário à educação remota no ensino fundamental foi uma tragédia. Para garantir o acesso igualitário à educação remota, é fundamental investir em infraestrutura tecnológica. Isso inclui a disponibilização de dispositivos eletrônicos e acesso à internet de qualidade para todos os estudantes, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade socioeconômica. O apoio governamental é essencial para viabilizar essa infraestrutura.

Para combater o fracasso escolar, é importante implementar intervenções pedagógicas personalizadas. Isso pode envolver a identificação precoce de alunos em situação de risco, a

oferta de reforço escolar individualizado e o acompanhamento próximo de seu progresso. A criação de programas de tutoria e mentoria também pode ser uma estratégia eficaz para apoiar os estudantes.

O cuidado com o bem-estar emocional dos estudantes deve ser uma prioridade. É necessário oferecer suporte psicossocial, por meio de serviços de aconselhamento e orientação, para ajudar os alunos a lidarem com o estresse e as emoções negativas causadas pela pandemia. Promover atividades extracurriculares virtuais e espaços de interação social pode contribuir para o fortalecimento do vínculo entre os estudantes e a escola. O fracasso escolar em decorrência da pandemia representa um desafio significativo para o sistema educacional. No entanto, é possível adotar medidas para mitigar seus efeitos negativos. Investimentos em infraestrutura tecnológica, formação e suporte para educadores, intervenções pedagógicas personalizadas e foco no bem-estar emocional dos estudantes são algumas das perspectivas que podem contribuir para superar esse desafio. É fundamental que todos os atores envolvidos na educação unam esforços para garantir que nenhum aluno seja deixado para trás e que sejam criadas condições propícias para o sucesso acadêmico mesmo em tempos adversos.

10.1. OS ALUNOS “NASCIDOS” DA PANDEMIA.

É evidente que essas questões existiam também antes da escola se universalizar. Sempre houve aluno desmotivado em relação à causa escolar e aluno cuja trajetória educacional tenha sido interrompida ou apontada como medíocre para os padrões escolares (Patto, 1990). Porém na escola universalizada esses índices deixam de ser a exceção e, por vezes, tornam-se a regra.

No Paraná, assim como em outras regiões do país, a volta às aulas tem sido bastante desafiadora, especialmente para os alunos, que têm enfrentado diversas dificuldades nesse processo.

Uma das principais dificuldades enfrentadas pelos alunos paranaenses foi o medo de contágio pelo coronavírus. A pandemia até o tempo de escrita dessa dissertação ainda não foi controlada, e muitas famílias tiveram receio de enviar seus filhos para a escola em meio a um cenário de incertezas. Essa preocupação pode ser ainda maior em famílias com membros do grupo de risco, que temiam que a volta às aulas possa colocá-los em perigo.

Muitos alunos têm enfrentado dificuldades para se adaptar às mudanças na rotina escolar causadas pela pandemia. Com o ensino remoto, muitos estudantes tiveram que se

adaptar a novas formas de aprendizado, utilizando plataformas digitais e recursos tecnológicos para acompanhar as aulas. Agora, com o retorno das aulas presenciais, eles precisam se adaptar novamente a uma nova rotina, com regras de distanciamento social, uso de máscaras e outros protocolos de segurança sanitária.

A desigualdade de acesso à educação em que alunos não têm condições de adquirir os equipamentos necessários para acompanhar as aulas online, como computadores, tablets ou smartphones. A pandemia causou um grande impacto na vida de todos, e muitos estudantes tiveram que lidar com o isolamento social, o medo do contágio e a incerteza quanto ao futuro. Com a volta às aulas, esses sentimentos se intensificaram em alguns à medida que tiveram que se adaptar a rotina e lidar com o medo do contágio, que diminuiu com a vacinação.

No período de transição entre o ensino virtual e presencial, ou seja, do retorno às aulas presenciais, as escolas adotaram protocolos de segurança sanitária, higienização frequente dos ambientes escolares, adoção de medidas de distanciamento social e o uso de máscaras.

O suporte emocional dos alunos que as vezes se manifesta na escola deve ficar sob responsabilidade dos setores da saúde pública.

Embora o ensino remoto tenha sido uma solução durante a pandemia, a falta de infraestrutura adequada dificultou o acesso e a participação plena dos estudantes nas atividades escolares.

Um dos principais desafios foi a falta de equipamentos de qualidade para acompanhar as aulas presenciais e remotas. Muitos alunos não possuíam computadores ou dispositivos móveis em casa, dificultando o acesso aos materiais de estudo e a participação nas aulas online. A desigualdade social se manifestou na escola quando se percebeu que as famílias dos alunos não tinham condições de pagar internet de qualidade, prejudicando a conexão e a qualidade do ensino remoto.

Problemas que haviam na escola antes da pandemia permaneceram depois dela: falta de equipamentos de proteção individual, como máscaras e álcool em gel, falta de espaços adequados para acomodar os alunos de forma segura e distanciada.

Muitos professores continuam sem dominar as ferramentas da tecnologia necessárias para o ensino remoto ou híbrido, o que tem dificultado o desenvolvimento das atividades escolares.

11. A REALIDADE DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO VIRTUAL E HÍBRIDO

O papel do professor de geografia tem passado por mudanças significativas com o advento do ensino virtual e híbrido. Com a pandemia de COVID-19, muitos educadores se viram obrigados a adotar novas práticas pedagógicas para poder levar o conhecimento aos seus alunos, já que o ensino presencial se tornou inviável naquele momento.

Embora o ensino virtual e híbrido tenha suas vantagens, é importante destacar que eles também apresentam desafios significativos para os professores de Geografia. Entre esses desafios, podemos destacar a necessidade de adaptação às novas tecnologias, a necessidade de repensar as práticas pedagógicas e a falta de interação presencial com os alunos.

Um dos maiores desafios que os professores de geografia enfrentaram no ensino virtual e híbrido foi a necessidade de adaptação às novas tecnologias. Muitos professores nunca haviam utilizado plataformas digitais antes da pandemia, o que torna a transição para o ensino online ainda mais difícil. Além disso, as ferramentas disponíveis para a realização de aulas virtuais são bastante diversas, o que pode demandar um tempo significativo para o seu aprendizado e uso.

Eu depois achei dificuldade, como eu falei para vocês, assistia muitos vídeos no YouTube para achar. E foi praticamente dois, três dias para conseguir ver, porque aí eu fazia prática. Antes de dar aula, eu simulava uma aula, abria lá, junto com o celular, para ver qual seria a transmissão para o aluno. Tudo isso eu fazia antes, porque eu tinha medo de não dar certo, de eles não estarem me visualizando. Então, era noite, tarde da noite, porque eu tinha medo de aluno entrar lá e ver a filmagem, ou a professora chamou para a aula, ou aparecia o link. Então, eu fui fazendo durante as madrugadas esses testes, para poder, antes de entrar, para que pudesse ter um melhor rendimento. Inclusive, ajudei vários professores depois. Falar que eu sou boa na tecnologia igual você, Matheus, eu não sou não. Mas eu corri atrás e busquei bastante, e acabei ajudando muitos professores, porque depois, quando retornou para a sala de aula, que a gente tinha que voltar, não podia ser mais em casa, e teria aula online na escola, muitos professores não sabiam. E aí foi onde a gente acabou ajudando esses professores. Porque antes não era obrigatório. Primeiro não era obrigatório. Fazia aula, eu mesmo não sendo obrigatório, eu fazia as aulas. Acho que não todas as aulas igual antes, né? Que antes podia dar uma ou duas, depois na semana, ele foi depois até ao ponto de ser todos os dias. Mas, mesmo assim, antes de ser obrigatório, eu já estava trabalhando com eles. (Professora G.) (Informação verbal)

Um fato interessante que foi notado, foi a ajuda que os professores de Geografia prestaram a alguns colegas. Quando observado o professor que já tinha um contato anterior com a utilização de alguma forma de recurso digital, seja a utilização do Google Maps ou Google Earth, este, não sentiu muita dificuldade na sua adaptação, no entanto, a frustração pelo abandono do estado se fez presentes no professores de Geografia, como os demais professores.

Foi complicado, foi até se adaptar a toda a situação, a questão do medo mesmo da gente, do próprio momento que nós passamos, mas dentro de sala de aula, correr ou fora ainda, porque nós não retornamos, nós não tivemos muito apoio em relação ao Estado.

Eu vejo assim que foi jogado para retornar de uma hora para outra e a gente não sabia como, o que seria, eu mesma tive que ir atrás de mim, quando ficou sabendo que era dar em casas, as aulas online, eu tive que ir atrás, gastei dinheiro com internet, melhorar o acesso para os alunos, da impressão que o sistema era meio pesado e tudo, e dava muitas falhas, até mesmo para poder se organizar com as aulas que já vinham prontas, porque eu tive que me basear nos slides, os slides com muita coisa errada, tanto a escrita em português, como também na hora de fazer uma análise de mapa ou fazer um exercício, era difícil de enxergar os dados para você tentar explicar para o aluno, então muitas vezes na aula mesmo eu substituía ou procurava o mesmo mapa, que tivesse uma melhor visualização para poder fazer esse trabalho. [...] para a gente foi muito árduo, principalmente para corrigir, porque ele não fazia e ia fechando o trimestre, você voltava, e não era um sistema fácil para você retornar, você tinha que entrar um por um de novo, para ver qual ele havia respondido, que ele não respondeu, era bem complicada a situação, acho que foi difícil, só que trabalhamos muito, e muitas vezes não reconhecido, infelizmente [...], a gente teve aquelas falas do governo, como se a gente não tivesse trabalhado, pelo contrário, acho que foi o período que eu mais trabalhei na minha vida, em base de tudo, de gastar dinheiro para ter que ir atrás, aprendi tudo sozinha, porque quando ele começou a ensinar, já era tarde demais, as aulas já tinham começado faz tempo, então eu assistia vídeos de Youtube, procurando qual que se encaixava, porque era diferente o que havia para a gente aprender no Youtube, como é que entrava, como é que saía, tudo certinho, principalmente para fazer o aluno visualizar os slides (Professora Gislaine) (Informação Verbal)

Outro desafio que os professores de Geografia enfrentaram no ensino virtual e híbrido foi a necessidade de repensar as práticas pedagógicas. As aulas online não são iguais às aulas presenciais, e muitos dos métodos tradicionais de ensino não funcionaram no ambiente virtual.

[...] não estavam presentes, que essa foi a maior dificuldade, porque toda vez eu chamava, fazia chamada com eles, dava sempre a chamada no final da aula, para saber que eles ficariam presentes ali, se fizesse chamada no início os alunos saíam quase todos, e durante a aula eu tinha que ficar perguntando coisas, questionando eles, e muitas vezes tinha aluno que não estava, ele simplesmente ligou e foi para outro lugar, cochilou, dormiu, porque depois do retorno eu perguntei para eles, tinha momento que eu chamava você ou não desligava quando acabava a aula, o que vocês estavam fazendo, então ele falou assim, professora eu dormi, eu cochilei, então muitos ligavam a TV e realmente não acompanhavam, e outros acompanhavam, a gente tinha um trabalho bacana, que desenvolver os exercícios, respondia as perguntas, às vezes tiravam as dúvidas das atividades, mas eles apresentavam muitas dificuldades para desenvolver aqueles exercícios, [...] , porque eu trabalhei com outros recursos também, com desenhos, porque ajudava, eu fui procurando materiais adicionais, para poder ajudar a ilustrar o que estava escrito naqueles slides, que houve até uma boa aprendizagem, até os alunos falavam assim, professora, faça um desenho tal, eu gostava tanto da aula...

Faça aquele desenho animado que você passava, que era de um personagem lá, que eles aprendiam com mais facilidade, que eles gostavam bastante.

Muitos estudantes não têm o equipamento adequado em casa para acompanhar as aulas online, o que cria uma enorme disparidade no aprendizado. Além disso, mesmo os alunos que têm acesso a computadores e internet muitas vezes enfrentam dificuldades para se manterem motivados e concentrados durante as aulas virtuais.

E aí assim que eles decidiram que as aulas seriam temporariamente paralisadas, no início não foi proposto nenhuma atividade. A escola precisou receber orientações da matriz pra ver, né. Foi mais ou menos uma semana perdida, parada, esperando pra ver como que a gente ia trabalhar. Até que veio a proposta, né, das aulas via Meet. Com o pessoal do fundamental 1 foi mais difícil, né, porque as crianças elas até já têm essa experiência com a tecnologia, mas o Google Meet em especial eles ainda não sabiam, não dominavam, nem os pais, né, nem nós professoras. Então foi bem difícil esses primeiros 15 dias de uso do Meet

pra adaptação, né. E a principal dificuldade foi em relação à conexão da internet. Porque parece que o mundo todo, né, em Mandaguari estava usando a internet, então a cidade não comportava a tecnologia pra um uso assim tão, né, de uma dimensão tão grande realmente, né, porque estava todo mundo conectado. E aí as aulas não eram produtivas, porque você ligava ali, pensa um quarto ano, 20 alunos de 8, 9 anos se vendo numa tela enquanto a professora falava. Então eles levantavam a mão o tempo todo, eles queriam perguntar, eles queriam falar, eles queriam, né, o tempo todo a atenção. Então foi bem difícil no começo gerenciar esse processo. [...] E de manhã a ausência dos alunos, porque eles sabiam que eles precisavam entrar àquela hora, eles sabiam como eles deveriam fazer isso, mas eles se ausentavam, né, então a defasagem ela foi muito grande nesse período. (Professora May.) (Informação Verbal)

Isso ocorre porque a aprendizagem virtual exige muito mais autodisciplina e autodeterminação dos alunos. Eles têm que ser capazes de gerenciar seu tempo, manter um ritmo de trabalho constante e lidar com uma infinidade de distrações em casa, desde a TV até a família e os amigos.

Então, muitas atividades eles deixavam em branco ou assinalavam qualquer coisa pra dizer o que fez. E quando eles retornaram em sala, eu conversei bastante sobre isso e a maioria falava assim, professora, eu não conseguia fazer, por mais que eu tenha o texto ali, eu não conseguia entender. Então, mesmo as atividades impressas, que eram do Estado, que a gente tinha que enviar, eles haviam uma dificuldade, havia uma dificuldade muito grande pra eles realizarem as atividades. (Professora G.) (Informação Verbal)

Aí acabou que quem entrava para participar da aula não queria aparecer, né, não queria ligar a câmera e evitava ao máximo falar. O máximo que eles faziam era responder à chamada. Então a perda da produção do conhecimento foi muito drástica, principalmente no começo. E como o tempo foi passando e eles viam que a situação não ia melhorar, eles foram desanimando ainda mais. Em nenhum momento eu posso dizer para você que houve uma melhora e que houve motivação por parte dos alunos por querer se adaptar. Muito pelo contrário, o que eu ficava sabendo é que eles se reuniam para fazer provas em grupo, todos ao mesmo tempo em outra chamada para responder à avaliação junto. Então, assim, produzir mesmo não. O que eles fizeram foi muita cópia durante esse período. E não assistiam às

aulas. Ele entrava na sala, ligava e deixava lá. Você fazia a pergunta e ninguém respondia. E o processo é totalmente diferente, né, você ensinar um fundamental e ensinar um médio.

Então, os recursos que como professora eu tive que buscar eram recursos que eu não dominava, que eu tinha dificuldade, por exemplo, abrir outra tela, fazer uma apresentação de slide, para mim eram coisas que eu tive que buscar ajuda porque eu não sabia como que eu tinha que fazer aquilo. (Professora May.) (Informação Verbal)

Lidar com a falta de equipamentos e conectividade de muitos alunos, e ainda encontrar maneiras de manter seus alunos motivados e envolvidos no processo de aprendizagem, se tornou um desafio muito grande e dos professores entrevistados, parece que esse desafio não foi vencido.

[...] o ensino médio, também tivemos muita dificuldade em relação à conexão de aulas que caíam, que eram interrompidas, de alunos que não conseguiam entrar, que ficavam ligando o tempo todo. Professora, eu estou entrando, me aceite. Você estava ali tentando, mas o problema era a conexão. (Professora May.) (Informação Verbal)

Podemos dizer que foi superado, uma vez, que os problemas não são o mesmo com o retorno ao presencial, ainda sim, a defasagem de conteúdo se tornou um fator grande e como bem falado pelas professoras, quando um professor - ainda que de geografia que no caso, deveria ter na sua formação uma aplicação digital em algum grau, claro, não posso falar pela formação de professores antes da introdução do sensoriamento remoto, o que evidencia também a idade dos professores de Geografia da REDE - não possui essa formação digital e o treinamento para a utilização desses modelos de ensino, pouco pode ser feito. Portanto, diferente do que pensávamos inicialmente, mesmo os professores de Geografia que em teoria deveriam ter esse contato digital apresentaram dificuldades. O mesmo não pode ser dito em relação aos que tiveram, os quais a maior dificuldade foi a falta de metodologias disponíveis na época, para a utilização do ensino híbrido ou mesmo o remoto emergencial. Na experiência que tive, a maior dificuldade encontrada, fora as mesmas das Professoras, ou seja, os alunos desmotivados, que não tinham muito interesse em participar das aulas. Isso é o perfil do aluno brasileiro no geral, a falta de autogestão e autonomia é um problema que já é evidenciado, desde os clássicos da educação brasileira, e sem uma relação de vínculo, que é basicamente minada fora do presencial, alcançar esse objetivo se torna uma tarefa árdua e muito mais difícil.

12. A REALIDADE DOS PROFESSORES DE MANDAGUARI DURANTE A PANDEMIA E AO RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS.

De maneira geral, podemos notar que na visão dos professores nos tivemos várias pandemias. Cada professor relatou um começo diferente, alguns se lembraram do início em que as aulas foram ministradas pela TV, outros partem das trilhas de aprendizagem - atividades empresariais oportunizadas pela REDE - O que apenas corrobora com o caos instaurado naquele período, no entanto, algo que se notou nos professores entrevistados foi a frustração que tiveram em relação ao estado, uma sensação de abandono, desconforto.

[...] simplesmente veio a toca de caixa e cada professor teve que fazer o seu reboleixo, lá como se diz, né? Cada professor teve que fazer o seu investimento, e eu, graças a Deus, ainda tinha um computadorzinho legal, né? Um notebook tranquilo, um celular bom, então, assim, deu conta do recado ali. Mas teve colega aí que teve que fazer financiamento e comprar notebook bom, né? Porque não tinha, né? Essa tecnologia, né? Computador, né? Aí teve que comprar computador, pegar um pacote de internet melhor, né? No caso meu, eu só tive que, o investimento foi um pacote de internet melhor. (Professor Ma.)(Informação verbal)

[...] o professor teve que se virar. O professor teve que correr atrás, alguns que não entendiam muito tecnologia. Eu lembro que, muitas vezes, os professores abriam a Meet em casa, o filho ajudando, alguém ali da casa. Tem professor que realmente não entende, não tinha posto a mão nessas tecnologias. O WhatsApp é uma rede social, mas esse trabalho das ferramentas, até hoje, tem muitas ferramentas, o professor aprendeu bastante, mas ainda há muitas ferramentas que alguns ainda não conseguem. (Vice-Diretora O.) (Informação verbal)

Olha, no início, como eu entrei um pouco atrasado, não entrei dentro do período regular, foi um pouco complicado pela falta de experiência, falta de informação, quem me orientou principalmente foram os outros professores, até acessando as Meets, o registro de classe, o RCO. Então todas essas informações, elas vieram através dos outros professores, as pedagogas que foram me orientando. Então no início foi um pouco difícil, principalmente porque faltava informação, faltava um auxílio para eu entender o que eu precisava fazer. (Professor A.)(Informação verbal)

Eu diria que nós tivemos uma frustração em relação à educação à distância, eu não sei se é assim que você vai chamar. Eu vou chamar de ensino híbrido. Ensino híbrido, mas naquele momento não era híbrido, né? Naquele primeiro momento foi totalmente à distância. Isso, foi o ensino emergencial, e daí foi essa distância, depois teve o híbrido, e daí teve o que há agora. A distância, que foi aquele primeiro momento que eles não tinham, eles lá e nós aqui, realmente foi frustrante, muito frustrante. Eu percebi que no Brasil tem muita coisa assim, tem lei que cola e lei que não cola, né?

A educação à distância no Brasil, para o ensino fundamental e médio, regular, não colou. Eles não decolaram. Foi assim uma decepção, nível de aprendizado baixíssimo. Eu diria que um percentual de 10 % por turma, ou seja, uma sala de 40 alunos, você poderia dizer que 4 realmente tinham o perfil de educação à distância. Ou seja, pesquisar, buscar, interagir, participar, se envolver. Então, 4 de uma sala de 40. Isso, nós tínhamos às vezes, na sala de 40, nós tínhamos um baixíssimo índice de presença. Um baixíssimo índice de presença. Então, a maioria das aulas eram feitas, tinha turma de 40 alunos minha, que só um ou dois alunos apareciam. Então, foi um fracasso.(Professor Ma.)(Informação verbal)

Enquanto estávamos online, estávamos em casa cumprindo esse período de pandemia que foi 2020 até 2021, os materiais eram todos nossos, internet, computador, celular, tudo que utilizávamos. Se queríamos, assim, uma tecnologia, uma metodologia, utilizar uma metodologia diferente, eu tinha que buscar, eu tinha que correr atrás para dar conta daquilo para conseguir alcançar os meus alunos, para que eles tivessem mais interesse nas aulas. Não nos foi fornecido nada disso. A única coisa que o Estado forneceu e que muitas vezes foi por meio da escola, que a escola acabou investindo, foram as atividades impressas, que aí a tinta, o papel, para estar enviando essas atividades. (Professora R.)(Informação verbal)

Foi complicado, foi até se adaptar a toda a situação, a questão do medo mesmo da gente, do próprio momento que nós passamos, mas dentro de sala de aula, correr ou fora ainda, porque nós não retornamos, nós não tivemos muito apoio em relação ao Estado.

Eu vejo assim que foi jogado para retornar de uma hora para outra e a gente não sabia como, o que seria, eu mesma tive que ir atrás de mim, quando ficou sabendo que era dar em casas, as aulas online, eu tive que ir atrás, gastei dinheiro com internet, melhorar o acesso

para os alunos, da impressão que o sistema era meio pesado e tudo, e dava muitas falhas, até mesmo para poder se organizar com as aulas que já vinham prontas, porque eu tive que me basear nos slides, os slides com muita coisa errada, tanto a escrita em português, como também na hora de fazer uma análise de mapa ou fazer um exercício, era difícil de enxergar os dados para você tentar explicar para o aluno, então muitas vezes na aula mesmo eu substituía ou procurava o mesmo mapa, que tivesse uma melhor visualização para poder fazer esse trabalho. Além da internet também, no início de tudo, como era tudo novo, porque o Estado falou, tem que acompanhar, mas a gente não sabia como, eu não tinha essas TVs comuns, a minha era pela outra, fui, gastei dinheiro com antena, tudo, e hoje está lá, largada porque passou, não precisei, mas aquele período eu assistia as aulas, anotava o que falava, tudo certinho, para saber depois como eu ia trabalhar com o aluno, porque eles deixaram a gente muito aberta, sem falar como seria trabalhar, então a minha dificuldade foi assim, eu fiquei meio perdida pela situação, porque não houve nenhuma orientação, só falou que era para a gente assistir as aulas e que logo a gente ia retornar com o aluno, e conforme ia passando, eu ia anotando para poder aproveitar alguma coisa que eles viram, e foi visto que o aluno não estava seguindo, não era todos que tinham a TV, tinha aluno que não tinha a TV, depois com a internet também [...] (Professora G.) (Informação verbal)

Outra coisa que surgiu muito nas entrevistas foi a questão de equipamentos, no geral os professores relataram que tiveram que fazer um investimento em aparelhos tecnológicos, como internet, compra de celulares, notebooks, alguns professores construíram um estúdio de dentro de casa e esse valor, que chamo aqui de investimento, por vezes não se concretizou, não teve um retorno, afinal, o professor além de ter comprado esses materiais com o próprio dinheiro, não foi ressarcido de nenhuma forma e ainda precisava fazer isso ou não trabalhava e portanto poderia ser penalizado de alguma forma - literalmente pagando para trabalhar.

[...] quando acabava a energia, a gambiarra era grande, porque aí a gente voltava pelo celular, pelos dados móveis, para conseguir, para evitar a interrupção da aula. E eu passei uns perengues por causa dos dias de chuva. (Professora G.) (Informação Verbal)

Se compararmos com a experiência de uma Universidade que já era acostumada com a modalidade a distância, podemos notar que eles permitem a opção do professor escolher qual recurso ele quer utilizar. Ainda que isso seja uma óbvia precarização, afinal, usar seus próprios recursos ao invés de um aparato que deveria ser fornecido pela instituição de ensino,

quando pensamos que se porventura o profissional tenha um recurso mais eficiente que o permita usar. No Paraná, houve um momento em que o professor foi forçado a se atualizar e a comprar recursos para ministrar suas aulas, depois, foi obrigado a retornar para uma sala de aula sem acústica, luz, usando Internet e computadores inferiores aos quais ele havia adquirido isso além de contraproducente demonstra o quão eficaz foi o exercício da Educação nesse período. Afinal, se você pode realizar o mesmo trabalho, porém, de maneira mais eficiente por conta dos aparelhos que possui, por que ter de simplesmente fazer outro modelo, se ainda não era necessário voltar para a escola?

Um fato interessante a ser abordado, foi a solidariedade da classe. Como muitos professores sentiram que não tiveram nenhum tipo de auxílio ou formação por parte do estado, ainda que admitam que depois desse primeiro momento, principalmente em 2021 e 2022 houve essa formação - mesmo que alguns digam não são tão eficazes - durante esse período inicial, muitos professores relataram que receberam ajuda dos colegas e mesmo ofereceram ajuda para superar esse desafio. O Professor Ma., teve um trabalho interessante no período inicial.

Então, ó, no começo, na verdade, foi assim, ó, como eu tenho muita amizade com o pessoal do Núcleo de Maringá, então, eu e a Elane, com autorização da Cristina, na época diretora, então, nós fizemos uma parceria e, assim, nós que começamos a estudar pra ver como é que funcionava, pra ver, assim, número de aluno, se a Meet caía ou não caía, a questão de tempo, entendeu? Então, nós que tivemos que, como é que o aluno acessava a Meet, então, nós que tivemos que correr atrás, né? Eu lembro que no começo, a Isabel, alguns professores, eu abri a minha casa lá, fiz um espaço mais aberto lá pra poder atender os professores dos colegas. E, na época, eu, o Alexandre, o Mauro, do Núcleo, a gente ficava de madrugada, sabe, ali, vendo como é que funcionava, fazendo o teste, supondo, ah, se o aluno fizer isso, o que acontece? Então, supondo, um entrava como professor e dois, três entravam como aluno, entendeu? Então, o que o professor podia fazer com o aluno?

Então, a gente foi fazendo esses testes pra ver como o aluno acessava, como que ele colocava uma atividade, entendeu? Como tirar foto lá e postar, porque nós tivemos dois problemas. Nós tinha o aluno que tinha o celular e o aluno que tinha o computador. No celular aparecia de um jeito, no computador de outro, entendeu? Então, você tinha que estar fazendo vídeos, até se você procurar no YouTube hoje, tem vídeo que nós fizemos, que a minha esposa tá falando, explicando, né?(Informação Verbal).

Isso pode demonstrar, que apenas das adversidades, quando necessário, é possível do professor se juntar e talvez voltar a acreditar na sua profissão.

O retorno às aulas foi marcado por um sistema o qual muitos professores chamavam de ensino híbrido. Essa confusão, foi justamente o que nos motivou a discutir nesta dissertação a diferença desses sistemas para o que realmente aconteceu no Brasil, visto que, no Paraná, nunca houve um ensino híbrido, ele foi do começo até o retorno ao Ensino Presencial um Ensino Emergencial, seja remoto ou rotativo. Um ensino emergencial mal aplicado, tanto pela falta de experiência que o Brasil possui nesse tipo de modalidade, uma vez que, até então, nunca tivemos uma real calamidade que obrigasse essa movimentação toda para um ensino de transição em escala federal, quanto, por uma tentativa patética e forçada da implementação de uma modalidade de ensino, que até então, não se justifica no sistema de educação brasileira, tanto pela realidade do perfil geral dos discentes, quanto pelo perfil do professor. Porém, as experiências dos professores que relataram esse retorno, foram bem parecidas, a Professora Helen, relatou fez um depoimento muito interessante a respeito.

Quando a gente retornou, foi naquele sistema híbrido. Então, a sala era dividida em três, dependendo do número de alunos por turma, a gente dividia em três. E aí vinha um tanto, depois na outra semana vinha outro tanto, depois na outra, e fazia esse revezamento. Eu percebi muita dificuldade dos alunos, em concentração, em entender onde nós estávamos, muito perdidos. E atender esses alunos aqui na escola e em casa ao mesmo tempo era muito difícil. Porque você tinha que abrir uma aula online para os alunos que estavam em casa. E se você escrevesse no quadro que estava em casa, não enxergava. Se você projetasse, daí a gente adaptou. Alguns professores projetavam para quem estava na sala. E o mesmo que estavam projetando, mostrava para quem estava em casa, compartilhava com eles. Mas não tinha projetor para todo mundo, então a gente revezava. E a gente foi fazendo assim. Usava o livro, às vezes em sala, com os alunos que estavam ali em casa, a gente tirava foto e projetava para eles, compartilhava. E atendendo todo mundo junto.

A precariedade daquele momento era muito alta, os professores relataram internet instável, pressão para a utilização de plataformas online, mas, no geral, o professor tentou como um todo tirar um bom proveito dessa situação, todos que falaram da sua aprendizagem com novas tecnologias, apontaram que tiveram uma melhora, na verdade, uma coisa que ficou bem clara durante todo esse momento é que de fato, quem perdeu durante todo esse período foi o aluno, o professor M., fez um apontamento em relação a isso.

[...] Por isso que eu digo. Eu acho que o grande perdedor desse jogo foi o aluno. Sem dúvida nenhuma. O grande perdedor desse jogo, se houve um perdedor, foi o aluno. Porque nós, professores, pelo menos aqueles que foram picados pelo bichinho da curiosidade e da necessidade do conhecimento, ele não pode dizer que foi ruim. Porque nesse período, muitos desenvolveram, mesmo que forçado, o aprendizado do trabalho com a tecnologia.

Aquela impressão inicial, de que os professores não conseguiam se atualizar, ou permaneciam estáticos as tecnologias digitais se modificou no período da pandemia, o problema disso é que foi realizado de maneira abrupta, um rompimento de paradigma que até então não fazia parte do dia-a-dia do professor. Um professor que não se interessava pelo mundo digital, não precisava de uma internet potente, se o seu objetivo era apenas ver série, entrar em redes sociais, ver vídeos, um notebook, desktop, ou celular simples, com uma internet banda larga já era suficiente para suprir as suas necessidades e agora, grande parte dos professores entrevistados, mencionam que ou não utilizam mais essas ferramentas, ou utilizam ela para coisas simples, como preparar aula, ou acessar os grupos das escolas.

De uma maneira geral isso é um indicativo que os professores estão gradativamente voltando para sua zona de conforto, nem no momento da redação desta dissertação, nem antes ou durante as entrevistas, os professores de Mandaguari mencionaram estar se aperfeiçoando em coisas avançadas utilizando tecnologias digitais, como edição de imagens, confecção de vídeos e tampouco a infraestrutura da escola comportar esses aparelhos. Muitos professores falaram da TV Educatron, dizendo que ela foi algo muito benéfico, mas, possuem críticas em relação a ela, principalmente pelo seu tamanho. Note:

A gente está engatinhando nesse processo ainda. Se eu puder dar a minha opinião, na minha opinião, ao invés de um Educatron, que a gente tem essa mobilidade de carregar para lá e para cá, por que não um projetor fixo em cada sala e um notebook com uma internet boa em cada sala para ele ficar fixo ali? Porque o Educatron, às vezes, a gente precisa levar para lá e para cá, guardar em outro lugar, cai o controle no chão, cai o teclado que é sem fio. Então, não sei, isso talvez diminua a durabilidade do equipamento. A TV também não tem um tamanho adequado para uma turma que tem 40 alunos. Então, os alunos reclamam um pouco da distância. E a gente tem que aproximar os alunos, dar um jeito no layout da sala. Mas eu posso dizer que sim, foi um avanço. Não posso também criticar e dizer que é de todo ruim. Não é.

Mas eles poderiam ter pensado de uma forma melhor. Porque com um projetor você faz uma tela de 60, 80 polegadas, e uma televisão dessa tem 40. Então, a gente tem que pensar que nós não estamos com uma sala de duas filas de alunos, com 10, 12 alunos. A gente tem sala de 40 alunos. E nesse ponto prejudica a visibilidade deles. Mas dizer que não ajudou, não seria verdade. Ajudou sim, tem ajudado. (Professora H.)(Informação Verbal)

O principal problema apresentado pela professora foi uma questão básica, por que a TV Educatron não é eficaz? Devido a sala com 40 alunos, antes de efetivamente debater se devemos colocar a tecnologia digital na Escola - o que por sinal não deveria ser um debate, ela deve ser colocada - temos que discutir o principal motivo das escolas do Brasil, ainda terem 40 alunos. Uma educação de qualidade, permeia antes de mais nada, pela qualidade de vida do discente e do professor. Escolas modernas, de qualidade, devem ter no máximo 15 alunos. Mas, como debater isso, se no Brasil as escolas estão fechando e devido ao novo ensino médio, ainda mais salas estão fechando aumentando o abarrotamento de alunos?

Essa Dissertação não se propôs a fazer um estudo sobre o Novo Ensino Médio (NEM) Mas, como se propõe a falar da infraestrutura enfrentada nas escolas, cabe propor o pensamento em relação a forma como a reforma pode impactar e prejudicar ainda mais o ensino que já está prejudicado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de certo que a educação na Geografia caminha a passos largos, a pandemia nos trouxe uma das maiores catástrofes que poderíamos vivenciar em solo Brasileiro, sendo a morte de mais de 600 mil mortes em toda a Nação. Contudo, apesar dos pesares, pudemos observar uma mudança na educação Brasileira.

Antes quase estagnada, os professores se viram obrigados a mudar e se aperfeiçoar, fazendo com que muitos dos docentes que antes não dominavam ferramentas básicas do conhecimento da informática, agora conseguissem dominar pelo menos o básico. Nesse sentido, podemos notar uma evolução no campo da educação, porém, ao analisarmos todas as metodologias descritas nesse trabalho, podemos notar como todas elas exigem um professor ativo, com tempo de sobra, bem remunerado e motivado. Enquanto o perfil do professor Brasileiro, no geral é justamente o contrário.

Na verdade, muitos professores não buscam formação por conta, sendo sua principal motivação subir de nível no concurso, ou ganhar preferência na escolha de aulas. Enquanto

professores PSS - Professores contratados no Estado do Paraná, sigla para Processo Seletivo Simplificado - muitos tem como o ser professor uma fonte de renda extra, ou mesmo trabalha como professor durante o dia e complementa a renda com outro serviço a noite. Esta realidade inviabiliza que seja o ensino híbrido, presencial ou EaD, visto que o professor não vê motivos para se especializar e portanto, isso acaba afetando no próprio ensino-aprendizagem

O que podemos notar de fato, é que os problemas encontrados na Escola de hoje, são os mesmos de antes da pandemia, agora, acentuados por essa época de exceção e também evidenciados, afinal, muitos pais, que antes não se importavam, ou fingiam não enxergar, perceberam a precariedade que o ensino Paranaense se encontrava. Agora, o problema do déficit de formação dos professores, diminuiu, notamos isso com as entrevistas, em que, todos os professores afirmam que seu conhecimento em relação às tecnologias digitais aumentou. Note:

[...] o conhecimento que eu tinha foi muito aprimorado durante a pandemia, porque assim, como nós não tivemos formação vinda da mantenedora, nós tivemos que correr atrás, que buscar, porque nós não podíamos ficar desde o início da pandemia aguardando até que nos fosse oferecida uma formação, então eu tive que buscar formação, cursos online, tudo online, paguei cursos do meu próprio bolso, então foi um investimento também, fiz cursos online, tanto os gratuitos como pagos e foi uma coisa que ficou para a minha vida.

Hoje eu utilizo em sala de aula todos aqueles recursos que eu acabei aprendendo durante a pandemia, que era para aquele momento, eu utilizo em sala de aula com os alunos e utilizo quando eu preciso para a minha vida pessoal também. (Professora R.) (Informação Verbal)

Porém, os problemas continuam o mesmo. O que pode se evidenciar pelas entrevistas, é que houve uma mudança no perfil do professor e aluno, porém, aquela velha história do aluno indisciplinado, desmotivado, continua igual, assim como a do estigma do Professor Brasileiro, um sujeito, mal remunerado com trabalho precarizado, continua a mesma, nossos problemas continuam o mesmo e nada de efetivo foi feito em relação a isso, uma vez que o conhecimento tecnológico e as ferramentas digitais, são apenas isso, ferramentas, que podem sim ajudar o professor a desenvolver seu método de ensino, tornando suas aulas mais dinâmicas, atrativas e cativantes aos alunos da geração digital. No entanto, mesmo com quadro e giz um professor pode adquirir efetividade parecida, desde que, tenha uma infraestrutura necessária para tal e isso exige em primeiro lugar investimento no recurso

humano, na comunidade escolar. O recurso digital, se priorizado se torna algo inútil, redundante, notamos esse fracasso na tentativa de implementar o EduTec:

Diante de tais apontamentos verificou-se que até a implantação desse programa pouco foi feito para que os recursos tecnológicos fizessem parte da realidade escolar, mesmo sabendo que poderiam contribuir para o aprimoramento do ensino-aprendizagem. Percebe-se ainda que embora algumas escolas possam estar bem equipadas, encontram-se muitas vezes incapacitadas para utilizar as ferramentas disponíveis uma vez que muitos professores não dominam a habilidade para desenvolver um trabalho com a utilização das TICs (FACCO, 2022)

Ou seja, de nada adianta uma escola com robôs, se ela não tem telhado ou banheiro, uma escola com internet, mas sem professores motivados para utilizar não funciona e a pressão e cobrança do Estado para a utilização desses recursos, sem dar o devido suporte emocional e qualificatório para os professores, acabam apenas, colaborando para a danação da saúde mental dos docentes, precarizando ainda mais o ensino e gerando problemas que resultam em uma eventual falta de profissionais qualificados, visto que o tornar-se professor, se torna menos atrativo.

Ao estudarmos sobre a infraestrutura do Paraná, percebemos a sua carência, ainda que esteja sendo construída e mesmo tido um avanço em relação aos anos anteriores, contudo, de nada adianta uma sala bem equipada, se o método de ensino do professor continua sendo o mesmo, ou seja, uma sala com equipamentos para serem usados de maneira ativa, porém em uma aula tradicional, ainda que o professor entenda e esteja efetivamente tentando melhorar sua prática docente:

Algum conhecimento tecnológico eu já tinha porque eu sempre me interessei. Mas não tanto quanto o que eu tenho hoje. Então, sim, nesse ponto a pandemia me auxiliou muito. Eu aprendi muita coisa. Aprendi a usar aplicativos que eu nunca tinha usado, fazer slides de uma forma diferente, aprimorar o que eu já sabia. Então, o que eu já sabia eu aprimorei, o que eu não sabia eu aprendi. E facilitou, porque agora o que eu preciso fazer que eu não sei ainda, eu consigo pesquisar sozinha, eu consigo aprender sozinha. Então, eu acho que facilitou, sim. Ajudou bastante. E depois da pandemia, eu não consigo mais usar só quadro e giz. Na verdade, eu uso muito pouco quadro e giz. Eu preciso do computador, de um projetor, da internet. Eu vejo que as aulas ficam muito melhores. A gente enriquece muito o conteúdo,

enriquece muito a prática, o interesse dos alunos Então, eu realmente mudei muito a minha prática depois da pandemia. (professora H.)(informação verbal)

A pergunta que fica é, como fazer para o professor de outrora e também os novos, entenderem a diferença desses dois métodos e a importância da utilização de uma metodologia ativa?

Para aplicarmos um ensino híbrido que funcione é necessário um grande investimento em infraestrutura na escola, seria necessário uma política pública de reforma total. Pois seria necessário que uma parte da escola fosse convertida em um polo EaD, com internet, bons computadores, câmeras etc. Porém, se o professor não tiver o incentivo e a formação adequada, este por sua vez, manterá a mesma aula linear, porém, agora, utilizando ferramentas digitais ao invés do quadro e giz. Utilizar a tecnologia sem inovar é o mesmo que não utilizada e portanto permanece a situação do problema de ensinagem e não de aprendizagem. Os quais vem perseguindo a educação Brasileira já a algum tempo.

Para que o professor ideal possa surgir é primeiro necessário mudar o ambiente em que ele atua. Desta maneira, não apenas na questão da estrutura do colégio, mas do sistema em si. Colaborando para que o professor se aperfeiçoe, gratificando pós-graduação como mestrado e doutorado, aumentando as horas atividades, liberando parte dela, para que o professor possa se especializar fora da escola, fazendo cursos em universidades e afins. Ofertando cursos, ministrados por mestres e doutores e não apenas uma reprodução de conteúdo formulado pela SEED, valorizando o professor através do salário e assim melhorando sua qualidade de trabalho e conseqüentemente sua qualidade de vida. Durante a pesquisa, foi muito comum escutar professores que gastaram dinheiro do próprio bolso, alguns construindo studios, outros comprando computadores caros que sequer usam hoje, devido a mudança do sistema, ou seja, primeiro lhe foi exigido que fizesse o impossível para continuar trabalhando e quando retorna, não pode exercer o seu trabalho da maneira como achava melhor, dando um retorno ao seu investimento.

Eu, particularmente, investi 10 mil reais. Eu mandei fazer uma escrivaninha especial para poder recepcionar. Eu comprei mais um monitor para ficar com dois monitores. Eu troquei a memória do meu computador de casa. Eu investi no meu computador de casa. Eu comprei uma cadeira. Paguei 1.800 reais uma cadeira. Para eu poder ter conforto, porque como eu tenho cifose, eu ficava oito horas, vezes mais, sentado numa cadeira. E eu tive que comprar uma cadeira, daquelas bem boas mesmo. Paguei 1.800 reais uma cadeira. Eu gastei, no

total, quase 10 mil reais para eu transformar e fazer meu escritório, adaptando para eu ter conforto. Ah, poderia não ter gasto? Nada. Poderia. Mas aí eu estaria prejudicando a minha saúde. Porque o estresse que me daria a falta de viabilização das coisas, baixar vídeo, baixar as coisas, isso gera tensão. Se você não tem um equipamento bom para fazer as coisas, você vai se estressando mais ainda do que o próprio sistema. [...]

E aquele investimento que você fez na escrivaninha, na cadeira, nos monitores, você continua utilizando eles ou agora eles estão lá?

Não, para isso. O meu filho até falou assim, pai, vamos comprar agora uma placa de vídeo, então, para eu poder jogar. Não é? Vamos comprar uma placa de vídeo agora. Faltou só a placa de vídeo, daquelas mais poderosas, porque ele ficou com um 12 de memória RAM. Ele ficou poderosíssimo, não é? O monitor de 24 que eu comprei, não é? Eu sei que ficou lá. Não uso, porque o nosso hábito não é usar... É raro eu usar o computador de casa, o computador. Agora eu acho que eu vou usar no PDE, entendeu? E eu acredito que esse investimento que eu fiz lá atrás vai ser útil agora no PDE. Porque nós vamos fazer o PDE todo online, não vai ter mais licença para o PDE, não é? Então agora nós passamos, graças a Deus, e agora em fevereiro a gente vai confirmar a matrícula e acho que eu vou usar para isso. (Trecho da entrevista com o Professor M.)(Informação Verbal)

Dito isto, este trabalho teve como objetivo fazer uma reflexão e entender as razões pelas quais os professores tiveram dificuldades em ministrar suas aulas durante a pandemia. Isto se deve a falta de recursos de infraestrutura, mas também do recurso humano. O conflito geracional de professores não nascidos digitais, com alunos nascidos digitais, se tornou gritante durante a pandemia e o abandono do Estado para com o professor o motivou ainda mais a desistir de sua profissão, causando aposentadorias precoces e desistências. Entendemos que parte disso, vem do fato do professor tentar manter seu método tradicional de ensino, ainda que se mostre disposto a mudar faltando o incentivo necessário para que isto ocorra, do contrário, mesmo que haja uma superestrutura para realizar qualquer sistema de ensino. Neste sentido, colocamos uma questão para reflexão, se talvez não seja a hora de, mesmo que demos um passo adiante, retornar dois passos para trás e resolver o primeiro o problema de ensinagem, o problema sistêmico, para então seguirmos em frente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Aline Marques da Silva. A importância do lúdico para o desenvolvimento da criança 13/10/2014. Disponível em: <http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/A-import%C3%A2ncia-do-l%C3%ADico-para-o-desenvolvimento-da-crian%C3%A7a.aspx> acesso em 02 de abril de 2017.
- ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia ciência da sociedade. Recife: Editora Universitária de UFPE, 2006.
- AGUIAR, A. M. R. O estresse ocupacional do professor do ensino superior: a relação entre os sintomas de estresse e a atividade docente em duas instituições de ensino superior da cidade de Teresina-PI. 2010 Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. 2010
- ARAÚJO, A. L. Estresse ocupacional e Burnout: um estudo com professores de um curso de graduação em enfermagem de uma instituição privada em Minas Gerais. 2011 Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Administração, Centro Universitário Unihorizontes, Belo Horizonte. 2011.
- AURÉLIO Buarque de Holanda Ferreira. Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ARNOLD, David H. et al. The association between preschool children's social functioning and their emergent academic skills. *Early childhood research quarterly*, v. 27, n. 3, p. 376-386, 2012.
- ARCHELA, R. S.; GOMES, S. Metodologias Freinetianas e as tecnologias do século no ensino de geografia. In: TORRES, Eloiza Cristina...[et.al].(org).Múltiplas Geografias: Ensino– pesquisa– reflexão;v.6. Londrina: Midiograf, 2010.
- BARBOSA, Altemir José Gonçalves et al. Agressividade na infância e contextos de desenvolvimento: família e escola. *Psico*, v. 42, n. 2, p. 228-235, 2011.
- BRAUN, V., & CLARKE, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101.
- BRYMAN, A. (2004). *Social research methods* (2nd ed.). Oxford University Press.
- CRESWELL, J. W. (2013). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches* (3rd ed.). Sage Publications.
- CARVALHO, AMP de. Baixo rendimento escolar: uma visão a partir do professor. *Problemas de aprendizagem: enfoque multidisciplinar*, p. 115-146, 2000.
- CARVALHO, Rosita. Educação Inclusiva com os pingos nos “is”. Porto Alegre : Mediação, 2004. 176 p.
- CASALI-ROBALINHO, Ivana Gisel; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Habilidades Sociais como Predictoras de Problemas de Comportamento em Escolares1 2. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 31, p. 321-330, 2015.

COLZATO, Lorenza S. et al. Effects of l-Tyrosine on working memory and inhibitory control are determined by DRD2 genotypes: A randomized controlled trial. *Cortex*, v. 82, p. 217-224, 2016.

DA SILVA MAIA, Denise; BORTOLINI, Marcela. O desenvolvimento da habilidade de assertividade e a convivência na escola. *Psicologia em revista*, v. 18, n. 3, p. 373-388, 2012.

DE LA TAILLE, Yves. *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Artmed Editora, 2007.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. Habilidades sociais: conceitos e campo teórico-prático. Acedido em <http://www.rihs.ufscar.br>, 2006.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 18, p. 517-530, 2008.

DIAMOND, Adele. Executive functions. *Annual review of psychology*, v. 64, p. 135-168, 2013.

DIAMOND, Adele et al. Preschool program improves cognitive control. *Science (New York, NY)*, v. 318, n. 5855, p. 1387, 2007.

DIAS, Natália Martins; SEABRA, Alessandra Gotuzo. The FAS fluency test in Brazilian children and teenagers: executive demands and the effects of age and gender. *Arquivos de neuro-psiquiatria*, v. 72, p. 55-62, 2014.

DIPIETRO, M. et al. Best practices in teaching K-12 online: Lessons learned from Michigan Virtual School teachers. *Journal of Interactive Online Learning*, v. 9, n. 3, p. 10–35, 2010.

FREITAS, M. E.. A carne e os ossos do ofício acadêmico. *Revista Organização e Sociedade*, 14 (42), 187-191. 2021.

FACCO, Claudia Costa. *Tecnologias digitais nas práticas educativas durante a Pandemia de Covid 19*. 2022. (Mestrado) Pós-graduação Educação Escolar -FCLAR. Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo.

FERNANDEZ, A. *A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 380p.

FERREIRA-COSTA, R. Q. et al. O Uso do RPG na Escola Como Possível Auxiliar Pedagógico. In: PINHO, S. Z.; SAGLIETTI, J. R. C. (Org.). *Livro Eletrônico dos Núcleos de Ensino da Unesp*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2007. 792p.

FERREIRA-COSTA, R.; LIMA, A.; RODRIGUES, F. GALHARDO, E. *O Role Playing Game (Rpg) Como Ferramenta De Aprendizagem No Ensino Fundamental E Médio*. UNESP, São Paulo, 2006.

FONTANA, A., & FREY, J. H. (2005). The interview: From neutral stance to political involvement. *Handbook of qualitative research*, 695-727.

FRANÇA-FREITAS, Maria Luiza Pontes de; DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. Social skills of gifted and talented children. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 19, n. 4, p. 288-295, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia em Paulo Freire*. Editora Paz e Terra, 2010.
GAMST-KLAUSSEN, Thor et al. Comparability of the social skills improvement system to the social skills rating system: a Norwegian study. *Scandinavian journal of educational research*, v. 60, n. 1, p. 20-31, 2016.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa: 4. Ed.* São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GOMES M.V.A, NETO P.C.M, FIALHO S.S. *O Role Playing Game Como Ferramenta de Ensino da História*, UFJF, 2017, Disponível em: <http://www.ufjf.br/lili/files/2017/11/O-Role-Playing-Game-Como-Ferramenta-deEnsino-da-História.pdf>.

GRESHAM, Frank M. *Análise do comportamento aplicada às habilidades sociais. Psicologia das habilidades sociais: Diversidade teórica e suas implicações*, p. 17-66, 2009.

HOEFLE, S.W., *Cultura na História do Pensamento Científico*. *Revista da Pós-Graduação em Geografia, UFRJ*, No 2, pp. 629, 1998.

JACKSON, S. *GURPS Modulo Básico*. 3. ed. São Paulo: Devir. 1994. RIYIS, M. T.. *RPG & Educação Brincando de Aprender*. *Dragão Brasil, São Paulo*, n. 117, p.48-9, fev. 2006.

JACOBSON, Lisa A.; WILLIFORD, Amanda P.; PIANTA, Robert C. The role of executive function in children's competent adjustment to middle school. *Child Neuropsychology*, v. 17, n. 3, p. 255-280, 2011.

KIDD, Celeste; PALMERI, Holly; ASLIN, Richard N. Rational snacking: Young children's decision-making on the marshmallow task is moderated by beliefs about environmental reliability. *Cognition*, v. 126, n. 1, p. 109-114, 2013.

KVALE, S., & BRINKMANN, S. (2009). *Interviews: Learning the craft of qualitative research interviewing* (2nd ed.). Sage Publications.

LEVY, Y., & ELLIS, T. J. (2006). A systems approach to conduct an effective literature review in support of information systems research. *Informing Science Journal*, 9, 181-212.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública*. Edições Loyola, 2001.

LOPES, Daniele Carolina; PRETTE, Zilda Aparecida Pereira Del; PRETTE, Almir Del. Recursos multimídia no ensino de habilidades sociais a crianças de baixo rendimento acadêmico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 26, p. 451-458, 2013.

MARCATTO, A. *Saindo do Quadro: Uma Metodologia Educacional Lúdica e Participativa baseada no Role Playing Game*. São Paulo: Exata Comunicação e Serviços S/C LTDA. 1996.

MARCATTO, A. RPG como Instrumento de Ensino e Aprendizagem: Uma Abordagem Psicológica. In: ANAIS DO I SIMPÓSIO DE RPG E EDUCAÇÃO, 2002, São Paulo. Anais... São Paulo: Devir. 2004. 280p.

MARCHEZINI-CUNHA, Vivian; TOURINHO, Emmanuel Zagury. Assertividade e autocontrole: interpretação analítico-comportamental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 26, p. 295-304, 2010. 61

MARTINI, M. L.; BORUCHOVITCH, Evely. Atribuições de causalidade: a compreensão do sucesso e fracasso escolar por crianças brasileiras. A motivação do aluno. *Contribuições da psicologia contemporânea*, p. 148- 166, 2001.

MARTINS, J. L., PEREIRA, A. L. S., MILHOMEM, D. K. F., LEITE, F. S. A., DA SILVA, J. F., JUNIOR, R. D. S. S., ASSUNÇÃO, W. C. INFLEXÕES DO ENSINO HÍBRIDO. Palmas, Universidade Federal do Tocantins, 2021.

MELEIRO, Alexandrina Maria Augusto da Silva. O stress do professor. In: LIPP, Marilda Emmanuel Novaes (org.). *O stress do professor*. 5a Edição. Campinas: Papirus Editora, 2012, 11-27.

MOLLO, S. *L'école dans la société: psychosociologie des modèles éducatifs*. Paris: Dunod, 1970.

MOREIRA, Ruy. *O que é geografia*. São Paulo. Brasiliense, 1998. MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica*, São Paulo: Contexto, 2009.

NASCIMENTO, Daniela Dias do, DOS REIS, Matheus de Moura. *O impacto do distanciamento social em decorrência da pandemia Covid-19 na aprendizagem e na qualidade das relações interpessoais*. Editora Atena, SP. 2021.

NASCIMENTO, Daniela Dias do, DOS REIS. *O Impacto Biopsicossocial da Educação Híbrida em Professores da Rede Pública do Ensino*, Congresso Internacional Movimentos Docentes, IV SEPAD e II PRATIC. 2021.

NUTTI, J. Z.; POLATO, A. *Políticas públicas: superando o atraso-Redes e escolas adaptam o currículo e o ensino para alunos em defasagem*. 2009.

ORDAZ, Sarah J. et al. Longitudinal growth curves of brain function underlying inhibitory control through adolescence. *Journal of Neuroscience*, v. 33, n. 46, p. 18109-18124, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *CID –10*, tradução do Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. 9 ed. Rev –São Paulo: EDUSP, 2003.

OSTI, Andréia. *Representações de alunos e professores sobre ensino e aprendizagem*. (Tese de Doutorado). Campinas: Unicamp. 2010

PAVÃO, A. *Aventura da Leitura e da Escrita Entre Mestres de Roleplaying Game (RPG)*. 2.ed. São Paulo: Devir. 2000. 232p. PAVÃO, A. ;

PIAGET, J. Seis Estudos de Psicologia. 19.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993. 152p. RIYIS, M. T. Simples, manual para uso do RPG na Educação. São Paulo: Ed. do Autor, 2004. 88p

PERRENOUD, Ph. Construir as competências desde a escola. Porto Alegre, Artmed. 1999

PERRENOUD, Ph. Avaliação : da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas, Porto Alegre, Artmed, 1999.

RUBIN, H. J., & RUBIN, I. S. (2012). Qualitative interviewing: The art of hearing data (3rd ed.). Sage Publications.

REINHOLD, H. H. O sentido da vida: prevenção de stress e Burnout do professor. 2004 Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Campinas. 2004.

SANTANA, Eliude Cristina Castro Pinheiro. Afetividade e aprendizagem sob uma abordagem psicopedagógica. Projeto a vez do Mestre. Rio de Janeiro, 2010.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SARKOVA, Maria et al. Associations between assertiveness, psychological well-being, and self-esteem in adolescents. Journal of Applied Social Psychology, v. 43, n. 1, p. 147-154, 2013.

SAVIANI, Dermeval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. Autores Associados, 2021.

SCHIAVONI, Andreza et al. Dificuldades de aprendizagem em escrita e percepção de alunos sobre expectativas de professores. 2004.

SILVA, Jeanne. O jogo de RPG e o ensino de História: criação de um RPG sobre a Revolução Inglesa. Cadernos de História da UFU, Vol. 11, Dez/2002 – Dez/2003. p. 53 -66

SHIELDS, Grant S.; BONNER, Joseph C.; MOONS, Wesley G. Does cortisol influence core executive functions? A meta-analysis of acute cortisol administration effects on working memory, inhibition, and set-shifting. Psychoneuroendocrinology, v. 58, p. 91-103, 2015.

SKLAD, Marcin et al. Effectiveness of school-based universal social, emotional, and behavioral programs: Do they enhance students' development in the area of skill, behavior, and adjustment?. Psychology in the Schools, v. 49, n. 9, p. 892- 909, 2012.

SOUZA, F. V. P. . Adoecimento mental e o trabalho do professor: um estudo de caso na rede pública de ensino. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 21(2), 103-117. 2018. STRAUB, R.O. Psicologia da saúde. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SPERBER, S. F. A Leitura na Escola: Problemas e Soluções. In: ANAIS DO I SIMPÓSIO DE RPG E EDUCAÇÃO, 2002, São Paulo. Anais... São Paulo: Devir. 2004. 280p.

STADLER, Gesane; ROMANOWSKI, Joana P.; LAZARIN, Luciane; ENS, Romilda T.; VASCONCELLOS, Sílvia. Proposta pedagógica interacionista. IV EDUCERE: Anais, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação Social da Mente. 7a edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZILLE, L. P., CREMONEZI, A. M. Estresse no trabalho: estudo com professores da rede pública estadual de Minas Gerais. Revista Reuna, 18 (4), 111-128. 2013.

ANEXOS

ANEXO I -ENTREVISTA, VICE-DIRETORA O., TAMBÉM TRABALHOU COMO PROFESSORA NA ESCOLA MUNICIPAL.

Você foi diretora aqui do colégio durante o ano de 2020, 2021 e 2022.

Sim.

E eu queria que você me falasse um pouco, assim, como que foi a sua experiência, assim, nessa chegada da pandemia, como diretora, como pedagoga, como que foi essas dificuldades que você teve?

Sim, Matheus, na verdade eu era pedagoga em 2020, aí 2021 e 2022 eu era vice -diretora. Assim, não foi fácil, foi complicado, porque usam muito esse chavão aí, o professor precisou se reinventar, né?

A gente ouviu isso por todos os lados. E realmente precisou, porque o professor, só que por outro lado foi um avanço tecnológico muito grande, porque o professor, ele precisou aprender. Então ele aprendeu coisas em um ano, no caso, o primeiro ano da pandemia, ele aprendeu coisas que ele, acho que levaria aí uma década, se não tivesse sido forçado a aprender.

Então os professores tinham as Meets, as Meets que os alunos... Só que sempre teve o problema da internet, porque nem todo aluno participava, então foi uma luta isso aí. Foi, foi assim, bastante desgastante.

No começo, pela falta de conhecimento das ferramentas, aí tinha o material impresso, porque tinha alunos que não tinham acesso nenhum à internet, o material impresso, a busca ativa, que aí tinha aluno que não estava em lugar nenhum, nem no impresso, nem na MIT, nem de forma nenhuma. E a gente ia atrás, fomos na casa, e a gente, nossa, quantas casas nós fomos atrás de alunos. Porque alguns também, por sua vez, perderam totalmente o interesse, não viam em nada, fazer nada.

E foi uma perda pedagógica enorme, com tudo isso que o governo, sim, o governo nesse ponto aí, auxiliou muito, porque a questão das Meets, de oferecer essa condição ao professor, de ter esse contato com o aluno, então, nesse aspecto foi bom. No entanto, o aluno em si, nem

sempre ele tinha as condições necessárias, e alguns também achavam que não, eu não preciso fazer isso, não vou fazer, e se evadiram completamente.

E, claro, por mais esforço que se tenha, nada substitui um professor ali presencial. Por mais que a Meet pode ser usada até hoje, é um trabalho interessante, que dá para fazer algumas vezes, em alguns momentos, mas só ela foi percebido que fica uma lacuna muito grande. Essa mediação do professor, que por mais que ele tente, não é suficiente estando numa Meet.

E, em 2020, foi as trilhas de aprendizagem, que foi feito, e depois, no mesmo ano, já foi as Meets, ou foi só as trilhas de aprendizagem de 2020?

Já foram os dois, já vieram as trilhas, as trilhas de aprendizagem, e depois já entrou com as Meets.

E o governo, ele ofereceu para o professor algum curso, para ele tentar acompanhar, ou não foi ofertado nada?

Sim, na verdade, o professor teve que se virar. O professor teve que correr atrás, alguns que não entendiam muito tecnologia. Eu lembro que, muitas vezes, os professores abriam a Meet em casa, o filho ajudando, alguém ali da casa. Tem professor que realmente não entende, não tinha posto a mão nessas tecnologias. O WhatsApp é uma rede social, mas esse trabalho das ferramentas, até hoje, tem muitas ferramentas, o professor aprendeu bastante, mas ainda há muitas ferramentas que alguns ainda não conseguem.

Mas o governo, não, nesse primeiro momento, não foi oferecido, foi jogado, o professor teve que dar os seus pulos.

Aí teve, sim, alguns cursos online, aí depois, no decorrer, foram surgindo algumas coisas, mas no começo, não.

E foi dado para o professor, ofertado para ele, você não tem o notebook, pega esse notebook aqui, ou foi oferecido?

O professor usou os instrumentos que tinha, o aparelho que tinha, no caso, ele usava o celular ou o notebook dele, não foi oferecido nada, inclusive, a gente teve muitas críticas de professores, que falavam, eu estou usando o meu, o celular é meu, então, não foi entregue, você trabalha, esse é seu instrumento de trabalho, não.

E você sabe como é professor. Em outros setores, ou você tem ou você não faz. Professor não, o professor vai, ele dá um jeito.

Então, teve professor que comprou o celular, teve professor que o celular dele tinha pouca memória, ele trocou de celular para poder dar conta disso, porque as cobranças vinham.

O recurso estava ali, não tinha o recurso, mas as cobranças vinham e o professor teve que fazer, teve que usar, sim, usar os seus recursos. Não teve nem o notebook, nem o celular, nada. Era o dele. O que gerou algumas críticas, você sabe disso.

Sim, com certeza.

E quando teve esse retorno, que passou 2020, 2021, metade dele é o retorno dos alunos para o presencial. Qual foi a diferença que você notou em relação aos alunos, aos professores, na maneira de trabalhar, na maneira dele chegar na escola e ver a infraestrutura dela, se faltou alguma coisa lá?

Foi difícil para os alunos, porque daí também nem todos voltaram. A busca ativa foi enorme, a gente teve que fazer, porque teve aluno que não quis voltar. Outros alunos, os pais com receio também do Covid ainda, não quiseram vir. Então, o primeiro desafio foi trazer esses alunos, que a metade vinha, porque daí foi assim, parcial. Voltou, mas quem quisesse ainda fazer Meet fazia, quem quisesse ficar em casa, ou por alguma comorbidade, ou porque tinha família com alguma fragilidade ali, ou a própria criança tinha. Então, esse foi o momento mais difícil para o professor, que daí ele tinha um tanto presencial e um tanto no Meet. Na Meet. Aí ficou essa complicação.

Foi muito difícil esse período de Meet e presencial.

Quem estava na Meet acabou perdendo, porque ele colocava lá, ia à Meet, ele orientava na medida que ele podia, mas o foco era o presencial. Então, não foi fácil, não.

E os alunos também, por sua vez, muito tempo fora da escola, também, parece assim, eu vou usar um termo, desacostumaram nos salões da escola. Então, eles não queriam, mas tem que fazer.

Então, chegaram bem assim, sem dizer a questão da aprendizagem. Aprendizagem, isso aí vai ter essa lacuna aí na aprendizagem deles por muitos anos, porque realmente é pouco. O que eles aprenderam em cinco, seis aulas diárias, eles tinham ali, cada aula não conseguia atingir o objetivo do presencial. Então, vieram com muitas lacunas.

E quem pegou a atividade depressa, mais ainda. Porque daí era uma folhinha ali, uma atividade ou duas que ele fazia em 20 minutos, meia hora. Aquilo contava um dia de aula.

Então, assim, absurdo realmente.

Vai ficar essa defasagem.

E você, assim, como diretora, você considera que esses recursos que o Estado está mandando agora, como o Educatrão, internet, você acha que melhorou a escola isso, ou você acha que isso piorou?

Mateus, eu tenho algumas ressalvas em relação ao governo. Mas as minhas ressalvas são mais a questão da valorização do professor. Então, esse governo pecou muito em relação a isso. A valorização profissional mesmo, os avanços, a questão salarial não aumentou, mas foi deixado de dar muitas coisas. No entanto, nessa questão tecnológica, eu falo para você que eu tenho elogios. Porque o LRCO mesmo, antes o professor, cada um fazia um planejamento.

Hoje não. Hoje o professor tem que seguir o conteúdo ali, tem que seguir toda a BNCC mesmo, que ele precisa seguir. Então, estão prontos os conteúdos. O LRCO hoje tem o planejamento, você sabe que você é professor, tem o planejamento, tem os slides. Está pronto ali. Claro que o professor não vai pegar aquilo, ele vai olhar. Ele é um agente ativo, então ele não vai só copiar. Mas ele pode utilizar muito dali. Eles são bons os conteúdos, as aulas prontas ali, o planejamento, são muito bons. Então não tinha nada disso. Hoje o professor tem isso em mãos. Ele tem esse educatrão, ele tem a internet. Tudo bem que a internet na escola, ela ainda deixa a desejar. Então precisaria ainda, só que na nossa escola aqui foi muito pior. Mas precisaria ver a questão da internet, ela ser um pouco mais rápida, ela não travar tanto.

Então nessas questões sim.

Um laboratório de informática que contemplasse ali todos os alunos. Mas eu acredito que isso vai acontecer. Porque nesses dois anos o avanço tecnológico foi muito grande. Então nesse aspecto sim, eu acho que foi muito vantajoso.

E enquanto você estava assim, durante a pandemia nesses anos, você recebeu bastante reclamações dos professores em relação a sédio de alunos que falavam com ele a partir das 10 horas, meia -noite, 2 da manhã, mandando mensagem.

É, isso teve, Mateus, teve. Só que se o professor, não sei se o professor é resiliente demais, ou se o professor...

Chegou um ponto que eles falaram, nossa, a gente não tem mais vida própria, porque é domingo, é sábado, é às vezes de noite, de madrugada, tinha alunos sim que ficavam. Mas aqui no colégio, eu sei de outros professores que reclamaram bastante.

Mas aqui pra mim, em conversa informal assim, mas também nada. Eu mesma recebia domingo, sábado, e eu, da minha parte, sempre atendi, eu não via problema nisso. Eu atendia com tranquilidade. Quando eu não queria atender, eu simplesmente não olhava, ou falava uma segunda -feira, eu te respondo, ou não visualizava. Mas eu não via problema nisso. Mas, claro, tem pessoas que se sentiram invadidas. Isso teve muitos.

A gente vê em rede social, a gente vê professor falando. Então, realmente se sentiram invadidas, sim.

Alguns.

Entendi.

E realmente, eles procuram, eles não têm esse filtro aí, que eu não vou, é só no horário de trabalho. E a gente sempre colocava no grupo, pra amenizar isso, tanto na rede municipal, que eu também trabalhei, trabalhava na época, a gente colocava lá, o atendimento será no horário de aula, de tal a tal hora, não somar com o professor à noite. A gente sempre procurava colocar isso nos grupos, pra segurar um pouco os alunos de fazerem essas abordagens aí.

Mas sempre tem aquele que faz, né?

E, só pra finalizar, eu só queria saber a sua idade, pra me colocar lá na rede.

52 anos, 32 anos de trabalho com escola.

Então, tá.

E 15 na rede estadual.

Certo, então.

Muito obrigado.

Tá bom.

ANEXO II -PROFESSORA H., PROFESSORA DE INGLÊS E CIDADANIA E CIVISMO.

Então, você trabalhou como professora durante 2020 e 2021 na pandemia, certo?

Trabalhei, certo.

E como foi a sua experiência nesse período?

No início foi assustadora, porque a gente não sabia o que ia acontecer. Então, a princípio, achávamos que ia ser 15 dias de fechamento das escolas, e isso se prolongou, se prolongou. Passou o ano, foi para o outro ano, para o ano de 2021, e os primeiros dias eram muito incertos, porque a gente não sabia exatamente como fazer.

E o governo foi dentro da esfera pública, né?

Como professora da rede pública, porque eu também dava aula na privada nessa época. A rede pública foi se organizando para as aulas na TV, e depois, um tempo depois, é que a gente começou a mandar também as aulas para os alunos, através do Google Classroom. Mas, a princípio, eram aulas na TV ministradas por outros professores, que eram filmadas lá em Curitiba e disponibilizadas as aulas no YouTube para os alunos. E na rede privada, em 15 dias ou uma semana, a gente já tinha a plataforma para dar aula para os alunos, disponibilizada pela plataforma que é contratada pela rede. E foi isso.

Foi um aprendizado, porque a gente teve que aprender a utilizar essas plataformas, porque até então eu não tinha conhecimento de como que eu usaria essas plataformas para ensinar. E a gente foi fazendo curso, fazendo webinar, pesquisando, né? E a água bateu e a gente precisou nadar.

E o estado ofereceu algum curso para que vocês pudessem se capacitar em utilizar essas ferramentas, ou você teve que pedir por conta própria?

Então, na verdade, o estado ofereceu as webinars. Então, tinha os horários com o pessoal do núcleo ou o pessoal da sede, e eles explicavam para a gente determinadas situações, referentes

àquilo que a gente deveria fazer naquela plataforma específica. E foi de bastante utilidade, mas enquanto a gente não sabe usar mesmo, enquanto você não começa a utilizar, tudo é muito teórico. Então, na prática é que se aprende mais. Elas serviram como base, mas eu realmente aprendi mais usando do que assistindo às lives, né?

E essa plataforma, ela era diferente dos demais professores ou era o Classroom mesmo?

Era o Classroom.

E quando você estava lá na pandemia, você utilizou o seu computador ou o estado te deu algum recurso?

O meu computador, a minha internet, a minha energia elétrica. Tudo meu.

E você teve que fazer algum investimento ou já tinha?

Eu tive. Eu tive que comprar um celular, porque os alunos, a gente precisou fazer aquele monte de grupos de WhatsApp. E aí começava a chegar muita imagem, muita mensagem, meu celular começou a travar e eu não estava preparada para aquilo. Eu não estava preparada para comprar um outro celular, mas precisei comprar. O computador eu não comprei, eu já tinha um notebook muito bom, mas eu precisei investir em memória e coloquei um SSD para ele ficar mais rápido, para ficar mais de acordo com o que eu precisava. E aumentei a velocidade da minha internet, ou seja, eu tive gasto.

E enquanto você estava na pandemia, você estava usando os grupos, né? Tinha alguns alunos que importunaram você, mandando mensagens à noite?

O tempo todo. À noite, de madrugada, no domingo, no sábado.

E aí muitas vezes eu demorava para responder, porque você não fica com o celular o tempo todo em mãos. Então você talvez estava lá, lendo alguma coisa que um aluno mandou, ou em algum webinar, e os alunos mandando mensagens. E se você demorava para responder, ficavam muito irritados.

Ah, vai responder professora?

Pais nos grupos também, a gente teve uma situação de um pai que foi muito grosseiro das minhas turmas. Eu sei que houve outras situações. E o pai exigindo que os professores dessem mais atenção. E a gente, assim, sobrecarregado de coisas. As atividades impressas para serem elaboradas, impressas, entregues, recolhidas, corrigidas. A aprendizagem do uso da plataforma. O atendimento individualizado dos alunos, porque eles não encostavam no grupo, falavam com a gente. Muitas vezes você tinha que ficar perguntando, quem é você? De que turma você é? E aí o aluno demorava para responder.

Então, eram muitos, muitos percalços. E a gente vivenciou isso tudo junto. De uma vez só.

E você recebeu ajuda de algum colega para conseguir lidar com essas situações? Ou também para aprender coisas?

Eu aprendi muito sozinha. Mas tinha um colega nosso aqui, do colégio, que estava sempre muito atento ao que a gente precisava. Mandava muita mensagem para ele. Me ajuda nisso, me ajuda naquilo. E o meu marido me ajudou muito, porque ele é da área de tecnologia da informação. Então, muita coisa ele sabia, ele me explicou, me ajudou. Mas foi uma aprendizagem mesmo. Porque a gente saiu do totalmente presencial para o nada. Um vácuo ali, até que tudo se resolvesse.

E quando houve o retorno para o presencial, que mudanças você sentiu que houve?

Quando a gente retornou, foi naquele sistema híbrido. Então, a sala era dividida em três, dependendo do número de alunos por turma, a gente dividia em três. E aí vinha um tanto, depois na outra semana vinha outro tanto, depois na outra, e fazia esse revezamento. Eu percebi muita dificuldade dos alunos, em concentração, em entender onde nós estávamos, muito perdidos. E atender esses alunos aqui na escola e em casa ao mesmo tempo era muito difícil. Porque você tinha que abrir uma aula online para os alunos que estavam em casa. E se você escrevesse no quadro que estava em casa, não enxergava. Se você projetasse, daí a gente adaptou. Alguns professores projetavam para quem estava na sala. E o mesmo que estavam projetando, mostrava para quem estava em casa, compartilhava com eles. Mas não tinha projetor para todo mundo, então a gente revezava. E a gente foi fazendo assim. Usava o livro, às vezes em sala, com os alunos que estavam ali em casa, a gente tirava foto e projetava para eles, compartilhava. E atendendo todo mundo junto.

E qual foi a principal mudança que você sentiu dos alunos, de antes da pandemia para hoje, agora?

Muita ansiedade. Os alunos voltaram muito ansiosos. Muitos alunos depressivos. Com problemas de comportamento muito atípicos. Coisas que a gente não estava acostumada a lidar. Então, a questão emocional deles, na minha opinião, foi o que mais pesou nesse retorno. Claro que houve, sim, problemas de ajuste ao retorno presencial, porque o aluno precisou entrar no ritmo novamente. O uso de máscaras também dificultava bastante, porque o professor falava e o aluno, às vezes, não entendia. Porque ele vê você falando, ele olha para você, e a leitura labial é uma coisa natural no ser humano. Então, a gente não tinha isso. Ou o aluno falava muito baixinho e a gente conseguia ouvir e entender o que ele estava dizendo. Isso também foi um empecilho. A questão deles não poderem se aproximar e eles terem essa vontade de ficar perto, e a gente ficar falando, não pode, não pode ficar perto, senta longe, não pode emprestar material. Então, eram muitas coisas que a gente tinha que administrar ao mesmo tempo. Então, para mim, foi muito complicado, eu confesso.

E você chegou a fazer alguma gambiarra durante a pandemia, para fazer funcionar o computador, para mexer a câmera dele para pegar você certinho, ou mesmo um lugar para você sentar e não dar dor?

Com certeza, com certeza. As aulas eram na minha sala de jantar ou na minha sala de estar. Então, eu não tinha um equipamento adequado. Eu tinha um computador, uma base. Aí, não ficava enquadrado muito bem. Eu colocava uns livros embaixo, comprei uma ring light, colocava atrás para que se iluminava melhor, para eles me verem melhor, senão fica escuro. E uma extensão, eu grudava na outra até chegar na tomada mais próxima. E, assim, isso, né? Trancava os meus cachorros no outro cômodo para eles me atirem e não saírem pulando na frente da câmera, o que aconteceu várias vezes. É, a gente precisou adaptar, porque não tinha como trabalhar.

E, já finalizando, né? Eu queria saber, assim, se... Você acredita que se o Estado tivesse fornecido um equipamento melhor, uma infraestrutura melhor para os alunos, para os professores, esse ensino a distância, ele teria dado certo? Ou você acha que teria dado não mesmo?

Eu acredito que teria facilitado muito. Porque nós, professores, por mais que eu discorde da questão do uso próprio do equipamento, da internet, nós ainda tínhamos como fazer isso. Mas muitos dos nossos alunos não tinham acesso. Muitos alunos não tinham... Às vezes era um celular para a família toda. O pai levava para o trabalho e, às vezes, a mãe precisava usar também. E o filho não tinha acesso nem às aulas da televisão, porque ele não conseguia conectar aos canais. Ele não tinha internet para assistir pelo YouTube. Ou a internet dele era muito ruim. Ele não tinha um celular próprio, muito menos um computador. Poucos alunos entravam nas aulas online por conta da falta de recurso tecnológico que eles tinham. Começavam, por exemplo, no ensino médio, nós tínhamos seis aulas. O aluno estava com o celular carregado na primeira aula. Depois do intervalo, o celular dele já estava descarregado. E aí ele ligava, o celular saía da mídia, ficava quente, aquecia. Ele não conseguia mais assistir às últimas aulas. Isso quando a internet funcionava. Então, eu acredito que se o governo tivesse... Por mais que ele tenha proporcionado uma internet gratuita de alguma forma para os alunos, se ele tivesse tentado encontrar uma outra forma de ajudar os alunos a terem mais acesso, teria facilitado mais, com certeza.

E você sentiu que houve uma melhora na sua aprendizagem de recursos digitais antes da pandemia para depois? Ou você sentiu que você já tinha aquele conhecimento e aquele conhecimento foi necessário para sanar as dificuldades que você teve durante a pandemia?

Algum conhecimento tecnológico eu já tinha porque eu sempre me interessei. Mas não tanto quanto o que eu tenho hoje. Então, sim, nesse ponto a pandemia me auxiliou muito. Eu aprendi muita coisa. Aprendi a usar aplicativos que eu nunca tinha usado, fazer slides de uma forma diferente, aprimorar o que eu já sabia. Então, o que eu já sabia eu aprimorei, o que eu não sabia eu aprendi. E facilitou, porque agora o que eu preciso fazer que eu não sei ainda, eu consigo pesquisar sozinha, eu consigo aprender sozinha. Então, eu acho que facilitou, sim. Ajudou bastante. E depois da pandemia, eu não consigo mais usar só quadro e giz. Na verdade, eu uso muito pouco quadro e giz. Eu preciso do computador, de um projetor, da internet. Eu vejo que as aulas ficam muito melhores. A gente enriquece muito o conteúdo, enriquece muito a prática, o interesse dos alunos. Então, eu realmente mudei muito a minha prática depois da pandemia.

E você achou que esses recursos que o Estado está fornecendo para a gente agora, Educatron, internet, está sendo suficiente ou você acha que ainda precisa de alguma coisa a mais?

A gente está engatinhando nesse processo ainda. Se eu puder dar a minha opinião, na minha opinião, ao invés de um Educatron, que a gente tem essa mobilidade de carregar para lá e para cá, por que não um projetor fixo em cada sala e um notebook com uma internet boa em cada sala para ele ficar fixo ali? Porque o Educatron, às vezes, a gente precisa levar para lá e para cá, guardar em outro lugar, cai o controle no chão, cai o teclado que é sem fio. Então, não sei, isso talvez diminua a durabilidade do equipamento. A TV também não tem um tamanho adequado para uma turma que tem 40 alunos. Então, os alunos reclamam um pouco da distância. E a gente tem que aproximar os alunos, dar um jeito no layout da sala. Mas eu posso dizer que sim, foi um avanço. Não posso também criticar e dizer que é de todo ruim. Não é. Mas eles poderiam ter pensado de uma forma melhor. Porque com um projetor você faz uma tela de 60, 80 polegadas, e uma televisão dessa tem 40. Então, a gente tem que pensar que nós não estamos com uma sala de duas filas de alunos, com 10, 12 alunos. A gente tem sala de 40 alunos. E nesse ponto prejudica a visibilidade deles.

Mas dizer que não ajudou, não seria verdade. Ajudou sim, tem ajudado.

E você tem quantos anos?

44.

E de escola?

26, vou fazer 26 agora.

De educação já completa 26.

É isso.

Muito obrigado.

É isso.

Massa!

ANEXO III - PROFESSOR MA., PROFESSOR DE MATEMÁTICA E ROBÓTICA.

Então, tudo bem, professor.

Você podia começar falando, assim, como que foi a sua experiência em dar aula no ano de 2020, 2021, nessa parte que a gente estava, assim, à distância, que era ainda por Meet, por trilhas?

Ó, a maior dificuldade que eu senti foi no caso da minha internet, que no começo ali era um pouco fraca, então eu tive que colocar uma internet mais potente para poder dar conta de tudo ali. A questão da plataforma, no caso do Google Meet, eu não tinha conhecimento dela, né?

Então, assim, junto com o grupo, com a escola, a gente veio na escola, a gente fomos fazendo formação entre nós professores, entre os alunos, né?

E aí, alguns alunos nós tínhamos que ficava chamando aqui na escola, que era um local que era, assim, de maior acesso, né? Até o distanciamento, né? E você fazer com que o aluno viesse até a sua sala online, né?

Também no começo foi muito difícil, porque a gente não tinha muito acesso com eles, né? E o aluno também, ele não tinha um celular adequado, não tinha um computador em casa, né? A família também não tinha conhecimento da tecnologia, então até a gente colocar isso aí tudo em ordem, fazer essa logística funcionar, foi trabalhoso, foi muito trabalhoso.

E, assim, quando houve esse afastamento, né? O estado, que você teve que trabalhar em casa, né? O estado, ele ofereceu algum computador, alguma coisa, ou ele só falou, tá, vai?

Não, simplesmente veio a toca de caixa e cada professor teve que fazer o seu reboleixo, lá como se diz, né? Cada professor teve que fazer o seu investimento, e eu, graças a Deus, ainda tinha um computadorzinho legal, né? Um notebook tranquilo, um celular bom, então, assim, deu conta do recado ali. Mas teve colega aí que teve que fazer financiamento e comprar notebook bom, né? Porque não tinha, né? Essa tecnologia, né? Computador, né? Aí teve que comprar computador, pegar um pacote de internet melhor, né? No caso meu, eu só tive que, o investimento foi um pacote de internet melhor.

E teve, assim, o estado ofereceu algum curso de formação pra você se capacitar pra poder dar essas aulas a distância, ou foi só, tipo, uma tentativa e erro mesmo?

Então, ó, no começo, na verdade, foi assim, ó, como eu tenho muita amizade com o pessoal do Núcleo de Maringá, então, eu e a Elane, com autorização da Cristina, na época diretora, então, nós fizemos uma parceria e, assim, nós que começamos a estudar pra ver como é que funcionava, pra ver, assim, número de aluno, se a Meet caía ou não caía, a questão de tempo, entendeu? Então, nós que tivemos que, como é que o aluno acessava a Meet, então, nós que tivemos que correr atrás, né? Eu lembro que no começo, a Isabel, alguns professores, eu abri a minha casa lá, fiz um espaço mais aberto lá pra poder atender os professores dos colegas. E, na época, eu, o Alexandre, o Mauro, do Núcleo, a gente ficava de madrugada, sabe, ali, vendo como é que funcionava, fazendo o teste, supondo, ah, se o aluno fizer isso, o que acontece? Então, supondo, um entrava como professor e dois, três entravam como aluno, entendeu? Então, o que o professor podia fazer com o aluno?

Então, a gente foi fazendo esses testes pra ver como o aluno acessava, como que ele colocava uma atividade, entendeu? Como tirar foto lá e postar, porque nós tivemos dois problemas. Nós tinha o aluno que tinha o celular e o aluno que tinha o computador. No celular aparecia de um jeito, no computador de outro, entendeu? Então, você tinha que estar fazendo vídeos, até se você procurar no YouTube hoje, tem vídeo que nós fizemos, que a minha esposa tá falando, explicando, né?

E quando você tava, assim, em casa ainda, você chegou a ter que fazer uma espécie de gambiarra na sua casa pra funcionar direitinho?

Colocar, tipo, um negócio pra apoiar a câmera? Na verdade, em casa, virou um estúdio, né? Porque daí, imagina, eu e a minha esposa professor. Então, daí eu tinha um quarto, então eu adaptei esse quarto pra mim e a nossa sala, né? Eu adaptei outro pra Elaine. Aí tivemos que, assim, pegar um celular velho, né? Pra fazer, porque nós tínhamos que usar dois celulares, porque nós somos das exatas, matemática. Então, nós tínhamos que fazer o aluno nos ver e, ao mesmo tempo, ver a atividade que ele tá resolvendo, né? Então, nós tínhamos que fazer aquela gambiarra assim. Eu, em casa, eu fiz um suporte. Eu tinha um suporte velho lá. Amarrei o celular lá pra poder filmar, tipo, minha mesa. Aí eu ia fazendo atividade, resolvendo ali pro aluno ver lá na tela dele, né? Então, eu tenho que fazer bastante gambiarra, viu? Fio, casa inteira.

Entendi.

E quando houve esse retorno, né? Você sentiu que houve alguma mudança na escola ou você sentiu que ela tava a mesma coisa, em relação à infraestrutura, tecnologia, os alunos?

Então, no começo, nós tivemos dificuldade com a internet, né? E a nossa escola, nós não tínhamos os nets, no caso, o notebook, pra poder vir passá -la. No caso aqui do Gori, foi emprestado, né? Do Colégio Cívico Militar aqui de Mandaguari, do Palotti. Então, emprestou esses nets pra gente tá atendendo, fazendo a nossa demanda, né? Atender os alunos presenciais e, ao mesmo tempo, atender os alunos via Meet, né? Porque daí o professor ficou em dois momentos. Nós tínhamos que atender os presencial e atender quem tava lá via meet ainda, né? Então, assim, no começo foi meio complicado, né?

E em relação aos alunos, qual que é a diferença que você sente dos alunos que você dava aula antes da pandemia e agora?

Ó, antigamente, parece que o aluno, ele tava mais solto, mais, não sei assim, brincava mais, mais carinhoso, né? Os alunos que chegou depois, não sei se chegou a acontecer com você em algumas turmas, mas eu vi os alunos assim, assustado, muito depressivo, né? Porque o aluno, nós teve alunos bem com ansiedade danada, quase uma depressão ali. Então, assim, isso aí dificultou bastante a escola e o Estado não ajudou nesse ponto, né? Tipo assim, não trouxe um psicólogo na escola, não chegou a conversar, não teve um conteúdo adequado, né? Pra você fazer um trabalho, tipo assim, você tinha que dar conta do seu conteúdo e ali pronto, acabou, né? Você não fez um trabalho com o aluno pra ver como é que ele se sentiu e foi preocupante, né? Essa pandemia, né?

E, só pra finalizar, quando você, qual que é a diferença que você acha que você tinha ensinado o seu conhecimento em relação a tecnologia digital, computador, Meet, várias coisas, antes da pandemia e agora? Você sentiu que aumentou ou que não houve um aumento? E se houve, assim, você sentiu que foi por sua própria conta ou você teve algum auxílio que o Estado te forneceu pra você conseguir melhorar?

Ó, na época da pandemia, nós, acho que cada professor teve que correr atrás do seu, porque o Estado não chegou a dar um curso, não fez uma formação, não deu tempo. Tipo assim, eu lembro que nós ficamos ali a primeira semana e eu não lembro o nome do aplicativo agora,

que eu só tinha conhecimento dele, porque como eu trabalhava na área já da filmagem, alguns meus amigos a gente fazia transmissão online de casamento, então eu tava usando esse aplicativo, entendeu? Aí depois que o Estado lançou o meet, né, que fez parceria com a Google lá, lançou o meet, só que assim, do meet eu não tinha conhecimento nenhum, então a gente foi mexendo no YouTube, aprendendo ali sozinho, pegando alguns colegas, uns parceiros, entendeu? Porque lá no começo o Estado não deu nenhuma formação, agora ele tá fazendo essa formação em ação aí, né, preparando os professores, mostrando as plataformas ali que existem, então assim, pra mim melhorou muito, hoje as minhas aulas, se eu pudesse fazer minha aula só online eu fazia, entendeu? Mas pra mim, nossa, com essa tecnologia aí, pra mim tá maravilhoso, maravilhoso. Bom dia, é tudo bolinha?
É só eu deixar aqui assim nessa página? O certo é colocar no YouTube, por algum videozinho tocando baixinho, fazer enquanto você tá usando ele.

É isso, muito obrigado.

Qual que é a sua idade?

Eu sou 44.

44, e você tem quantos anos de professor?

De professor eu tenho 2005, 14? 17, né? 17, 17 anos.

ANEXO IV - PROFESSORA DE MATEMATICA E FÍSICA

Primeiro, a senhora trabalhou na pandemia durante os anos de 2020 e 2021.

Perfeito.

E como que foi a sua experiência nesse período?

Bom, trabalhar com aluno online é muito complicado. Inclusive, eu tinha matemática e física. Física com os adolescentes, eu estava com 439 alunos.

Aí, resolvi pedir aposentadoria de física.

Entendi.

Porque estava muito complicado. Então, aí eu me aposentei em física, só que continuei com matemática.

Entendi.

E agora estou trabalhando com matemática.

E assim, a senhora teve dificuldade em relação às tecnologias digitais, quando chegou o Meet e essas coisas?

No começo, muita dificuldade. Muito chororô, porque não conseguia, ainda estava bem longe da tecnologia. E os aparelhos que eu tinha em casa também não eram favoráveis. Comprei dois quadros para poder trabalhar com as crianças no quadro, principalmente matemática, no sexto ano. E estou lá com o equipamento na minha casa, sem fazer nada.

Entendi.

Mas é bem assim.

E o Estado forneceu algum tipo de formação para a senhora, para tentar readaptar, inserir a senhora nesse meio digital? Ou a senhora teve que ir tudo por conta?

Por conta, e os colegas da escola que ajudaram muito. Então, eu ia na casa dos amigos de escola para poder tentar procurar a solução, que estava bem difícil.

E em relação a grupos de WhatsApp, etc., a senhora teve algum tempo que a senhora sofreu alguma importunação? Algum aluno te mandando mensagem às 10h, 11h, 1h da manhã, te perguntando algumas coisas, ou a senhora não teve isso?

Sempre tinha aluno perguntando, mas sem assédio no caso, mas perguntando como foi, ou alguma dúvida que ele ficou. Sempre tinha alguém que estava questionando, e não tinha hora não.

Entendi, entendi.

E quando houve esse retorno para a escola, a senhora sentiu alguma diferença em relação à infraestrutura da escola, os alunos?

No começo, também, a gente tinha bastante dificuldade, porque tinha que levar o aparelho nas salas, né? Para depois trabalhar com aluno em sala, em casa, era muito complicado, porque tinha muitos que não tinham voltado ainda, né? Aí a gente tinha que fazer o meet na sala, trabalhar com quem estava presente, e ainda transmitir para os outros que estavam em casa. Bem complicado.

Eu lembro disso, foi bem complicado mesmo.

E quando a senhora começou a mudar de novo, voltou a ser uma coisa mais parecida com o que era antes, a senhora continua utilizando as tecnologias digitais ou a senhora te colocou de lado e voltou?

Sim, continuamos normal.

Entendi.

Porque o digital é bem mais prático, né? Para trabalhar. Então, a gente continua. Inclusive, agora com o Educatron, ficou mais...

Então, a senhora sentiu que antes da pandemia, por agora, a senhora teve uma melhora em como utilizar recursos digitais?

Com certeza, com certeza.

Mas tudo isso foi por esforço da senhora?

Com certeza também.

Entendi, entendi.

Porque nós não tivemos nem o curso, né? Para fazer meet, por exemplo. Agora, esse formador também que a gente entrou, ajudou bastante na minha área. Então, eu gostei bastante também, porque tem um professor muito legal que ajudou bastante.

Entendi.

E em relação aos alunos, a senhora sentiu alguma diferença do que era antes para o da pandemia e para o da agora?

Os que chegaram na escola agora chegaram muito aquém, né?

Eles não têm a base. Também eles chegaram dois anos sem nada, né? Porque no município acho que não tinha muita tecnologia trabalhada com eles, né? Então, eles ficaram com muita falta de conteúdo. Então, esse ano foi bem difícil para chegar no que precisava.

E quando a senhora estava lá na pandemia, a senhora chegou a ter que fazer algum tipo de gambiarra para poder fazer funcionar as coisas? Pegar uma extensão, estender? Arrumar o notebook de uma forma que aprecia a senhora melhor? Alguma coisa nesse sentido?

Eu sempre trabalhei com eles com PowerPoint. Entendeu? Então, eu já preparava o meu conteúdo no PowerPoint para não precisar ficar mexendo muito, né? Então, eu passava os slides para eles e explicando no quadro o que estava passando no slide.

Entendi.

Bem complicadinho.

E só para finalizar mesmo, eu queria saber a idade da senhora.

É para dados estatísticos, né?

Eu não vou revelar para ninguém.

Então, 66 anos e meio.

66 anos e meio?

Estou quase para aposentar já.

Vou pedir a minha aposentadoria esse ano que vem agora.

E quantos anos de escola?

17.

17 anos?

Entendi.

Então, era isso mesmo.

Muito obrigado pela sua participação.

ANEXO V -PROFESSORA R. PROFESSORA DE MATEMATICA

Você trabalhou em 2020 e 2021 na rede pública e privada, certo?

Certo.

E como que foi a sua experiência dando aula durante esse período, que foi o período da pandemia? Bom, primeiro que eu trabalho com matemática, né? Então eu senti muita falta a princípio do quadro, porque uma coisa é você conversar, então uma matéria, sei lá, como português ou a própria história, né? Que você vai falando com eles. Agora a matemática, já de cara eu percebi que ia ser muito difícil. Então fazer exercícios, eu senti muita falta de ir do lado do aluno na carteira na hora que ele tá fazendo, tirar dúvida naquela linha que ele está, né? Enfim.

Aí eu comprei um quadro pra tentar melhorar o negócio. E realmente melhorou. Então eu explicava com slides, ia no quadro, aí facilitava um pouco, mas mesmo assim ainda, às vezes eles não enxergavam a luz, de repente, do jeito que a luz batia. Enfim, tinha problema. Teve dia que eu até chorei. Chorei, assim, de tristeza de estar naquela situação.

Entendi.

Os alunos têm uma dificuldade muito grande pra eles abrirem câmera. Então assim, às vezes você percebia que eles não estavam nem aí pra... Se você chamava, vinha aquela voz lá do fundo do túnel. Ai, foi muito sofrido. E assim, uma coisa que eu achei muito interessante foi perceber que eles que se acham, né? Tanto eles se acham sabidos em tecnologia, que eles não sabiam. Realmente, o que precisa -se saber, eles sabem. Rede social, essas coisas eles sabem, né? Jogos. Mas o enviar uma coisa pra gente, eles tiveram muita dificuldade no começo, né? Anexar as coisas. Então assim, deu pra perceber também que eles sabem, entre aspas, né? Aquilo que realmente precisa, faz diferença. Não sabiam tanto. Hoje, de repente, até sabem mais. Mas na época teve tudo isso também.

E o Estado, ele forneceu pra você algum tipo de equipamento pra você conseguir dar suas aulas? Ou você teve que comprar os seus próprios, ou utilizar aqueles que você já tinha em casa?

Não, como eu disse, eu comprei quadro, eu comprei. E o celular meu, eu usava o meu celular e usava o meu notebook.

E você chegou a fazer algum tipo de gambiarra, assim, pra fazer funcionar direito essas coisas?

Ah, comprei... Como que eu vou falar? Uma armaçãozinha, assim, pra pôr o celular. A princípio que era o celular que eu usava. Comprei, depois até nem acabou nem dando certo, mas quadro também. Comprei um que não deu tão certo, daí comprei outro. O note, eu tive... O celular eu tive que trocar no meio da pandemia, no final das contas. Acho que eu usei tanto, sei lá. O note também, eu tive que trocar os dois, na verdade, por novos.

Entendi.

E quando houve esse retorno, né? Que a gente saiu do período da pandemia e agora a gente voltou pra escola, né? Você sentiu alguma diferença na questão, assim, do Estado estar fornecendo pra você um notebook? Ou você sentiu que o seu era melhor?

Bom, tem no Estado o Educatron agora, né? E particularmente eu gostei. Eu achei, assim, que é um instrumento bacana, que dá pra aproveitar muito bem. Não acho muito bacana o jeito como eles dão uma forçada pra você ter que estar com ele ligado. Porque eu não acho que seja, assim, uma aula, né? Mas eu gosto, aproveito bastante. Mas teve um período que não tinha, né? Quando a gente voltou mesmo, tinha aqueles tablets, né? E que eram inferiores ao que eu tinha em casa, pelo menos era. Eu estranhei um pouco. Mas a gente foi se adequando.

E antes da pandemia você tinha um certo conhecimento com tecnologia digital. E depois da pandemia você sentiu que isso melhorou? Ou você teve muita dificuldade pra entrar nesse...

É, no começo eu tive um pouco de dificuldade, mas nada assim. Fui, fui, né? Tateando e acertando ali. Mas eu percebi que teve crescimento, assim, de conhecimento. Coisas que eu não sabia fazer e que eu realmente aprendi ali na...

E você aprendeu na Marra ou o Estado?

É, na Marra.

Ou o Estado te forneceu algum curso, alguma formação pra você conseguir se apropriar desse conhecimento?

Olha, eu aprendi meio na Marra.

Foi meio tateando mesmo.

E quando você voltou da pandemia de novo, né? Você sentiu uma diferença dos alunos antes da pandemia e depois da pandemia?

Você fala de conhecimento?

É, do comportamento, de tudo, né?

Olha, primeiro que eu acho assim... Nossa, na particular eu senti muito essa diferença. Parece que eles tinham perdido o ritmo de estudo, assim. Então aquela coisa de ter horário pra estudar, estudar sozinho... Parece que eles estavam completamente à deriva. Uma coisa assim, nossa, muito preocupante mesmo. Que eu acho que ainda não voltou ao normal, pra falar bem a verdade. Eu acho que hoje ainda eu olho e não vejo normalidade do que era, né?

E assim, até o horário, parece que eles perderam a noção até da questão de que horas que eu falo, que horas que eu não falo, que horas que eu tenho que fazer tal coisa. Parece que eles realmente se perderam mesmo. Muita diferença.

E na pública?

Muita diferença. Muita diferença. De comportamento, de conhecimento... Infelizmente, teve perdas, sim.

E esse investimento que você fez no quadro, no notebook, você continua utilizando eles ou eles estão lá parados e vão ficar lá?

Olha, o notebook eu ainda uso, né? Eu uso mesmo pras coisas de escola, principalmente. Celular... Ainda tem grupos, né, também e tal, e uso pro meu uso pessoal. Mas o quadro não, o quadro tá lá. Usei pra fazer o vídeo do PDE.

E quando você tava lá na perda da pandemia, tinha muito aluno que mandava mensagem pra você assim, uns 10 da noite, 11 da noite, meia noite?

Nossa! Foi um pesadelo. Um pesadelo. Muito, muito, muito fora de hora. Em final de semana. Não tinha horário, na verdade. Minha família achava um absurdo. Ter que estar à disposição o tempo todo, né? Mas a gente acabava ficando, porque era uma coisa tão difícil de atingir esses alunos que qualquer sinalização deles, a gente queria ter contato. Mas foi bem, foi até abusivo, acho.

Entendi. E... Já pra finalizar. Você acha que se os alunos tivessem tido uma condição melhor pra ter acesso ao Meet, essas coisas, eles teriam tido uma aprendizagem maior?

Eu acho que nada como o presencial. A verdade é essa. Sabe? O contato, o olho ali. É diferente. Eu acho que ia ser difícil mesmo.

E quantos anos você tem, Roberto?

Eu tenho 49.

E de aula?

De escola?

De escola, 28.

28.

Então, é isso.

Muito obrigado.

De nada.

ANEXO VI -PROFESSORA MAY PROFESSORA DE GEOGRAFIA.

Então tá bom

Eu quero que você me fale o seguinte, você deu aula em 2020 e 2021?

Sim.

Então você pegou o primeiro processo da pandemia. Você estava em São Paulo na época?

Não, eu já estava aqui.

Como que foi assim os primeiros meses da pandemia?

Então, 2020 eu peguei aulas, né, só na rede particular.

Certo.

Trabalhei um mês e entrou a pandemia. Nesse ano eu tinha um quarto ano do fundamental 1 à tarde e tinha ensino médio primeiro, segundo e terceiro ano no período da manhã.

Certo.

E aí assim que eles decidiram que as aulas seriam temporariamente paralisadas, no início não foi proposto nenhuma atividade. A escola precisou receber orientações da matriz pra ver, né. Foi mais ou menos uma semana perdida, parada, esperando pra ver como que a gente ia trabalhar. Até que veio a proposta, né, das aulas via Meet. Com o pessoal do fundamental 1 foi mais difícil, né, porque as crianças elas até já têm essa experiência com a tecnologia, mas o Google Meet em especial eles ainda não sabiam, não dominavam, nem os pais, né, nem nós professoras. Então foi bem difícil esses primeiros 15 dias de uso do Meet pra adaptação, né. E a principal dificuldade foi em relação à conexão da internet. Porque parece que o mundo todo, né, em Mandaguari estava usando a internet, então a cidade não comportava a tecnologia pra um uso assim tão, né, de uma dimensão tão grande realmente, né, porque estava todo mundo conectado. E aí as aulas não eram produtivas, porque você ligava ali, pensa um quarto ano, 20

alunos de 8, 9 anos se vendo numa tela enquanto a professora falava. Então eles levantavam a mão o tempo todo, eles queriam perguntar, eles queriam falar, eles queriam, né, o tempo todo a atenção. Então foi bem difícil no começo gerenciar esse processo.

E com o ensino da manhã, do ensino médio, também tivemos muita dificuldade em relação à conexão de aulas que caíam, que eram interrompidas, de alunos que não conseguiam entrar, que ficavam ligando o tempo todo. Professora, eu estou entrando, me aceite. Você estava ali tentando, mas o problema era a conexão.

E de manhã a ausência dos alunos, porque eles sabiam que eles precisavam entrar àquela hora, eles sabiam como eles deveriam fazer isso, mas eles se ausentavam, né, então a defasagem ela foi muito grande nesse período. Na verdade não é defasagem, é aquele nome que a gente dá para os alunos que faltam. Faltamos e os alunos chegam. Vamos ver se eu lembro o decorrer da nossa conversa.

Aí acabou que quem entrava para participar da aula não queria aparecer, né, não queria ligar a câmera e evitava ao máximo falar. O máximo que eles faziam era responder à chamada. Então a perda da produção do conhecimento foi muito drástica, principalmente no começo. E como o tempo foi passando e eles viam que a situação não ia melhorar, eles foram desanimando ainda mais. Em nenhum momento eu posso dizer para você que houve uma melhora e que houve motivação por parte dos alunos por querer se adaptar. Muito pelo contrário, o que eu ficava sabendo é que eles se reuniam para fazer provas em grupo, todos ao mesmo tempo em outra chamada para responder à avaliação junto. Então, assim, produzir mesmo não. O que eles fizeram foi muita cópia durante esse período. E não assistiam às aulas. Ele entrava na sala, ligava e deixava lá. Você fazia a pergunta e ninguém respondia. E o processo é totalmente diferente, né, você ensinar um fundamental e ensinar um médio.

Então, os recursos que como professora eu tive que buscar eram recursos que eu não dominava, que eu tinha dificuldade, por exemplo, abrir outra tela, fazer uma apresentação de slide, para mim eram coisas que eu tive que buscar ajuda porque eu não sabia como que eu tinha que fazer aquilo.

Então, o Estado não deu nenhum curso nem nada, você só foi na cara, na coragem e descobriu o que tinha que fazer.

Nesse período da pandemia, no primeiro ano, eu só estava no particular. E no particular eles não ofereceram. O professor teve que se virar.

Entendi.

E em nenhum momento teve um curso, em nenhum momento o que dizia, é importante que você use tal recurso. Não, foi simplesmente, você vai dar aula desse horário a esse horário via Meet. E também o particular não ofereceu as trilhas de aprendizagem que teve aqui no... Então, essas trilhas, por ser uma rede particular e por ser uma franquia, né, o material didático ele ofereceu. Uma plataforma que tinha lá vídeo aulas que seguia a explicação dos capítulos do livro.

Entendi.

Porém, os alunos não queriam entrar lá e ter que assistir aquela aula pronta. Os alunos queriam, eles batiam o pé porque eles queriam ter aula com o professor. Só que quando era disponibilizada a aula, naquele dia, naquele horário, os alunos faziam, agiam dessa forma, né, eles não queriam participar.

Entendi.

A minha dificuldade foi em relação ao processo. Porque quando eu estou dando aula, existe o processo do perguntar, do responder e do construir. Eu preciso disso, como professora. E nas aulas online, pelo menos com as minhas turmas, não rolou esse processo.

O que acontecia era, eu estava ali dando uma palestra para ninguém. Porque como as aulas eram gravadas, provavelmente poderia alguém depois assistir, entrar na minha aula, ver se realmente eu estava trabalhando aquele conteúdo, né. Então, tínhamos que trabalhar mesmo, certinho mesmo que não tivesse ninguém ali assistindo. Então, isso foi muito desmotivador, né.

E você teve que usar seus próprios equipamentos para fazer isso.

Sim. Meu próprio computador, minha própria internet, não ganhei nada mais por isso. E não tive ajuda nos momentos que eu precisei.

Certo.

E se eu tivesse que falar, hoje eu não tenho internet, você não ia receber pelo seu trabalho.

Entendi, entendi.

Em 2021, você já estava na rede estadual.

Em 2021, eu recuei também devido à pandemia. Eu pensei em toda dificuldade que eu enfrentei numa rede particular, então eu não quis pegar aula na rede pública. E eu fui pegar em 2021, em novembro, quando as aulas voltaram.

Entendi.

Daí você pegou já a volta.

E o que você sentiu quando você voltou?

Que o uso da tecnologia ali já estava realmente mais presente, né. E que realmente o Estado tinha de fato conseguido se organizar melhor do que a própria rede particular.

Entendi.

Visando nessa experiência que eu tive com essa escola, com essa empresa que eu trabalhei.

Entendi.

E os alunos, você sentiu que eles estavam com uma defasagem muito grande de conteúdo? Qual foi a dificuldade que você sentiu nessa construção?

Que foi muito mais difícil para eles se organizarem individualmente com relação às tarefas, com relação a fazer o uso do tempo que eles tinham em sala de aula, porque aí eles ficavam naquela, mas depois eu vejo uma videoaula no YouTube sobre isso. Porque aí eles se adaptaram com esse recurso do online também, então você ali às vezes em sala de aula tinha esse embate, né. De não, eu estou aqui, você precisa perguntar, tirar suas dúvidas. E além da

falta de interesse, a dificuldade da defasagem do ano anterior. Os alunos, e eu sinto isso até hoje, os meus alunos, por exemplo, alunos de sexto ano, são quarto anos do primeiro ano de 2020 da pandemia. Então, a defasagem, ela está aí, ela vai perdurar ainda por um bom tempo. E a gente vê esse reflexo aí nos números dos alunos que buscaram o vestibular agora no final do ano. Muitos alunos desistiram.

E quando você, assim, você da aula a quanto tempo?

Desde 2015.

2015.

E qual que é a diferença que você acha dos alunos de 2015, 2016, para os alunos de 2021, 2022?

Eu vejo que os alunos foram se perdendo ao longo do tempo, e a pandemia gravou essa situação. Então, hoje que a gente vive com a tecnologia, os alunos aprenderam a usar a tecnologia para estudar, e eles têm a informação, eles estão abrindo mão, porque eles pensam que o ensino superior em EaD é fácil.

Entendi.

E que eles têm essa opção.

Entendi.

Bacana, bacana. É um olhar bem interessante.

E, assim, quando você chegou na escola, você notou que houve uma mudança na infraestrutura da escola do que era antes, ou você sentiu que deu a mesma coisa?

Eu senti que melhorou. Hoje a escola, ela busca em ter o uso de uma internet para todos, não só para os professores, mas para os alunos. E a gente vê as mídias que o governo trouxe, tanto para as plataformas de inglês, matemática, e também acho isso positivo.

E em sala de aula, hoje a gente tem o Educatron, que veio dessa demanda, dessa necessidade da pandemia. Eu acredito que se não fosse a pandemia, o uso da tecnologia estaria, de fato, mais enfraquecido.

Entendi, entendi.

E só para finalizar, então, você chegou a fazer algum tipo de gambiarra na sua casa para fazer o computador funcionar, ou você já tinha os equipamentos prontos, era só aplicar para as aulas?

Não, com certeza. A questão do planejamento a gente sempre faz mesmo, só que aí você planejar para a tecnologia é mais difícil, né? Porque você tinha que pensar até no tamanho da fonte que você ia colocar para que aquilo ficasse bem apresentado, chamativo, né? Que despertasse a atenção ainda mais. E também o wi -fi, né? Então, eu não podia usar no wi -fi, eu tinha que usar a internet no cabo, porque senão a internet não dava conta. Extensão, né? O uso de extensão o tempo todo, porque mal dava tempo de você carregar o computador porque você já tinha outra aula e tudo mais. Mas eu acho que aqui na cidade, de forma geral, até hoje a gente vê que o uso da internet é bem ruim, né?

Bastante.

E quantos anos você tem, Maiara?

32.

Então, você começou a ser professora com 25?

2015, eu estava com 25.

E você já tinha o domínio das tecnologias digitais nessa época? Ou você foi aprendendo conforme foi?

Não, péssimo. Eu sempre tive dificuldade com isso, e eu confesso que foi graças a pandemia que eu me obriguei a evoluir.

Entendi.

O máximo que eu sabia fazer era um slide.

Mas você sentiu falta do governo ou da empresa que você trabalhou de fornecer um curso para isso? Ou você achou que conseguiu sozinha e deu conta?

Eu acho que se eu tivesse tido ajuda, o meu rendimento teria sido melhor, né? Porque como eu tive dificuldade, eu demorei muito tempo para sozinha conseguir oferecer alguma coisa melhor para os alunos.

Certo.

E a última coisa...

Não era isso, mas...

Era isso.

ANEXO VII - PROFESSOR A., PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E PROFESSOR DE ECONOMIA EAD NA UNICESUMAR

Beleza, professor.

Então assim, você trabalhou no ano de 2021, né? Ou 2020 também?

Apenas 2021.

Quando eu entrei, a pandemia já estava andando, e principalmente as aulas via Meet já estavam ocorrendo.

Entendi. E como que foi essa experiência durante as aulas na Meet?

Olha, no início, como eu entrei um pouco atrasado, não entrei dentro do período regular, foi um pouco complicado pela falta de experiência, falta de informação, quem me orientou principalmente foram os outros professores, até acessando as Meets, o registro de classe, o RCO.

Então todas essas informações, elas vieram através dos outros professores, as pedagogas que foram me orientando. Então no início foi um pouco difícil, principalmente porque faltava informação, faltava um auxílio para eu entender o que eu precisava fazer.

E o estado não forneceu nenhum tipo de informação, alguma coisa para te orientar nesse sentido?

Você teve que ir atrás sozinho ou os colegas te ajudando?

Exato. Nesse caso, sempre precisava estar correndo atrás, conversando com algum outro professor, procurando informação. As plataformas, do Google principalmente, elas eram bem tranquilas de se mexer. Eu já tinha utilizado elas para fazer alguma outra reunião, principalmente da dissertação do meu mestrado. Então eu já tinha um pouquinho de conhecimento sobre elas. Eu já estava sendo orientado pelo meu orientador por via Meet, então eu já tinha um pouquinho de conhecimento. Mas fora isso, toda a informação, todas as

informações que eu precisava para montar, por exemplo, o PTD, precisei de conversar com outros professores, com as pedagogas. Então eu tive que buscar informação nesse caso. E como era período de pandemia, não era muito recomendável vir ao colégio por qualquer motivo. Então às vezes tinha que combinar um horário com algum professor.

O professor Márcio me ajudou muito no início, principalmente com as disciplinas de educação financeira. Então foram mais os colegas que foram ajudando.

E o Estado te forneceu algum tipo de equipamento para você poder dar as suas aulas?

Não, foram todos os meus próprios equipamentos. Tanto é que no início eu tive que melhorar a minha internet, já que eu trabalhava não somente no colégio, eu trabalhava em instituição privada. Então eu tive que melhorar um pouco a minha internet. Eu já tinha um notebook, mas como ele já estava um pouco ultrapassado, eu tive que comprar um novo também. Então eu tive que fazer alguns investimentos, principalmente para eu poder estar trabalhando de forma mais eficaz.

E qual foi a diferença que você sentiu quando você voltou para o presencial? Dificuldades também que você encontrou?

Olha, como eu não tinha experiência antes da pandemia, eu entrei bem no meio da pandemia, a volta foi um pouco estranha, um pouco difícil também. Porque como você tinha que conciliar alunos dentro de sala de aula e os alunos que estavam na Meet, então você estava fazendo dois trabalhos ao mesmo tempo. E principalmente era um pouco difícil você perceber quais são as dúvidas dos alunos. No início foi muito difícil porque a volta foi muito gradual, foi muito lenta principalmente. No início foram cinco alunos, depois aumentou para dez, aí foi no finalzinho do ano passado que eles liberaram todos os alunos. Você tinha que ficar sempre correndo atrás dos alunos. Eu acho que hoje o maior problema, principalmente dos alunos, que você vê que é a maior dificuldade deles, acho que eles estão um pouco acostumados aos professores, estão correndo atrás deles ainda. Então, acho que tem essa maior dificuldade em relação à prática didática. O professor agora tenta, buscando mais o aluno. Não é o aluno que está mais acostumado a procurar o professor para o aprendizado. É o professor agora que vai procurar o aluno.

No início a internet não funcionava, então sempre a mídia estava caindo, então era um outro problema. Então eram muitos problemas para a própria tecnologia que nós utilizávamos que não dava tanto suporte.

Hoje a gente já vê que a internet funciona um pouco melhor, tem o Educatron que é bem melhor do que os netbooks, mas a transição do fim da pandemia, do isolamento, melhor dizendo, foi muito difícil, principalmente as questões de saúde mesmo. Os alunos, fazerem eles utilizarem máscara, álcool em gel, outras coisas. Então você percebe que alguns alunos estavam mais ansiosos, principalmente. Eles ficavam mais... Estava um pouco mais difícil trazê-los para o colégio.

E você que trabalha lá no Cesumar, você trabalha no setor de EaD, certo? Você é uma espécie de gerente? O que é que você é lá?

Não, eu trabalho apenas com o professor mediador.

Isso, professor mediador.

E assim, qual que é a diferença que você vê da infraestrutura deles para essa que o Estado forneceu?

Olha, analisando a Unicesumar do setor privado para o setor público, a Unicesumar, ela tem uma maior preocupação com o profissional em questão à saúde, não só de rendimento do trabalho, mas principalmente do aspecto de saúde do profissional. Então sempre o professor ou qualquer outro funcionário que trabalha home office e tem que ir lá regularmente na IES para poder fazer uns exames, ver se está tudo bem, exame psicológico, exame de saúde mesmo.

Para o treinamento, para o home office, eles oferecem um bom suporte. Então se qualquer dúvida, sempre vai ter o suporte te auxiliando, falando, olha, você tem que fazer isso, está acontecendo isso. Quando acontece algum tipo de problema... Então quando acontece algum tipo de problema, como a internet caiu ou algo do tipo, então eles são muito compreensivos e faz parte da jornada de trabalho. Então você não tem que repor isso depois.

Então em relação ao Estado, o setor privado, na minha opinião, ele ofereceu muito mais suporte do que o próprio setor público.

E assim, na questão da infraestrutura mesmo, fornecer câmera, coisa para gravar, etc. Isso tudo tem na empresa ou você tem que usar a sua também?

Eles oferecem a opção. Ou você trabalha com o seu próprio material, ou você utiliza o material deles. Eu trabalho com o meu que eu acho muito mais prático. Como eu estou utilizando ali, às vezes, muitas planilhas, muitas outras coisas, eu acho muito mais prático.

Estou utilizando o meu próprio material, tanto é que como eu disse que eu tive que fazer um financiamento, tive que comprar um notebook novo, então já como ele é bem moderno, muito mais prático, muito mais rápido, então eu já utilizo ele. No caso, o material que eles oferecem seria um desktop normal. Então o notebook, como ele é muito mais prático, você pode estar escolhendo o lugar onde você pode estar trabalhando, então eu optei por utilizar o meu próprio material.

Mas eles oferecem a opção de você estar utilizando o próprio material da IES. Só que qualquer estrago que ocorra, você é obrigado a estar servindo eles. Eu entrei no momento que eles não estavam oferecendo ajuda de curso para a internet, mas os novos funcionários hoje que estão entrando na IES, no setor de avaliação e professor mediador, que estão trabalhando no home office ainda, eles estão dando ajuda de curso para a internet. Então foi no momento que eu entrei ali que talvez eu fiquei um pouco azarado.

E assim, na questão da plataforma online deles, você acha que ela é melhor do que o que o Estado ofereceu aqui?

Olha... As plataformas que eles oferecem, no meu caso, como eu trabalhava na avaliação, dei agora uma mudança, agora eu estou trabalhando no EAD mesmo, no setor do EAD, então a plataforma que a gente utilizava na avaliação não era muito didática, ela era um pouco difícil para mexer. Mas como você tinha muito suporte, muita informação, se você estava com alguma dúvida, eles já mandavam algum tutorial, alguma coisa oferecendo informação de forma muito simples, muito prática, então não tinha tanto problema.

Hoje, no pedagógico do EaD, é a mesma coisa, você sempre vai estar passando por treinamento, aprimoramento, para você estar trabalhando da melhor forma possível. Tanto é, como eu disse, eles têm toda uma preocupação com o profissional, do lado da saúde, da posição que ele está, o lugar que ele está, para ele se manter bem ainda durante o home office. Tanto é que o home office deu tão certo na IES, que eles continuaram em alguns setores.

Entendi.

Agora sim, para fechar, você acha que se tivesse uma infraestrutura parecida com o que tem no Unisumar, o ensino da pandemia teria sido melhor? Ou você acha que teria dado na mesma?

Olha, é um pouco difícil nós tratarmos sobre esse assunto, por quê? Primeiro que a gente está falando de uma instituição de ensino superior. Então, os alunos que estão ali, eles vieram antes da pandemia. A maior parte deles. Alguns entraram durante a pandemia. Mas o momento que eles viviam, eles já estavam mais familiarizados, principalmente, com os próprios trabalhos. Acho que pela intenção deles de estar trabalhando com o EaD, não teve nenhuma mudança. Então, para dizer, por exemplo, que todo o suporte que a Unicesumar oferece para os alunos hoje, tanto é que eles já voltaram para o presencial.

Então, acho que seriam públicos diferentes. Por exemplo, os alunos que estudam no colégio público, eles têm toda uma questão social, econômica, bem diferente, bem distinta dos alunos que são na Unicesumar. No ensino superior. Então, quando a gente fala em ensino médio, ensino fundamental, em colégios públicos, o risco social das pessoas que estão aqui hoje é bem maior.

Tem a situação de alunos que não têm celular, tem a situação de alunos que não têm todo um aparato tecnológico para poder estar trabalhando com o EaD. Nesse caso, por exemplo, o aluno teria que receber algum tipo de acesso tecnológico. Nesse caso, talvez durante a pandemia ele teria que estar se expondo, na minha opinião, vir no colégio ou algo do tipo. Caso ele não estivesse, ele teria que estar utilizando alguma outra forma para estar buscando conhecimento. Então, eu acho que seria quase como a situação atual que a Unicesumar pegou dentro da licitação as disciplinas específicas do técnico e não deu muito certo.

Então, eu acho que seria mais ou menos isso. Seria muito difícil adaptar o EaD para o ensino médio, ensino fundamental.

Antes da pandemia, você tinha um conhecimento sobre como utilizar recursos digitais. Você sentiu que esse conhecimento melhorou durante a pandemia ou você acha que deu uma mesma?

Olha, antes da pandemia, eu tinha que estar sempre utilizando as planilhas do Google ou algo do tipo. Então, eu já tinha um pequeno conhecimento. Durante a pandemia, eu tive que me aperfeiçoar mais. Antes mesmo de entrar no PSS, no início da pandemia, eu sempre tinha meetings com o meu professor para a gente estar vendo se estava tudo certo. Então, eu já tinha um pequeno conhecimento antes por causa da pandemia mesmo. Então, houve uma melhora no meu conhecimento em relação às práticas tecnológicas para o ensino. Principalmente, como eu não tinha nenhum conhecimento sobre, então eu tive que buscar conhecimento. No caso aqui dos colégios, eu tive que me esforçar mais principalmente. Tive que conversar mais com os professores para ver as melhores formas de estar entendendo todos esses meios. Então, eu tive que me aperfeiçoar. Então, eu melhorei bastante o meu conhecimento em relação. Principalmente agora, com o Educatron. Na minha opinião, houve uma melhora dentro dos recursos para a gente estar utilizando algo e passando para os alunos.

Entendi.

André, quantos anos você tem?

Trinta e um.

Trinta e um.

E quantos anos da aula?

Esse é o meu segundo ano.

Beleza.

ANEXO VIII - PEDAGOGA AL.

Então, como que foi a sua experiência no ano de 2020, 2021, quando chegaram da pandemia?

Muito... É uma experiência peculiar, né? Eu acho assim, sobretudo estando na equipe pedagógica, era uma velocidade de informações, eram muitas informações. Bom, e até hoje nesse governo, porque ele é horrível, né, esse governo. Então, a gente vê muitas instruções. De manhã a gente tinha uma orientação, a tarde tinha outra, e a gente ficava assim meio que vendido, sem saber mesmo o que fazer, né?

A gente não dava conta do tempo pandêmico, com toda novidade que ele trouxe, né? A gente tendo que adaptar o nosso fisiológico, nosso corpo, nosso psicológico, né? E aí lidar com as tecnologias... Posso ir falando? Lidar com as tecnologias eu acho que foi o mais dificultoso, né? Primeiro a gente teve, assim, muita resistência de alguns professores em abrir meet, em atender o aluno. Nós tínhamos muitas dificuldades com os alunos, que também não acessavam as aulas, né, online. Aí isso tudo, assim, até o final do ano de 2020, a gente conseguiu ir colocando nos eixos isso. Aí eu acho assim, que trabalhar com a tecnologia, acessar esses alunos, ir na casa dos alunos, eu mesma fiz isso, né?

Porque eu me dava um incômodo muito grande, aqueles alunos que não conseguia baixar aquele aplicativo, que não conseguia acessar as aulas nem pela televisão de jeito nenhum.

Então essa... Como que eu posso falar? Essa cisão, né, que aconteceu, é que os que ficavam lá e os que ficavam cá, que acompanhavam as aulas, então isso me incomodou.

Então eu fui em muitas casas, meu Deus do céu, fui em algumas casas baixar o aplicativo, tem até uma história que eu já contei, né, que é interessante, que o aplicativo não baixava no celular da avó da menina, não baixava no celular do avô, aí vai a menininha na casa da vizinha pegar o celular, você vai vendo isso, pra baixar aquele aplicativo, pra ela conseguir entrar no Class e tudo, né?

Então, assim, foi uma experiência... Foi triste, mas foi uma experiência assim... Onde teve muita aprendizagem, até eu sempre me benefico com essas questões porque eu sempre aprimoro o meu lado humano, né, então acho assim... Tive contato com muitos alunos de ir na casa e tudo... E ver, né, porque a gente está aqui e não tem noção como que é em casa, como que é lá onde eles moram, então, assim, isso estreitou muitos laços. Nossa, eu desenvolvi uma amizade com uma mãe de um menino do nono ano, que é pra vida inteira, né?

A gente virou amiga de se falar todo dia, a gente se conversa, a gente... Ela troca, assim, até me pergunta coisas, assim, até isso ficou, então assim...

Agora, com relação à aprendizagem, acho que bastante coisa se perdeu, né, no tempo pandêmico, e nós não conseguimos achar até hoje. Coincidiu o tempo pandêmico com uma aprovação, por mais que o Estado veja... O governo, né, porque o Estado não diz nada, quem diz é o governo, por mais que o governador venha dizer que não teve a aprovação automática, nós que estamos aqui nós sabemos que teve, sim, a aprovação automática, nós sabemos que ela não foi tão automática assim, né, que passou pelo... Se liga...

Mas teve, teve aluno que aprendeu, que passou de ano sem ter feito uma atividade em algumas disciplinas, veio aqui, fez alguma atividade, a gente pôs 60 e... E colocou R lá, né, de presença remota, então eles passaram, e acho que essa perda, esse... Esse decréscimo na aprendizagem a gente vai carregar por bastante tempo. Acho que é um decréscimo na aprendizagem, um... Uma forma, assim, de desacreditar também no nosso trabalho, né, que é aquele trabalho que pode alguém alterar uma nota, pode alguém alterar uma falta a qualquer momento, então acho assim, isso foi um... Foi ruim pro processo pedagógico, pro processo institucional da escola. E agora é lidar com isso aí que a gente vai carregar, a gente...

A B., que é uma pedagoga, né, que você conhece, ela sempre costuma dizer que a gente precisa moralizar a educação, porque a gente passou por esse tempo pandêmico tentando passar da melhor forma possível, e aí já, né, vem esse governo que é horroroso, e fique bem claro no seu mestrado que ele é horroroso e que ele nos impele a fazer isso, uma aprovação automática, colocar presença pra quem não tá, por conta dos índices.

E eu acho que a gente vai demorar um pouquinho se a gente recuperar essa questão moral da escola, né, que as pessoas vêm aqui pra estudar mesmo, pra aprender, que se não fizer, não tem nota, não passa, se não tiver, não tem presença, vai ficar com falta.

Acho que tudo isso aí é um processo que a gente herdou lá do tempo pandêmico, e a gente vai ter que reconstruir isso aí. Apesar de que a gente sabe que, né, Darcy Ribeiro já disse que a educação é algo pra não dar certo, né, existe um projeto pra que ela não dê certo, pra que ela não dê certo, e aí é com tristeza que eu digo que tá caminhando pra isso, né, tá caminhando pra não dar certo.

Em relação, assim, à questão da infraestrutura da escola, o Estado, ele forneceu pra alguns desses professores que não queriam fazer Meet um computador, internet, essas coisas?

Não. No tempo pandêmico mesmo, a gente não tinha, o professor teve que comprar, teve que fazer o seu, aumentar a internet de casa, colocar plano no celular, quem não tinha, não, nós não fomos assistidos com essa questão da tecnologia, não. Em 2021, quando a gente voltou pra escola, aí sim, que o governo mandou os netbooks, você tá aqui na escola, você sabe disso, muitos deles não funcionavam, não acessavam a internet, toda essa dificuldade. Então não teve uma infraestrutura que nos assistisse, que nos apoiasse, não, a gente investiu muito do nosso próprio salário pra que a gente pudesse dar essas aulas. E até hoje, o que tem aqui hoje, resultado disso, consequência disso, os educatrons mesmo que a gente tem aqui hoje, eles também não funcionam como tem que funcionar, e você sabe disso. Muitas vezes não liga, muitas vezes a internet cai, a internet é ruim, não é tudo isso de mega pra todo mundo conseguir acessar.

A gente sabe que se todos os professores ligam a internet ao mesmo tempo, aí não funciona, não tem pra todos. Então não, isso foi mais um discurso falacioso do governo, né, que nos assistiu e não nos assistiu, não. E ainda tem um agravante, o que é pior, porque em tempo pandêmico, como a gente disponibilizou contato de celular, WhatsApp, nós trabalhamos demais, nós atendíamos pais, mães, a gente, por exemplo, enquanto pedagoga, a gente às vezes marcava aqui, vinha atender pai aqui, às vezes atendia em casa também, né, no WhatsApp o tempo todinho. Aí vem o governo federal, né, esse que tá saindo com a graça de Deus, pra dizer que dois anos da nossa vida nós não trabalhamos.

Então a gente que é ainda concursado, nós perdemos. Além de termos trabalhado, assim, muito, exaustivamente, muito mais, nós perdemos dois anos da nossa vida profissional, porque eles não contam. Porque o senhor presidente da república assinou uma lei que no tempo pandêmico nós não trabalhamos. E é isso.

E o estado, ele forneceu algum tipo de formação pro professor conseguir se adequar a essa nova pandemia, chegar, por exemplo, pra fazer o Meet, essas coisas? Não foi ofertado nada?

Ele forneceu tutoriais, né, quando foi vendo que os professores tinham muita dificuldade, né, com as tecnologias, assim, com tudo isso. Então foi fazendo, assim, alguns tutoriais. Aí pro ano de 2021, aí os formadores, os cursos já tinham mais essa essa pegada, né, da gente

trabalhar mais a questão das metodologias ativas, né, visa... Mas, assim, a gente que faz formadores é... Precisa muito do professor ter essa vontade, porque eles nos apresentam as ferramentas. Agora, como manusear, como fazer, como acessar, aí depende da vontade do interesse de cada um. Porque, sim, são apresentadas todas as ferramentas. Agora, como utilizar, como manusear, e muita gente sabe que existe uma... Um analfabetismo digital, né, pra muita gente. Então, apesar de ser apresentadas as ferramentas, tem muita gente ainda que tem dificuldade, porque não tem essa... Essa facilidade em aprender, né, das tecnologias, sobretudo dessas questões digitais.

E, assim, em relação antes da pandemia e durante a pandemia, você sentiu que houve uma melhora na questão digital dos professores? E na sua própria? Que houve um avanço, assim, que você teve que aprender alguma coisa que transformou a forma como você via as tecnologias digitais e começou a usar elas?

Eu sempre gostei, né, das tecnologias. Eu sempre uso elas a meu favor. Mas eu penso assim, quem já tinha ali, que já fazia alguma coisa, né, aprimorou. Ficou muito melhor. Mas quem não tem facilidade? Os professores mais antigos, né, não, eu acho que não mudou.

No tempo pandêmico, era obrigado a usar, era obrigado a fazer meet, era obrigado a mandar forms, era obrigado... Todo mundo fez. E quem não tinha essa intimidade, pedia pro filho, pedia pro sobrinho, pro neto, todo mundo fez. A partir do momento que nós voltamos aqui pro quadro e pro gis, muita gente, assim, não usa, não. Os que usam são aqueles que já se valiam dessas práticas e tudo. Então, aperfeiçoou. Ficou melhor. Agora, aqueles mais antigos, que muitas vezes tem até medo de ligar o notebook, o Educatron, pede pra alguma mão. Aí, não, acho assim que não teve uma... Nossa, como isso foi bom e a gente usa a tecnologia. Agora, não. Melhorou pra alguns, porque daí a gente passou a ter acesso a muito mais ferramentas, né, do Google e tudo, que a gente nem, por vezes, nem conhecia. Mas, não. Eu acho que quem não tem intimidade, não tem facilidade, continuou não tendo. E ainda acho que por conta dessa coisa obrigada, ficou mais aversivo ainda.

E em relação aos alunos, você sentiu alguma diferença dos alunos antes da pandemia ou depois da pandemia?

Eu senti...Eu acho que não. Eu acho que os alunos são os mesmos. Sabe, sim, as práticas, o jeito deles agirem e tudo. Eu acho que não. O que eu sinto com relação aos alunos é a parte da aprendizagem mesmo. Então, acho assim, esses dois anos, né, prático que teve gente que ficou mesmo dois anos sem vir pra escola. Então, a gente ficou muito sem ver letra, a gente ficou muito sem ver aluno que lá do sexto ano, que tá lá no oitavo e que muitas vezes escreve o próprio nome com letra minúscula. Então, acho que a gente perdeu, assim, na questão da aprendizagem. Ah, não, e tem uma outra coisa que eu acho que o tempo pandêmico foi a questão das questões emocionais. A questão das questões emocionais. Foi, né, essa situação. Teve um boom, sim. E isso eu tava esquecendo. Na escola, de gente com depressão, transtorno de ansiedade, pânico, tudo isso aí ficou muito maior, ficou muito mais acentuado. Nós temos alunos que parou de vir pra escola. Veio no primeiro e no segundo trimestre com muita dificuldade. No terceiro não aguentou mais vir por conta e com laudo, né, todos esses alunos laudados. Crise de pânico, ansiedade, depressão. Então, acho assim, pras questões emocionais, houve sim, houve um aumento, né, dessas situações na escola.

E, sim, só pra finalizar, você acha que se o Estado tivesse fornecido uma infraestrutura pra escola, certo, pra garantir ela, você acha que o aprendizado dos alunos teria sido melhor ou você acha que teria ficado na mesma?

Eu acho que seria difícil. É... Claro, se o Estado tivesse dado uma infraestrutura, seria melhor. Mas eu acho assim, as próprias famílias elas não estavam assim, prontas pra isso, pra receber aula em casa, pra mudar essa dinâmica, né, porque a gente vê aluno que dentro da sala, pra prestar atenção, precisa ir ao pedagogo, precisa ir ao diretor e lá as famílias não estavam assim, elas não tinham esse aporte, né, pra deixar o filho lá em casa assistindo aula e trabalhar, a mãe trabalhar, o pai não tá lá.

Então, assim, pra gente passar por isso, eu acho que teria que ter sido de uma forma mais humana. O que eu percebo, assim, no nosso Estado, foi muito, assim, atrás, realmente, de índices. A gente tem essa tutoria aí, toda semana que tinha tutoria, a tutora queria saber por que que tantos alunos, só dez alunos, eu vou falar do meu caso em específico, por que que só nove alunos assistiam Meet, no sétimo B, e por que que desses nove, só dois que ligavam a câmera. Então, assim, a gente passou aquele ano, o ano todinho preocupado, assim, mais com essas questões, por que que não abrem a câmera, por que que tem tantos na Meet, por que que, do que realmente se preocupando com o humano, com a aprendizagem, com o

desenvolvimento humano integral, né, a gente ficou e a gente é assim até hoje, né, nesse governo a gente fica muito em cima, assim, de índices, por que que o Educatron tá aberto hoje, por exemplo, né, por que que não tá ligado, por que que tem tantos alunos, tem 45 e hoje só tem 30 na sala, por que onde eles estão, onde estão esses números, né. Então, acho assim, foi difícil passar, por que de novo, coincidiu da gente ter esse governo, que é horroroso, junto com o tempo pandêmico que foi destruidor pras nossas vidas, e onde é um governo que só se preocupa com isso, com índices, com índices, com índices e a gente acabou virando isso máquinas, né, máquinas de superar números.

Então, acho assim, agora dentro da escola a gente precisa rever e retomar isso, por que daí a gente tá com o humano aqui nas nossas mãos, né, eles não tão em casa. Então, acredito assim que poderia ter tido sim mais assistência, a questão tecnológica, mas eu acho que as famílias também ia ficar, ia sempre ter essa lacuna, por que não tinha esse preparo, né, a gente não tá preparada pro homeschooling, né.

Então, acho que por isso que ficou difícil.

Entendi.

E quantos anos você tem?

Eu?

De serviço?

De serviço e idade.

Eu tenho 45 de serviço, e de idade eu tenho 20...

45 de idade e 20 de serviço.

Não, eu tenho mais de 20.

Eu comecei a trabalhar em 96, 95, então eu tenho 27 anos de serviço, né.

27.

E 45 de idade.

Isso.

Entendi.

Então, é isso, Alessandra.

Muito obrigado.

ANEXO IX -PROFESSOR M. PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Então, professor, o senhor deu aula em 2020 e 2021, durante a pandemia, certo?

Sim.

E como que foi essa experiência de uma aula à distância, na série de aprendizagem?

Então, foi realmente uma experiência diferenciada, que nós todos da Rio de Estadual nunca tínhamos vivido com alunos, né? Então, a gente já havia feito vários cursos à distância e tal, mas nunca o efetuado, dando aula. Dando aula foi a primeira vez que eu trabalhei. A experiência foi um pouco frustrante, no sentido de perceber que o aluno, ele, pelas brechas que a lei dava ao aluno, no sentido de permitir que o aluno ficasse com a câmera fechada, né? Permitir que o aluno simplesmente respondesse à chamada, não precisando se apresentar, no sentido visualmente. A gente ficou bastante, a gente percebia muito que o aluno estava muito distante da gente, ou seja, muitos, a gente teve muitos relatos de pais até, que falavam que os seus filhos estavam, pegavam seus filhos dormindo durante a aula. Muitos pais vieram reclamar, falaram, nossa professor, eu tô brigando com ele no sentido dele prestar atenção, eu chego lá às vezes, ele tá dormindo e tal.

Então eu acho que essa relação de você dar o espaço para o aluno não se mostrar, o que eu acho também que é um direito dele e tal, não tô discutindo direito ou não, eu tô discutindo o fato, a situação, ou seja, a partir do momento que eu não preciso mostrar a minha cara, o meu rosto na aula, muitos, a grande maioria, eu percebia que estava ausente, tanto dos debates quanto das reflexões, às vezes você chamava um fulano, ô João, dá a sua opinião, o João não aparecia, não aparecia, demorava para aparecer e quando aparecia, ele se limitava a falar o menos possível, a gente percebia que não havia uma interação, por mais dinâmico que você pudesse fazer a sua aula, inserir vídeos, inserir comentários, imagens, usar os aplicativos do sistema, fazer com que eles interagissem, mesmo assim eu percebia que o percentual era muito pequeno de envolvimento.

Eu diria que nós tivemos uma frustração em relação à educação à distância, eu não sei se é assim que você vai chamar. Eu vou chamar de ensino híbrido. Ensino híbrido, mas naquele momento não era híbrido, né? Naquele primeiro momento foi totalmente à distância. Isso, foi o ensino emergencial, e daí foi essa distância, depois teve o híbrido, e daí teve o que há agora. A distância, que foi aquele primeiro momento que eles não tinham, eles lá e nós aqui,

realmente foi frustrante, muito frustrante. Eu percebi que no Brasil tem muita coisa assim, tem lei que cola e lei que não cola, né?

A educação à distância no Brasil, para o ensino fundamental e médio, regular, não colou. Eles não decolaram. Foi assim uma decepção, nível de aprendizado baixíssimo. Eu diria que um percentual de 10 % por turma, ou seja, uma sala de 40 alunos, você poderia dizer que 4 realmente tinham o perfil de educação à distância. Ou seja, pesquisar, buscar, interagir, participar, se envolver. Então, 4 de uma sala de 40. Isso, nós tínhamos às vezes, na sala de 40, nós tínhamos um baixíssimo índice de presença. Um baixíssimo índice de presença.

Então, a maioria das aulas eram feitas, tinha turma de 40 alunos minha, que só um ou dois alunos apareciam. Então, foi um fracasso.

Os alunos não estavam preparados. E também, eu acho que também foi um conjunto de fatores. A dificuldade dos celulares deles. Muitos, o Jamboard, que é um programinha que tinha, muitos celulares não rodavam. Muitos celulares que a gente mandava um slide, por exemplo, para abrir um documento de aula, para abrir um vídeo, alguma coisa, travava, não rodava. Então, quer dizer, eu acho que foi bem algo emergencial. Algo feito só para dizer que estávamos tentando fazer alguma coisa. Tentando fazer alguma coisa, mas não estávamos. Na verdade, era mais para que os números crescessem. Tanto é que o Paraná saiu lá de baixo e hoje está no top do ranking por causa desses números. Então, é muito importante a gente fazer essa reflexão.

Então, para mim, no meu entendimento, a EAD, Educação à Distância, naquele período emergencial, e também depois o híbrido, quando começou -se a levar atividades, foi outra mentira muito grande. Porque os alunos, mesmo devolvendo as atividades, a maioria, muitos não devolviam. E o que eles devolviam, devolviam com tudo, ou quase tudo, errado. O feedback era quase impossível dar, o feedback. Porque era a cada 15 dias buscar atividade, aí você entregava a atividade. E aí o aluno já tinha que dar outra. Aí você não tinha como recuperar aquilo que ele não entendeu. Então, para mim, é um sistema que não serve para a nossa região. O que eu vivi aqui. E se aqui estava ruim, imagina Norte e Nordeste. Se aqui estava ruim, imagina Norte e Nordeste. Então, é isso, professor.

No primeiro momento que eu poderia te adiantar em relação à educação híbrida, é isso, que foi um jogo bem jogado pelos governantes do nosso estado, onde eles viram uma possibilidade de elevar números de forma não tão republicana.

E assim, quando você estava lá dando as suas aulas na mídia, etc, o estado te forneceu algum tipo de instrumento, ferramenta para você fazer, um notebook, alguma coisa assim? Ou foi tudo a sua própria?

Eu, particularmente, investi 10 mil reais. Eu mandei fazer uma escrivaninha especial para poder recepcionar. Eu comprei mais um monitor para ficar com dois monitores. Eu troquei a memória do meu computador de casa. Eu investi no meu computador de casa. Eu comprei uma cadeira. Paguei 1 .800 reais uma cadeira. Para eu poder ter conforto, porque como eu tenho cifose, eu ficava oito horas, vezes mais, sentado numa cadeira. E eu tive que comprar uma cadeira, daquelas bem boas mesmo. Paguei 1 .800 reais uma cadeira. Eu gastei, no total, quase 10 mil reais para eu transformar e fazer meu escritório, adaptando para eu ter conforto. Ah, poderia não ter gasto? Nada. Poderia. Mas aí eu estaria prejudicando a minha saúde. Porque o estresse que me daria a falta de viabilização das coisas, baixar vídeo, baixar as coisas, isso gera tensão. Se você não tem um equipamento bom para fazer as coisas, você vai se estressando mais ainda do que o próprio sistema.

Então o Estado não nos deu nada. Nada. Era para a gente se virar. Era para a gente dar os pulos deles. Porque realmente não foi dado nada. Pelo menos que eu saiba não, talvez.

E você recebeu algum curso de formação para poder utilizar o ambiente e as suas coisas?

Não. Não tivemos nenhum curso de formação. Houve sim, por parte do Estado, a postagem de tutoriais, onde o pessoal da SEED, o pessoal que conseguia até mesmo de forma empírica aprender ou viabilizar alguma coisa, algum instrumento mais fácil, eles postavam os tutoriais para nós e, em muitos casos, ajudavam. E sim, foi dado o suporte através do tutorial. Mas um curso específico para que nós nos preparássemos? Não. Pelo menos que eu saiba, não. Porque não chegou essa informação até mim, no sentido de vocês vão ter um curso de uma semana, porque a semana que vem vai começar. Primeiro nós começamos. Como tudo no Brasil é, primeiro você solta e depois você vai ajeitando as arestas. Então, de repente, depois teve até cursos no sentido de aprender tal coisa, mas durante o processo. Mas aí o professor tinha que, além de dar as suas aulas, ainda investir nesse tipo de recurso.

E você sentiu que teve uma melhora no seu uso de tecnologia digital?

Eu acho que houve sim. Houve também. Por isso que eu digo. Eu acho que o grande perdedor desse jogo foi o aluno. Sem dúvida nenhuma. O grande perdedor desse jogo, se houve um perdedor, foi o aluno. Porque nós, professores, pelo menos aqueles que foram picados pelo bichinho da curiosidade e da necessidade do conhecimento, ele não pode dizer que foi ruim. Porque nesse período, muitos desenvolveram, mesmo que forçado, o aprendizado do trabalho com a tecnologia.

Outra coisa. Ampliou-se o conteúdo produzido pela SEED. Então, muita gente que tinha tempo para essa produção começou a produzir conteúdo para jogar nessas aulas para nós. Então, imagens, por exemplo. Vou pegar um conteúdo específico aqui meu. O esporte de taco, por exemplo. Que a gente não trabalhava na escola porque não tinha estrutura para trabalhar. Então, o pessoal pesquisava tamanho e dimensão, circunferência e diâmetro de um taco. Eles postavam lá para você a luva, como era a luva, que tipo de aderência, a bola, o diâmetro da bola, que tipo de bola. Coisas que nós teríamos que buscar, eles trouxeram muita coisa para nós. Um campo de beisebol em formato de diamante, como ele era, todas as medidas, tudo feito, imagem, foto e tal. Então, na especificidade, eu achei maravilhoso. Porque enriqueceu o nosso... Como é que se diz assim? As nossas coletâneas de trabalhos.

Eu achei positivo, muito positivo. Eu acho que se tem um legado que ficou de tudo isso aí, foi acho que a ampliação dos conteúdos, do acesso a conteúdos que nós... Porque como é que funcionava antes? Você selecionava um conteúdo, você fazia um planejamento com o conteúdo, você selecionava aquilo que você achava mais importante. Isso antes de 2020, 2019, 2018 era assim. Você escolhia o que você ia trabalhar e fazia toda uma pesquisa em cima daquilo e colocava lá os planos de aula, certo?

Quando a seed coloca essas aulas online, ela começa a ampliar a diversidade de conteúdo para você acessar. Então você tem lá trampolim, você tem lá futebol americano, com tudo, com regra, com histórico, com medidas, nove jogadores, especialidade de cada jogador, sabe? Então assim, ampliou o leque. Isso eu achei positivo. Tinha muita coisa que se fosse para eu desenvolver, eu demoraria muito tempo e talvez não teria tanta qualidade. Porque no dia a dia do trabalho, você não tem tanto tempo. Você não consegue produzir um material daquele.

Então, na minha humilde opinião, se há um legado positivo, é a questão de você fazer com que o professor aprenda, mesmo que forçadamente, a mexer com os meios tecnológicos e o legado do conteúdo. O legado do conteúdo foi maravilhoso.

Hoje, você tem qualquer... Ah, eu quero trabalhar um atletismo. Eu quero trabalhar o salto à distância. Eu quero trabalhar o salto triplo. Qualquer coisa que eu busque ali, eu tenho aulas

que vão me facilitar no sentido de estar ali pronto. História, maiores vencedores, dimensão do campo, dimensão da caixa de areia, sabe? Está tudo ali mastigado para a gente. E isso é positivo. Então, isso a gente não pode negar. Esse legado tem muita coisa que vem a mais, por exemplo.

Tem coisas que eu não acredito, por exemplo. Só que aí vai do feeling do professor. Por exemplo, alpinismo, escalada, montanismo. O que mais que você vai falar? São coisas que você percebe que serve. Aí você fala assim, Puta merda, como é que eu vou desenvolver isso na prática? Tem coisas que não dá para você desenvolver na prática, mas tem a referência teórica. Tem a referência teórica. Então, tem muita coisa que eu acho que poderia ser melhorada. Então, eles fazem lá, por exemplo, uma aula inteira de surf.

Eu acho que você poderia juntar dois esportes de aventura em uma aula só. Por quê? Porque não tem o que viajar. Quando você começa a falar de surf para alunos... Outro dia eu vim dar uma aula de surf aqui nessa sala aqui. Aí eu comecei a dar aula assim, eu falei assim, quem aqui já foi na praia? De 40, 4 ou 5 levantou a mão. Ou seja, vai ficar no campo da imaginação. Entendeu? No campo da visão. Porque ele não tem o quê? Aí eu comecei, bom, então eu vou passar um vídeo aqui, de como é que é a remada para você pegar onda. Como é que você sobe na prancha. É só no campo da teoria. Como é que eu diria isso? É alienante.

Por que que é alienante? Porque qualquer conhecimento que exista tem que estar baseado. Teoria e prática. Se um dos dois não fizer esse presente, você fica alienado. Ou seja, eu não tenho a sustentação teórica, não sei por quê, como surgiu, que base que tem isso aqui, quais são os aspectos culturais, econômicos, sociais que implicam sobre o surf, qual é a cultura do surf. Eu não sei. E do outro lado, se eu tiver somente a teoria, eu vou ficar alienado porque eu vou ficar só no campo da imaginação, sem poder colocar na prática. Então é isso.

Mas a priori, se eu tivesse que falar alguma coisa sobre os conteúdos, eu digo que eles são muito mais positivos, eles vieram muito mais agregar do que para tirar.

E os alunos, você sentiu que teve uma diferença muito grande dos alunos antes da pandemia e depois?

Muito grande. Muito grande. Eles chegaram aqui totalmente desestruturados cognitivamente. A aquisição de conhecimento deles na pandemia, eu diria que de 80 % das pessoas, foi insuficiente. Insuficiente. Eles não aceitaram. Na verdade, acho que houve uma grande negação do nosso aluno, no sentido de, não diria a palavra negação, eles nunca foram

treinados para buscar. Sempre reproduzir. A zona de conforto de um aluno hoje é a cópia. Você quer deixar um aluno se sentindo realizado? É você dar uma cópia para ele fazer.

A partir do momento que você pede para ele construir um texto, baseado em umas ideias que você explanou em uma aula expositiva dialogada, ou num vídeo que ele viu, eu falar assim, escreva três linhas sobre o que você visualizou. Pronto, meu filho. Rebentou. Eles não foram treinados para isso. A zona de conforto deles não é construir, não é criar. É reproduzir. Entende? Então, a partir do momento que eles foram para casa, não tiveram interação com o professor, porque o professor é o grande mediador. O professor que sabe interagir com seus alunos, que consegue interagir com seus alunos, que se preocupa com essa interação, ou seja, o professor tem o fim de olhar para um aluno e perceber que ele está olhando para você, está focado em você, ele vai conseguir transformar a realidade desse aluno. Agora, em casa, a maioria, ou grande parte, ligava, fechava a tela, ia dormir. Ou ia jogar, ou ia escutar música, ou ia... Todos? Não. Mas a grande maioria. Então, eles não absorveram. Era só eles terem a presença ali, virtual, que eles tinham a nota. E eles perceberam isso. Aluno não é bobo. A hora que ele percebe como ele vai ganhar nota, e se esse ganha nota, ele não precisa se esforçar, a grande maioria. Lógico, vai ter os 10 % lá que eu falei, os 4, 5, que vão estar até com a tela aberta, te olhando, te perguntando, tal. Mas a gente não educa, a gente não trabalha para 10%. A gente trabalha para todos.

E você acha que se o aluno tivesse mais ferramentas, tivesse recebido um computador... Tivesse recebido um computador, uma internet, você acha que teria... Se a infraestrutura do EAD fosse melhor, você acha que ia ter essa participação?

Melhor para quem?

Para o aluno.

Com certeza ia melhorar bastante. Eu acho que, não sei se... É muito difícil, é uma pergunta muito difícil essa. Porque eu estaria com bola de cristal aqui para entender o que aconteceria se tivesse. É muito difícil essa resposta. Mas eu diria que viabilizaria muito. Porque eu digo assim, o aluno, boa parte, uma parte dos alunos, não vou nem dizer boa, vou dizer parte dos alunos, não sei quantificar quanto, mas parte desses alunos não conseguiam abrir determinados vídeos, não conseguiam abrir determinados slides. Outra situação é que tinha aluno que só tinha um celular na casa para dois, três alunos, para dois, três filhos. Entende?

Então, é uma coisa assim que todo mundo pega de surpresa. Então, eu não sei te dar essa resposta com precisão. Eu só acho que eu, por analogia, eu acho que melhoraria sim. E durante a pandemia você recebia muita mensagem de aluno sim, às 10 horas da noite? Nossa, 10, 11, sábado, domingo, feriado, não há, não há, não há. Mas esse muito é daquele percentual de preocupados. Entendeu, não?

Esse muito é de um percentual de preocupados, porque a grande maioria não estava preocupada, a não ser quando via as notas. E aí eles, não, professor, tal, buscando, porque, na verdade, nós não, o aluno da nossa escola, o aluno não, uma grande parte dos alunos da nossa escola não são preocupados com o conhecimento. Eles são preocupados, de forma objetiva, em ser aprovados ou não. Essa é a preocupação deles. Eles querem ter nota. Tanto é que a hora que, nesse trimestre mesmo, a hora que soltou as notas, os alunos param de vir. Os alunos estavam vindo até não soltar a nota da recuperação. Soltando a nota da recuperação, a escola esvaziou. Então, os alunos não são preocupados com o bichinho do conhecimento, no sentido de, ó, eu quero conhecer, eu quero, não é? O aluno é mais preocupado com a nota.

E aquele investimento que você fez na escrivaninha, na cadeira, nos monitores, você continua utilizando eles ou agora eles estão lá?

Não, para isso. O meu filho até falou assim, pai, vamos comprar agora uma placa de vídeo, então, para eu poder jogar. Não é? Vamos comprar uma placa de vídeo agora. Faltou só a placa de vídeo, daquelas mais poderosas, porque ele ficou com um 12 de memória RAM. Ele ficou poderosíssimo, não é? O monitorzão de 24 que eu comprei, não é? Eu sei que ficou lá. Não uso, porque o nosso hábito não é usar... É raro eu usar o computador de casa, o computador. Agora eu acho que eu vou usar no PDE, entendeu? E eu acredito que esse investimento que eu fiz lá atrás vai ser útil agora no PDE. Porque nós vamos fazer o PDE todo online, não vai ter mais licença para o PDE, não é? Então agora nós passamos, graças a Deus, e agora em fevereiro a gente vai confirmar a matrícula e acho que eu vou usar para isso.

E só para finalizar, o equipamento que ele chegou aqui na escola, você acha que ele fez alguma diferença nas aulas ou você retornou para o analógico depois daquilo?

Não, essa televisão é excelente. Eu acho que ajudou muito. Não é negativa, ela é positiva. Eu acho que poderia melhorar, talvez, a relação dos ângulos dela, do posicionamento dela. Porque isso é fácil, de repente, de fazer. Eu acho que essa televisão poderia ficar numa

posição acima do quadro para que todos tivessem uma visão melhor. Por exemplo, se eu coloco aqui no meio, se eu coloco aqui no meio, eu teria que me esquivar aqui, ok? Essa sala dá. A sala do segundo ano já não dá, do segundo B lá. Porque as carteiras já ficam em cima dos professores. Não tem como colocar. Então, eu só mudaria isso. Eu colocaria essa televisão lá em cima e pensar, quando for comprar outras televisões, quando for tiver aqui reposição, comprar um pouco maior. Essa deve ser 42, 42, sei lá. Comprar uma de 50, 55, porque parece que não, mas dá uma diferença incrível. E os controles... Os controles deveriam ser... Hoje nós já temos a opção do controle de mouse pelo controle. Já tem televisão hoje com a tecnologia de você pegar e só controlar por aqui Entendeu o que eu estou dizendo? Aí você dá o clique, você faz com a flechinha, dá o clique, entendeu? Então, eu acho que pode ser aprimorado. Mas eu acho que essa é uma tecnologia que veio para ficar. É bom.

Porque, principalmente na minha disciplina, se eu for falar para você assim, vamos fazer um S aqui no nado crawl, continua constantemente com a pernada alternada para você ter hidrodinâmica no seu corpo em relação à propulsão do seu nado. Para quem não manja porra de natação nenhuma, ficou abstrato demais. Aí a hora que eu mostro o nado lá e começo a mostrar, está vendo? Quando ele diminui a pernada, está vendo como a perna dele cai? Ele perde hidrodinâmica. Então, quanto mais ele acelera mais, entendeu? É muito diferente. No campo da visualização, isso aqui não existe mais. Isso aqui é um museu que deve ser abandonado.

Obrigado, professor.

Valeu.

Fiz com o maior carinho.

Não, ficou ótimo.

O que eu tento fazer, eu dou o meu melhor.

Ficou ótimo. Ficou ótimo. Muito obrigado, professor.

ANEXO X – G. PROFESSORA DE GEOGRAFIA

Então, você é professora de Geografia, você deu aula de 2020 em 2021, durante a pandemia.

Isso.

E como que foi a sua experiência dando aula nesse período?

Foi complicado, foi até se adaptar a toda a situação, a questão do medo mesmo da gente, do próprio momento que nós passamos, mas dentro de sala de aula, correr ou fora ainda, porque nós não retornamos, nós não tivemos muito apoio em relação ao Estado.

Eu vejo assim que foi jogado para retornar de uma hora para outra e a gente não sabia como, o que seria, eu mesma tive que ir atrás de mim, quando ficou sabendo que era dar em casas, as aulas online, eu tive que ir atrás, gastei dinheiro com internet, melhorar o acesso para os alunos, da impressão que o sistema era meio pesado e tudo, e dava muitas falhas, até mesmo para poder se organizar com as aulas que já vinham prontas, porque eu tive que me basear nos slides, os slides com muita coisa errada, tanto a escrita em português, como também na hora de fazer uma análise de mapa ou fazer um exercício, era difícil de enxergar os dados para você tentar explicar para o aluno, então muitas vezes na aula mesmo eu substituía ou procurava o mesmo mapa, que tivesse uma melhor visualização para poder fazer esse trabalho.

Além da internet também, no início de tudo, como era tudo novo, porque o Estado falou, tem que acompanhar, mas a gente não sabia como, eu não tinha essas TVs comuns, a minha era pela outra, fui, gastei dinheiro com antena, tudo, e hoje está lá, largada porque passou, não precisei, mas aquele período eu assistia as aulas, anotava o que falava, tudo certinho, para saber depois como eu ia trabalhar com o aluno, porque eles deixaram a gente muito aberta, sem falar como seria trabalhar, então a minha dificuldade foi assim, eu fiquei meio perdida pela situação, porque não houve nenhuma orientação, só falou que era para a gente assistir as aulas e que logo a gente ia retornar com o aluno, e conforme ia passando, eu ia anotando para poder aproveitar alguma coisa que eles viram, e foi visto que o aluno não estava seguindo, não era todos que tinham a TV, tinha aluno que não tinha a TV, depois com a internet também, tinha vários alunos que não estavam na internet acompanhando, no início foi bem pouco, de pouquinho foram entrando outros, aí com o tempo alguns somente ligavam e não estavam presentes, que essa foi a maior dificuldade, porque toda vez eu chamava, fazia

chamada com eles, dava sempre a chamada no final da aula, para saber que eles ficariam presentes ali, se fizesse chamada no início os alunos saíam quase todos, e durante a aula eu tinha que ficar perguntando coisas, questionando eles, e muitas vezes tinha aluno que não estava, ele simplesmente ligou e foi para outro lugar, cochilou, dormiu, porque depois do retorno eu perguntei para eles, tinha momento que eu chamava você ou não desligava quando acabava a aula, o que vocês estavam fazendo, então ele falou assim, professora eu dormi, eu cochilei, então muitos ligavam a TV e realmente não acompanhavam, e outros acompanhavam, a gente tinha um trabalho bacana, que desenvolver os exercícios, respondia as perguntas, às vezes tiravam as dúvidas das atividades, mas eles apresentavam muitas dificuldades para desenvolver aqueles exercícios, e para a gente foi muito árduo, principalmente para corrigir, porque ele não fazia e ia fechando o trimestre, você voltava, e não era um sistema fácil para você retornar, você tinha que entrar um por um de novo, para ver qual ele havia respondido, que ele não respondeu, era bem complicada a situação, acho que foi difícil, só que trabalhamos muito, e muitas vezes não reconhecido, infelizmente parece, a gente teve aquelas falas do governo, como se a gente não tivesse trabalhado, pelo contrário, acho que foi o período que eu mais trabalhei na minha vida, em base de tudo, de gastar dinheiro para ter que ir atrás, aprendi tudo sozinha, porque quando ele começou a ensinar, já era tarde demais, as aulas já tinham começado faz tempo, então eu assistia vídeos de Youtube, procurando qual que se encaixava, porque era diferente o que havia para a gente aprender no Youtube, como é que entrava, como é que saía, tudo certinho, principalmente para fazer o aluno visualizar os slides, porque eu trabalhei com outros recursos também, com desenhos, porque ajudava, eu fui procurando materiais adicionais, para poder ajudar a ilustrar o que estava escrito naqueles slides, que houve até uma boa aprendizagem, até os alunos falavam assim, professora, faça um desenho tal, eu gostava tanto da aula...

Faça aquele desenho animado que você passava, que era de um personagem lá, que eles aprendiam com mais facilidade, que eles gostavam bastante.

E quando você estava nesse período de pandemia, você foi atrás de aprender tudo ou a história te ofereceu algum curso para você aprender alguma coisa de novo?

Tudo sozinha, tudo fui sozinha.

E você teve alguma dificuldade em entender, ajudou algum professor?

Eu depois achei dificuldade, como eu falei para vocês, assistia muitos vídeos no YouTube para achar. E foi praticamente dois, três dias para conseguir ver, porque aí eu fazia prática. Antes de dar aula, eu simulava uma aula, abria lá, junto com o celular, para ver qual seria a transmissão para o aluno. Tudo isso eu fazia antes, porque eu tinha medo de não dar certo, de eles não estarem me visualizando. Então, era noite, tarde da noite, porque eu tinha medo de aluno entrar lá e ver a filmagem, ou a professora chamou para a aula, ou aparecia o link. Então, eu fui fazendo durante as madrugadas esses testes, para poder, antes de entrar, para que pudesse ter um melhor rendimento. Inclusive, ajudei vários professores depois.

Falar que eu sou boa na tecnologia igual você, Matheus, eu não sou não. Mas eu corri atrás e busquei bastante, e acabei ajudando muitos professores, porque depois, quando retornou para a sala de aula, que a gente tinha que voltar, não podia ser mais em casa, e teria aula online na escola, muitos professores não sabiam. E aí foi onde a gente acabou ajudando esses professores. Porque antes não era obrigatório. Primeiro não era obrigatório. Fazia aula, eu mesmo não sendo obrigatório, eu fazia as aulas. Acho que não todas as aulas igual antes, né? Que antes podia dar uma ou duas, depois na semana, ele foi depois até ao ponto de ser todos os dias. Mas, mesmo assim, antes de ser obrigatório, eu já estava trabalhando com eles.

E você chegou a fazer alguma gambiarra na hora de você dar aula, em relação ao computador, colocar fio, mudar a câmera de um jeito, apoiar em uma mesa para você conseguir dar aula melhor, ou você só foi o que tinha ali, a gente foi e fez, e bonitinho?

Ah, fazia umas gambiarras, sim, para ajudar. Comprei quadro, porque eu percebi que eles precisavam visualizar, dar mais geografia com desenho, isso e aquilo. Ou, muitas vezes, fazer um resuminho no quadro. Comprei aquele quadro lá e escrevia, desenhava, e aí eu mostrava para eles, né? E quando acabava a energia, a gambiarra era grande, porque aí a gente voltava pelo celular, pelos dados móveis, para conseguir, para evitar a interrupção da aula. E eu passei uns perengues por causa dos dias de chuva.

E quando teve o retorno dos alunos, você sentiu muita diferença dos alunos anterior à pandemia ou pós -pandemia?

Senti a dificuldade, porque muitos não participavam das aulas online, ficou muito tempo, até hoje a gente percebe a dificuldade de leitura, interpretação, escrita, é muito difícil para eles. Eu vejo, assim, que todo o conteúdo que a gente tem que passar durante o ano letivo, eu estou

atrasada, eu não consigo avançar muita coisa com eles, devido a essa dificuldade que eles têm, né? Inclusive até da interação, da sociabilização deles. Eles ficaram mais intoleráveis entre eles, né? Muita briga, confusão, o aluno... Tive que trabalhar bastante atividade em grupo, eu percebi que eles não conseguiam nem mais se sociabilizar ali dentro da sala, um com um colega, né? E muitos alunos irritados, eu percebi, assim, por pouca coisa, já vinha de casa, parece. Acho que o fato de ter ficado preso muito tempo, apesar que a gente também ficou, mas eles como crianças parece que foram mais atingidos desse fato de ter ficado em casa todo esse período. E aquele que não tinha a online, que ficava com as atividades imprestas que a gente elaborava e o trabalho da gente triplicava, né? Muitos, mesmo eu deixando o número de telefone pra tirar a dificuldade, se não conseguia fazer as questões, os exercícios, poucos retornaram, né? Acho que devido a falta de dinheiro de ligar.

Então, muitas atividades eles deixavam em branco ou assinalavam qualquer coisa pra dizer o que fez. E quando eles retornaram em sala, eu conversei bastante sobre isso e a maioria falava assim, professora, eu não conseguia fazer, por mais que eu tenha o texto ali, eu não conseguia entender. Então, mesmo as atividades impressas, que eram do Estado, que a gente tinha que enviar, eles haviam uma dificuldade, havia uma dificuldade muito grande pra eles realizarem as atividades.

E ainda nesse retorno, você sentiu que houve uma mudança na infraestrutura da escola pra melhor ou pra pior?

Não é só tecnologia, essas coisas? O governo deu assistência à medida do possível, né? A gente teve os computadores que ele enviou, então a gente não usava o computador. Eu acabei utilizando o meu Datashow, mas algumas escolas também cediam o Datashow, mesmo que não era pra todos, mas agendava, né? Aí acabava usando, isso ajudava muito durante as aulas. Hoje, com a TV que nós temos, né? Essa TV aí, então, falar que não teve ajuda, teve. Até as próprias aulas, os slides, querendo ou não, acabou auxiliando também. Porque se a gente fosse fazer todos os slides, apesar que eu sempre fazia uma modificação devido aos erros, mas preparar todo o material pra ele visualizar, seria muito mais complicado pra gente. E dar uma aula só oralmente, ali numa telinha, também seria muito difícil pro aluno. Fora que seria muito cansativo, cinco aulas, seis aulas por dia, só na oralidade. Mesmo assim, com o material, eu acho que não foi fácil pra eles ficarem sentados tanto tempo na frente do computador. Não foi fácil nem pra quem estava dando a aula e pra eles que estavam aprendendo do outro lado da telinha.

E você sentiu que houve uma mudança, assim, na sua percepção das tecnologias digitais, antes da pandemia e depois? Se melhorou a tecnologia? Você tinha um conhecimento sobre mexer no Google, antes da pandemia e depois? Você sentiu que houve uma melhora?

Na minha aprendizagem, sim. Porque eu fui, busquei e aprendi algumas coisas que eu não sabia, que eu não tinha conhecimento. Algumas, sim. A maioria, sim. Mas uma ou outra eu tive que ir atrás. A gente evoluiu também na parte tecnológica.

E esse investimento que você fez em computador, celular, internet, você continua utilizando ainda ou agora ele está parado?

O meu computador eu preciso comprar até um novo. Agora a gente usa mais a TV da escola. Mas o portal mesmo que a gente usava, eu colocava material, eu colocava links de filmes, agora eu não tenho tanto utilizado, mesmo porque os alunos não entram mais lá. E eu acho que aquele portal foi muito bacana, que eu acho que poderia ser reutilizado mais vezes, mas eu não saberia como poderia exigir isso dos alunos. Porque o aluno também tem celulares com pouca tecnologia. Muitos tinham dificuldade até. Ah, professora, eu abri o link, vi lá um pedacinho, mas caiu porque eu não tenho a internet e tudo. Então a gente vê, quando tem na escola, então ele tem mais acessibilidade. Quando você envia alguma coisa pra ele, até lá no portal quando a gente enviava, ele tinha dificuldade de visualizar devido à internet que a criança possui. E dificultou também muito a questão de pais que perderam o emprego, porque menos horas de trabalho. E a primeira coisa que foi cortada dentro de casa foi a internet por parte da família. Porque entre comer, internet, então chegou a esse ponto. Então muita coisa, conhecimento, foi interrompido pro aluno nesse sentido. Por mais que o governo falasse, ah, entra lá, você vai assistir, que você consegue, é gratuita. Eu nunca, antes mesmo, eu não colocava meus dados móveis, eu usava minha internet, eu fiz o teste, fiz várias vezes, nunca funcionou. A minha nunca funcionou, aquela que o governo dizia que era gratuita, que era só entrar que funcionava. Nunca funcionou. Jamais. E hoje até a internet que a gente tem na escola, melhorou bastante, mas no início não funcionava não. E ainda depende do local, do lugar onde você tá na escola não funciona. Tem muita queda, né? Mesmo esse ano que a gente tem as TVs aí, eu percebo que vai entrar a internet e não tá funcionando. Não tá vindo. E eu acabo utilizando os dados móveis até mesmo pra fazer a chamada. Porque se não funciona aí eu não consigo entrar. E a gente tem aquela cobrança de tá fazendo ali na hora a aula, ou

muitas vezes eu acabo deixando pro final da tarde, pra registrar o LRCO, a participação do aluno que realmente vem na aula. Devido às falhas que tem. É muita gente usando ao mesmo tempo, né? E quando eu dou trabalho de alguma atividade com a internet que o aluno tem, aí eles também me avisam, professora, não tá funcionando. Então, a tecnologia é boa, mas muitas vezes ela é falha em determinados momentos.

Mas que melhorou bastante, a gente não pode negar, porque a gente tá tendo mais acessibilidade a muitas coisas, conhecimentos que poderiam ser trabalhados, que tem muita coisa via internet dentro da sala de aula. Principalmente as imagens de satélites, jogos, né? Muitas atividades bacanas.

E quantos anos você tem?

Eu tenho 47.

E de aula?

De estado eu tenho 20 anos. Na verdade, de estado 20 anos, mas se eu contar o tempo de trabalho já é 25, porque eu trabalhei no município, né?

Então, é isso.

Muito obrigado.

De nada, acho que eu falei muito.

Não, não.

Foi ótimo.

ANEXO XI - PROFESSOR R., PROFESSOR DE CIENCIAS

Então, beleza, Renan, você trabalhou no ano de 2020 e 2021 durante a pandemia?

Sim.

E como foi sua experiência trabalhando nessa época?

Bom, foi um período de bastante dificuldade, né? Porque eu tive que me adaptar, né? Então, eu não tive auxílio governamental. O que eu aprendi foi olhando algum vídeo no YouTube, trocando experiências com os colegas, e na tentativa e erro.

E quando você estava dando aula nesse período, o governo não ofereceu nenhum tipo de curso, não te deu nenhum equipamento para você fazer, nem nada?

Nada, nada. Todo equipamento saiu do meu bolso, né? Todo investimento que eu tive foi meu mesmo.

E qual foi a maior dificuldade que você encontrou trabalhando nessa época?

Bom, a maior dificuldade foi transformar o ensino que a gente estava acostumado em sala de aula para um ambiente remoto, que é totalmente diferente, é outra dinâmica, né? Porque imagina, você dá aula no sexto, sétimo ano, fica quatro, cinco horas ali sentado na frente do computador. Então, basicamente, essa foi a minha dificuldade.

E quando houve o retorno para a escola, para o presencial, você sentiu uma diferença dos alunos?

Sim, senti diferença. Eles pareciam mais sensíveis, né? Eles estavam muito carentes. Carentes, né? Então, volta e meia, tinha aluno se cortando, aluno cortando o braço, cortando o calcanhar, né? Então, teve casos frequentes disso na escola.

E quando você foi retornar para a sala de aula, certo? E a infraestrutura que o governo deu, internet, o Educatron, você sentiu que foi uma coisa benéfica ou não?

O Educatron? Sim, o Educatron eu achei bem benéfico. É um equipamento interessante, né? Tanto para apresentar slides, passar um vídeo, né? Então, fica uma coisa mais dinâmica do que você trazer um data show, ter que separar, trazer, né? Então, eu achei bem prático a televisão. A internet também foi bem interessante, também, que facilitou o nosso trabalho para fazer alguma pesquisa, mostrar algum vídeo. Mas, infelizmente, a internet é muito oscilante, né? Então, se você vai passar um vídeo um pouco mais pesado, ela não roda, né? Basicamente é isso.

E que perda que você achou que teve dos alunos durante esse período, para voltar para o Brasil do Céu, na questão de conteúdo, aprendizagem?

Perda. Eu acredito que os alunos, ele... Parecia que eles não conseguiram ter a base, o essencial, para eles conseguirem entender o conteúdo que a gente estava passando ou trabalhar aquele conteúdo. Eu senti mais ou menos isso.

E quando ainda estava no período da pandemia, você sentiu que teve alguma sede dos alunos de mandar mensagem para você muito à tarde, muito à noite, 10 horas, meia -noite?

Sim, teve esse problema, porque o celular não parava, né? WhatsApp, principalmente. Pais, alunos, equipe pedagógica, toda hora. Então, o celular era praticamente 24 horas tocando. Como se diz, né? Eu ouvia aquele barulhinho e a gente nem queria olhar.

E quando você... É... Quando você estava... Quando você estava voltando para o ensino presencial, você tinha um conhecimento, assim, prévio, tecnológico, anterior à pandemia, durante e depois? Você sentiu que houve uma melhora ou você sentiu que manteve a mesma coisa?

Sobre o incentivo do governo?

Não, no sentido, assim, por exemplo, se mexer com o Word, o Meet, essas coisas.

Ah, isso melhorou para mim? Sim. Na minha experiência, sim. Eu aprendi a utilizar alguns drives, algumas tecnologias ali do equipamento. Isso foi bem positivo.

E do investimento que você fez em celular, internet, computador, você ainda continua utilizando isso ou você deixou alguma coisa de lado?

Não, continuo utilizando.

É isso.

Ok.

Muito obrigado,

De nada.

Tchau,

Tchau.

ANEXO XII - PROFESSORA M. PROFESSORA DE INGLÊS

Você trabalhou em 2020 e 2021 como professora durante a pandemia, certo?

Sim.

E qual foi a sua experiência que você teve trabalhando nesse período?

Bom, foi muito difícil, principalmente em relação às tecnologias, porque eu nunca tinha ouvido falar de Meet. Eu tive que aprender, então assisti tutorial, leio tutorial para aprender a mexer na meet. E depois, porque os alunos também não tinham vários, vamos dizer, 80, 70%, no começo não tinha o computador, não tinha o celular para entrar. Então, eu não tinha aula que ficava com um aluno só, né? Mas a gente todo dia tinha que entrar para ficar registrado, às vezes caía a internet, levava falta, daí tinha que justificar por que não tinha entrado para tirar aquela falta. Então, assim, foi bem difícil, foi bem difícil. Eu acredito que todos os professores, né? Nós trabalhamos umas três vezes mais do que o comum, mais do que a gente trabalha na sala de aula. Porque daí tinha que dar conta disso, tinha que dar conta de material impresso para os alunos que não tinham computador, tinha que dar conta de registrar tudo o que a gente fazia. E no final do ano ainda teve aquele registro geral, né? Que a gente teve que fazer o registro de tudo. As fotos que a gente tirava, print. Todo o conteúdo que a gente dava tinha que ser puro escrito, justificado, tudo. Algumas escolas pediram um pouco diferente, mas teve escola que pedia tudinho, todas as aulas justificadas. Então, tinha que colocar tudo que era trabalhado durante a aula, durante o ano todo que a gente ficou afastado, teve que colocar nessa documentação.

E quando você estava trabalhando, o Estado forneceu para você alguma coisa? Ou você teve que comprar seus equipamentos, etc?

Não, o Estado não forneceu nada. Só quando a gente retornou da pandemia que estava o ensino híbrido, que a gente tinha o computador da escola para usar, a gente fazia Meet na escola, né? Mas, dependendo do dia, o que funcionava, eu trazia o meu. Por meio das dúvidas, eu trazia o meu. E, às vezes, o som não funcionava, a imagem não funcionava. Então, a gente tinha que usar o que a gente tinha de curso. Eu trazia o meu computador, às vezes tinha professor que usava pelo celular, né? Mas o governo não proporcionou nada para a gente. Quando a gente estava em casa, tinha que ter internet. Se não tivesse, tinha que ter do mesmo

jeito. Então, tinha que dar um jeito. E, na casa de alguém, na casa de algum parente, ficava sem internet, tinha que se virar.

E o Estado ofereceu para você algum curso para capacitar você a utilizar as plataformas, tipo o Classroom, o meet?

Não. Disponibilizou só o tutorial para a gente aprender, para mexer. Eu fiz um curso depois sobre a meet, mas depois que já tinha retornado com o ensino híbrido, é que forneceram esse curso. E eu fiz, mas ensinando a mexer no Google meet, no Google Classroom. E tinha mais alguma coisa também lá do... Acho que o Google Apresentações, se não me engano. Então, eu cheguei a fazer um curso. Mas foi depois que eu já tinha aprendido a me virar sozinha.

E quando teve esse retorno do ensino EaD para o ensino híbrido, qual foi a principal diferença que você sentiu?

A principal diferença didaticamente com os alunos? Bom, eu senti que os alunos... É como se eles não tivessem tido aula. Porque quando teve o retorno, os alunos que estavam acompanhando pela Meet, que eram poucos, eles até conseguiam acompanhar melhor. Mas a gente teve que fazer uma revisão, porque a gente fez uma revisão, fez um nivelamento. A gente começou praticamente do zero, porque muitos alunos pegavam a atividade impressa, mas também não davam conta de fazer. Sem o intermédio. Sem o intermédio do professor, eles não davam conta. Então a gente teve que começar como se fosse do zero.

E no retorno do presencial mesmo, qual a diferença que você sentiu em relação aos alunos?

Do ano da pandemia para depois da pandemia? Eu percebi bastante situação de aluno com problema psicológico. Aluno com ansiedade. Crise de ansiedade. Os alunos mais depressivos, mais nervosos também. Tanto é que algumas brigas aconteceram com poucos alunos quando a gente retornou, que a gente estava fazendo aquele rodízio de aluno. Então poucos alunos dentro da sala de aula, mesmo assim, de vez em quando saiam algumas brigas. Mesmo sem poder ter o contato, eles acabavam brigando. Sem paciência. Muito assim, imediatista. Quer tudo na hora. Então parece que eles desaprenderam a ter o convívio com a gente. Com o professor. Então não aceitavam ordens. Até hoje, né? Até hoje está assim.

Então acho que esse período da pandemia atrapalhou muito o andamento. Que a gente estava assim, levando... Sexto ano mesmo que a gente estava começando ali com eles. Então a gente estava pegando o fio da meada, né? Se encaminhando. Aí entrou a pandemia. Perdeu tudo aquilo que a gente já tinha começado. Inclusive o trabalho que o sétimo ano dá hoje, né? Quando eles voltaram, quando eles retornaram da pandemia. Eles pegaram metade do ano de ensino remoto e metade do ano presencial. Então eles ficaram ali perdidos, né? E o resultado foi o sétimo ano que a gente teve esse ano. Esses alunos aí dando problema. Com problema psicológico. Alunos sem limite. Acho que em casa também. Aquele limite que a gente dá na escola, tem família que não dá em casa. Então eles perderam isso, né? Ficaram um bom tempo perdendo essa noção que a gente dá pra eles. Porque querendo ou não, a escola acaba tendo essa função, né? Fazendo papel de pai e mãe.

E em relação à infraestrutura da escola, você sentiu que houve uma melhora do anos com a pandemia pra cá?

Infraestrutura? Não, melhora eu não digo que teve uma melhora. Eu acho que teve, assim, alguns recursos que foram disponibilizados. A TV, os computadores. Eles se preocuparam em deixar o computador quando voltou, mas não que tivesse uma melhora. Que se fosse realmente fazer de uma forma que ficasse melhor, acredito que eles iam colocar aparelhos melhores, né? O projetor com telão, computador que funciona uma internet mais rápida. Então poderia ser melhorado, sim. Mas eu não achei que melhorou, não.

E assim, você tinha o seu conhecimento prévio, né? De como usar recursos digitais antes da pandemia, durante e depois. Você sentiu que houve uma melhora? E se essa melhora veio por parte de você, ou se foi alguma formação que o governo proporcionou pra você?

Não. Eu aprendi, o que eu aprendi de tecnologia, do uso da tecnologia, a maioria, a maior parte eu aprendi sozinha, com um professor ou outro, pegando ali informação. Agora, falar que foi o governo que ensinou, que passou pra gente essa instrução, não foi. Porque eu pegava o tutorial lá, olhava, via e tal, era mais fácil eu perguntar pra alguém, olha, me ajuda aqui com isso aqui, com isso, com aquilo, mandava mensagem e resolvia. E algumas coisas que eu fui entrando e fui aprendendo sozinha. Fiz um curso de recurso digital, não tem mais alguma coisa lá o nome, recurso tecnológico digital, uma coisa assim. Eu fiz agora esse ano, no segundo trimestre do ano, mas eu fiz por conta da formação em ação. Então, a maior parte do

que eu vi no curso eu já sabia, eu já tinha. A gente já foi aprendendo sozinho. Então, isso foi pra complementar uma coisa ou outra, mas a maioria fui aprendendo por iniciativa minha e por conta própria. Por necessidade. Porque quando eu fiquei sabendo que ia ter as aulas remota, eu falei, gente, e agora? O que eu vou fazer? Vou ter que me virar? Aí ia lá, pesquisava, descobri o que era o Google Meet, joguei lá no Google como que usava e tal, dei uma olhada no tutorial, assisti aos vídeos e fui me virando.

E você teve muita série de alunos durante a pandemia, mandando mensagem à noite?

Bastante, bastante. Não tinha hora pra mandar. A gente ficava quase doida, né? Eu falo assim, de um modo geral. Mas eu, particularmente, às vezes eu tinha que desligar o celular, porque eu recebia mensagem 3 horas da manhã, 5 horas da manhã, aluno, às vezes pai de aluno, mãe de aluno. E a gente, na verdade, foi meio que obrigada, né? Eu fui meio que obrigada a participar dos grupos de WhatsApp, porque o WhatsApp era considerado como uma ferramenta escolar, vamos dizer, né? Então, ele foi colocado como uma ferramenta de estudo, de ensino -aprendizagem. Então, eu tinha que participar dos grupos dos alunos. Na época da pandemia, eu tinha, acho que, 14 turmas, se não me engano. Não lembro se eram 16 ou 14 turmas. Então, eram 14 grupos de WhatsApp. Fora os grupos das escolas que eu tinha, eu estava em três escolas diferentes. Estava aqui no SEVEC, no Gori. E turmas, assim, variadas. Tinha ensino médio, ensino fundamental, tinha a educação profissional. Então, eu tinha tudo misturado. Ah, tinha EJA também. E era uma coisa diferente da outra. Os alunos tinham dúvida e a gente ficava recebendo mensagem. Era sábado, domingo, qualquer hora do dia, qualquer hora da noite. Então, era uma loucura. Às vezes, eu deixava o celular um pouco quieto, descansando ali a fazer alguma coisa. Quando voltava, já tinha lá 100 mensagens. Então, às vezes, eu passava a noite inteira só lendo mensagem e respondendo. Aí, atividade. Ah, você pode receber atividade do aluno pelo WhatsApp. Para mim, foi uma das piores coisas. Porque daí eu recebia mensagem pelo WhatsApp, eu tinha que corrigir pelo WhatsApp, dar o feedback lá para ele e mandar de volta. E não era um aluno ou outro, eram vários. Então, passava o número do celular para o aluno, o aluno mandava mensagem toda hora, ele tinha que explicar o conteúdo pelo celular. Então, às vezes, eu até pegava. Era a mesma turma, o mesmo conteúdo, eu dava CTRL -C e CTRL -V e colava, porque era muito aluno. Mas, fiquei quase doida.

E você sentia que a sua saúde mental deu uma piorada?

Sim, com certeza, com certeza. Tanto é que agora eu uso Remédio para ansiedade, que eu nunca imaginava que eu ia passar por isso. Mas, não sei o que aconteceu.

E, assim, já para ir finalizando.

Você acredita que se os alunos tivessem tido uma melhor oportunidade de receber uma infraestrutura melhor do governo para celular, computador, internet, e os professores também, esse ensino à distância teria dado certo? Ou você acha que teria dado na mesma?

Eu acho que seria melhor estruturado. Porque, se o governo tivesse condições, ou se ele tem condições, poderia ter disponibilizado um recurso melhor, de repente, computadores melhores. A gente vê, eu vi mesmo uma reportagem que o município disponibilizou computadores, comprou computador para os professores, cada professor com seu computador, para poder dar sua aula remota. E os alunos que não tinham computadores, não tinham acesso, eles deram um jeito lá de comprar tablet, de vender recursos tecnológicos mais baratos, com celular. Então, isentava de alguns impostos para eles conseguirem comprar mais barato. Então, deveria ter feito isso para todos, todo lugar deveria ter esse recurso. Porque tinha aluno que não fazia, porque não tinha mesmo. A gente não tinha como falar com o aluno. O aluno não tinha celular, não tinha computador, como o aluno ia fazer? Tinha que fazer impressa, e era aluno bom. Quando começou a meet aqui na escola, que a gente usava o computador da escola, ele poderia ter enviado o computador melhor para a gente. A gente ia usar aquele computadorzinho pequeno, às vezes não funcionava a câmera, não funcionava o áudio, computador que já não era um computador bom, de última geração. Então, poderia ter mandado mais recursos que as aulas seriam mais aproveitadas, sim. Eu acho que isso daí não ia ser a mesma coisa da aula presencial, mas eu acho que ia ter ajudado, sim.

E uma última pergunta.

Quantos anos você tem?

Eu tenho 39.

E de escola?

Eu tenho...

2017...

Eu tenho...

20, 21, 22...

15 anos.

15 anos?

E aquele investimento inicial que você fez para comprar computador, celular, internet, você continua utilizando eles, ou eles estão parados agora? Você não está mais utilizando?

Olha, eu utilizo, eu ainda continuo utilizando porque a gente tem uma coisa ou outra para fazer, né? Agora, a meet mesmo é uma coisa que eu não... Não precisaria ter feito aquele curso da meet. Porque como já... Pandemia, a gente já foi voltando, né? O ensino presencial não utilizei mais. Só para algumas reuniões, algumas coisas que acontecem dentro da escola, né? Mas... E... Procuro aproveitar. Não sei se tem algum recurso que eu comprei que eu não utilizo. Não, acho que eu continuo utilizando. Eu aproveito ainda, né?

Então... É isso. Muito obrigado.

ANEXO XIII - PROFESSORA V. PROFESSORA DE MATEMÁTICA E CIDADANIA E CIVISMO E ENSINO RELIGIOSO.

Então, você trabalhou em 2020 e 2021 como professora da rede, na durante a pandemia, certo?

Trabalhei na rede estadual.

E como foi a sua experiência trabalhando nessa época, durante a pandemia?

Foi um desafio e, ao mesmo tempo, foi uma decepção relacionada aos alunos, porque, na verdade, a gente imagina que o aluno tem o domínio das tecnologias, né?

E no momento que nós precisamos desse domínio, que eles tivessem esse domínio para realizar as atividades, para realizar tudo aquilo que era proposto, as avaliações, as leituras, as buscas, as pesquisas, eles não conseguiam, porque, na verdade, eles utilizam a internet para diversão. Eles não utilizam a internet para estudo, para pesquisa, eles não têm esse domínio.

E nós também, eu, enquanto professora, também tive muita dificuldade, porque nós não tínhamos a disposição, não nos foi proporcionado condições para trabalhar com esse aluno naquele momento. Porque, na verdade, foi um momento diferente de tudo aquilo que a gente vivenciava, foi um momento diferenciado para todos nós. E tanto o professor quanto o aluno, eu acho que nós tivemos vários desafios. Eu senti a dificuldade porque, assim, era uma pressão muito grande, a gente era muito cobrado e não nos foi fornecido todo esse material, todo esse material de apoio, esse suporte que a gente precisava. Na mídia, tudo muito lindo, né? Tudo dá certo, tudo acontece como se imagina. Porque, na verdade, dentro da sala de aula é muito diferente do que aquilo que está no papel, que está posto no papel.

Então, assim, nós não tivemos esse apoio relacionado às tecnologias para dar conta de toda a demanda que nós tínhamos naquele momento.

E você teve que fazer alguma compra de algum computador, celular, quadro para dar as aulas durante o período da pandemia?

Eu acho assim, eu vivenciei isso na pele, né? Porque, assim, eu precisei comprar um notebook porque o meu não dava conta, eu precisei comprar um celular, eu precisei aumentar a minha internet porque não dava conta, caía no meio da aula a internet e eu precisava porque nós

tínhamos que registrar os minutos, os momentos que nós estávamos com o aluno, tinha que estar tudo registrado. Então, a minha internet não podia cair porque se cai a minha internet, eu acabo desmotivando o aluno de participar. Já não eram muitos os alunos que participavam. Eu tinha na minha turma, por exemplo, 10 % dos alunos que participavam da aula.

Então, eu precisava ter uma internet boa que eu estivesse ali em contato com ele e online o tempo todo que ele estava ali para manter os alunos conectados à minha aula. E eu precisei realmente, assim, se eu digo assim para você que o professor teve que investir muito para dar conta de toda demanda.

E o Estado, ele forneceu alguma coisa para vocês ou não?

Enquanto estávamos online, estávamos em casa cumprindo esse período de pandemia que foi 2020 até 2021, os materiais eram todos nossos, internet, computador, celular, tudo que utilizávamos. Se queríamos, assim, uma tecnologia, uma metodologia, utilizar uma metodologia diferente, eu tinha que buscar, eu tinha que correr atrás para dar conta daquilo para conseguir alcançar os meus alunos, para que eles tivessem mais interesse nas aulas. Não nos foi fornecido nada disso. A única coisa que o Estado forneceu e que muitas vezes foi por meio da escola, que a escola acabou investindo, foram as atividades impressas, que aí a tinta, o papel, para estar enviando essas atividades.

E o Estado, ele forneceu algum curso, alguma coisa para capacitar você para poder trabalhar nas Meets, produzir conteúdo novo?

Depois que nós já estávamos em meio a todo esse processo da pandemia, das aulas online, tinha, sim, alguns cursos online que eram fornecidos pelo Núcleo para orientar, questões básicas para você estar trabalhando com os alunos. No início, não. No início, foi um momento assustador, foi um momento de tudo novo, de ninguém saber como se fazia realmente. Então, cada um foi buscando aquilo que achava que era o correto a fazer. Porque a formação mesmo, nós não tivemos uma formação para isso que fosse direcionada exatamente para isso.

E quando houve o retorno para a escola, você sentiu que houve alguma mudança na questão dos alunos, na questão da sua didática? Ou você acha que seguiu a mesma coisa que era antes da pandemia?

Não. Eu senti, assim, que foi bem difícil, porque nós tivemos que retomar vários pontos. Porque o que nós percebemos? Enquanto professor, falando das minhas turmas, eu percebi que tudo aquilo que era o ponto inicial, o básico que o aluno precisava, ele não tinha adquirido naquele período de pandemia. Eu penso, assim, que o período de pandemia, aquele período de... Foi só, assim, o nosso trabalho, acho que nós trabalhamos, assim, três vezes mais do que a gente que trabalhava presencialmente. Mesmo assim, nós não fomos reconhecidos, esse período não foi reconhecido como trabalhado, né? Mesmo porque teve aí um projeto que coloca como esse tempo, um tempo que não foi eficaz de trabalho do professor. Então, eu acho assim, nós trabalhamos muito mais do que presencialmente.

Não atingimos os objetivos com o aluno, isso é uma realidade. Os alunos vieram para a escola sem limites nenhum, sem conhecimento daquela série em que ele estava, daquele ano em que ele estava matriculado. Nós tivemos que retomar tudo, nós não tivemos um tempo hábil para isso. Recebemos avaliações externas, as avaliações externas continuaram, não houve um período assim, vai ter um período preparatório para esses alunos. Depois a gente tem uma avaliação externa, não a avaliação, ela continuou seguindo aqueles trâmites legais que já eram antes da pandemia e que é agora.

Então, assim, eu acho que, eu não consigo ver como que esse tempo que nós trabalhamos na pandemia não é considerado se o aluno foi aprovado, se nós tivemos aprovação dentro da escola, como que ele foi aprovado sem que o professor tenha feito um trabalho com ele.

Então, assim, e nós, no retorno, nós tínhamos os nets que foram fornecidos pela Secretaria de Educação para a gente estar trabalhando com os alunos, mas dentro da escola muitas vezes nós não tínhamos internet o período todo, acabava caindo, nós tínhamos que cumprir o período aula de 50 minutos, nós tínhamos que estar 50 minutos logrados ali e tínhamos a questão também de mudança de uma turma para outra, aquele período que a gente mudava de uma turma para outra que acabava perdendo esses 50 minutos, você tinha que estar se justificando o tempo todo porque você tinha que cumprir com aquela demanda.

E em relação aos alunos, qual foi a diferença que você sentiu de 2019 ou antes para os alunos de agora, os que foram depois da pandemia?

Enquanto os alunos presencialmente, por mais que eles tenham dificuldade, o professor está ali no dia a dia, o professor faz essa mediação do conhecimento, da aprendizagem deles, isso não aconteceu no período pandêmico porque muitos alunos não vieram, as famílias também não têm esse compromisso, não todas, mas a grande maioria não tem esse compromisso de

buscar as atividades no período de pandemia, então muitos alunos ficaram à margem de todo esse conhecimento, de tudo que foi trabalhado. E no retorno, é como eu disse para você, nós recebemos assim os alunos, como eu vou dizer para você, como se eles não tivessem aprendido, não tivessem estudado aquele período de pandemia, sem compromisso nenhum, as famílias também vieram sem esse compromisso, achavam que podiam ir levando como eles levaram no período de pandemia, sem aquela responsabilidade de família, de pai que acompanha, ou de quem é o responsável pela criança que tem que acompanhar o desenvolvimento. Então o que aconteceu?

Nós acabamos acumulando todo esse processo, tanto de educador, observador dessa criança, analista dessa criança, enfermeiro, de todo tipo de acompanhamento, porque nós recebemos alunos com vários problemas emocionais e a escola tinha que dar conta, então nós tivemos vários casos de alunos com ansiedade, crise de ansiedade na escola, e os alunos assim, sem querer saber de nada, sem querer aprender, vindo na escola por vir, porque queriam rever os colégios, porque tinham ficado quase dois anos fora da escola, então isso foi muito difícil. Então o professor, ele teve mais uma vez que se reinventar para dar conta de toda essa demanda.

E a infraestrutura que o Estado lhe forneceu depois da pandemia, você acha que ajudou ou você acha que deu na mesma do que era antes?

Não, eu acho assim que a pandemia trouxe, o que ela trouxe de positivo? Não vou dizer de bom, porque a pandemia não foi boa, né? O que trouxe de positivo nessa questão?

Eu acho que investiu -se mais em tecnologia na escola. Eu acho que assim, ficou, a mantenedora, ela ficou mais atenta à questão de fazer reparos, de fazer reformas da infraestrutura da escola, e o professor e a equipe também já ficaram mais atentas a todas essas questões, porque assim, nós vivenciamos tudo isso e necessitamos muito de todo esse processo, então agora quer dizer, no retorno, a gente já sabe que a gente precisa disso, só que nós continuamos com todo esse controle, né? Porque se a gente tem hoje dentro da sala de aula um educatron, é para controlar -se o número de alunos que a gente tem em sala, o que é que você está trabalhando com esse estudante, com esse adolescente, com essa criança, se está tendo avanço, se não está, então assim, é uma rede, hoje está tudo interligado, então não tem como você falar assim, esse aluno veio para a escola, porque ele vai estar registrado ali, no

momento que você faz chamada já é imediato, então tem -se um controle, nós temos controle de tudo que está na rede, que está interligado e o Estado, a mantenedora também.

E, já para ir finalizando, você acha que se os alunos eles tivessem uma infraestrutura melhor durante a pandemia, tivessem recebido um computador do governo, ou então um celular, uma internet de qualidade, você acha que teria melhorado a aprendizagem deles ou você acha que teria dado na mesma?

Eu acho que nós teríamos uma maior participação nas aulas e teria sim sido melhor, por quê? Nós tínhamos alunos que não tinham uma internet de qualidade para assistir às aulas, que entrava e caía, não conseguia se manter ali. Nós tínhamos família que tinha um celular só para a família toda, outras famílias onde os alunos tinham celular, mas o celular não dava conta de atender a toda essa demanda. Então, assim, eu acho que faltou pensar assim, será que antes de propor tudo isso, será que a nossa clientela, os nossos alunos, vão ter condições de acompanhar isso que nós estamos propondo e que está tão lindo no papel e na mídia? Que não foi o que aconteceu na realidade.

E você durante a pandemia, quando você estava lá com os alunos, você recebia muita série de alunos mandando mensagem para você às 10 horas da noite, meia -noite, uma da manhã, e você tinha que ficar respondendo?

Eu digo para você que na pandemia nós trabalhamos o nosso período, à noite, final de semana, feriado, que nós não tínhamos horário, porque as famílias, por exemplo, quem trabalhava e aquelas famílias que se preocupavam com a criança ou adolescente que estava ali, eles só podiam entrar em contato com o professor à noite. E o meu período de trabalho, de repente, não era à noite, mas eu não ia deixar de atender, então eu atendia. A escola enviava para a gente uma mensagem lá para o WhatsApp que a gente tinha que passar tal recado para a família. A gente tinha que fazer isso fora do nosso horário, então nós tivemos que criar grupo de WhatsApp, nós não tínhamos privacidade no nosso celular, porque aí todas as famílias tinham acesso ao nosso número, a escola, todos da escola tinham, então nós perdemos privacidade, aumentou a nossa carga horária de trabalho, então isso daí é uma questão de precarização do trabalho docente, intensificação do nosso trabalho, eu acho que isso aflorou muito na questão da pandemia, porque intensificou -se demais o trabalho do professor, especialmente.

E em relação àquele investimento que você fez em computador, celular, internet, você continua fazendo uso desses instrumentos ou você tem algum instrumento que você investiu na pandemia que agora você só deixa de canto e não usa mais?

Não, todos os instrumentos que eu adquiri, que eu adquiri um notebook, a internet que eu aumentei, e o celular eu continuo utilizando agora, mas utilizo para o meu próprio trabalho, na minha casa, não preciso estar trazendo para a escola, a não ser quando eu venho fazer um planejamento, eu venho para a escola na minha horatividade, por exemplo, eu tenho que trazer o meu notebook para fazer o meu planejamento, aí acontece inúmeras vezes de eu chegar na escola e não ter internet, então quer dizer, você fica com aquele tempo ocioso ali, porque você está na sua horatividade, não consegue fazer o que tem que fazer e é um tempo perdido, para mim é um tempo perdido.

E daí agora a última pergunta mesmo, você tinha um conhecimento prévio de recursos digitais antes da pandemia, durante e depois, você sentiu que houve um aumento ou você acha que aquele conhecimento que você tinha antes da pandemia foi suficiente para te carregar até agora, ou seja, não houve um desenvolvimento muito grande?

Não, o conhecimento que eu tinha foi muito aprimorado durante a pandemia, porque assim, como nós não tivemos formação vinda da mantenedora, nós tivemos que correr atrás, que buscar, porque nós não podíamos ficar desde o início da pandemia aguardando até que nos fosse oferecida uma formação, então eu tive que buscar formação, cursos online, tudo online, paguei cursos do meu próprio bolso, então foi um investimento também, fiz cursos online, tanto os gratuitos como pagos e foi uma coisa que ficou para a minha vida.

Hoje eu utilizo em sala de aula todos aqueles recursos que eu acabei aprendendo durante a pandemia, que era para aquele momento, eu utilizo em sala de aula com os alunos e utilizo quando eu preciso para a minha vida pessoal também.

E quantos anos você tem?

Eu tenho 53.

E de escola?

Aqui no estado eu tenho 17.

E no município eu tenho 27.

27, entendi.

E assim, você sentiu que esse conhecimento que você adquiriu, você não teria adquirido ele se não fosse a pandemia?

Eu acho que estimulou bastante eu procurar, eu ir em busca desse conhecimento. Eu tinha um conhecimento bem básico de tecnologias e eu precisei assim, como todos os professores ou a maioria, me reinventar nessa pandemia, né? Buscar mesmo, buscar estratégias diversificadas, novas metodologias e muito do que a gente trabalhava com os alunos online eram metodologias ativas, metodologias que a gente utilizava de forma online, com eles ali um jogo, uma brincadeira, como eles não estavam presencial tinha que ser tudo online. Então foi assim, nessa questão da busca, do aprendizado, foi bom.

Entendi.

Então era isso.

Muito obrigado.

Obrigada.